

Câmpus de São José do Rio Preto

MARIANA ALVES MACHADO PELEGRINI FELIPE

**ENTRE A CONCESSÃO E A ADVERSIDADE: CONSTRUÇÕES COM *AUNQUE* NO
ESPAÑHOL PENINSULAR FALADO SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA
DISCURSIVO-FUNCIONAL**

São José do Rio Preto

2018

MARIANA ALVES MACHADO PELEGRINI FELIPE

**ENTRE A CONCESSÃO E A ADVERSIDADE: CONSTRUÇÕES COM *AUNQUE* NO
ESPANHOL PENINSULAR FALADO SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA
DISCURSIVO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística).

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Funcional de Língua Falada e Escrita

Orientação: Profa. Dra. Talita Storti Garcia

Co-orientação: Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti

Agência financiadora: CAPES

São José do Rio Preto

2018

Felipe, Mariana Alves Machado Pelegrini.

Entre a concessão e a adversidade: construções com *aunque* no espanhol peninsular falado sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional / Mariana Alves Machado Pelegrini Felipe . -- São José do Rio Preto, 2018
114 f. : il.

Orientador: Talita Storti Garcia

Coorientador: Erotilde Goreti Pezatti

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Gramática discursivo funcional 3. Língua espanhola - Espanhol falado. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 460-5

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Campus de São José do Rio Preto

MARIANA ALVES MACHADO PELEGRINI FELIPE

Entre a concessão e a adversidade: construções com *aunque* no espanhol peninsular falado
sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística).

Agência financiadora: CAPES

COMISSÃO JULGADORA
Titulares

Profa. Dra. Talita Storti Garcia
UNESP – São José do Rio Preto

Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos
UNESP – São José do Rio Preto

Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi-Sé
UFSCar– São Carlos

Suplentes

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza
UNESP – São José do Rio Preto

Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva
UNESP – Araraquara

São José do Rio Preto
21 de maio de 2018

Dedico este trabalho aos meus pais, Danilo e Sulamita, os mais diretos responsáveis por esta conquista. Sem seu amor e dedicação, nada teria sido possível.

AGRADECIMENTOS

À minha irmã Rafaela, minha companheira em todos os momentos, por ser minha mais necessária distração e estar sempre, do seu jeito, pronta para me ouvir.

À minha família, em nome da minha amada avó, Maria José, meu porto seguro, meu refúgio em absolutamente todos os momentos da minha vida. Agradeço a todos pelo carinho e amor com que sempre me receberam e por terem compreendido minhas ausências.

Aos amigos, companheiros da vida e mais do que nunca destes dois anos de trabalho. Sem a leveza dos momentos que passamos juntos, o caminho teria sido menos feliz. Obrigada por terem sido meu amparo nas horas difíceis e por estarem sempre atentos aos meus chamados.

À Profa. Dra. Talita Storti Garcia, minha orientadora e companheira de pesquisa há seis anos, que me abriu as portas e os olhares para o universo acadêmico. Devo a ela nada menos que minha imensa admiração pelo espanhol, bem como toda a evolução acadêmica e pessoal que tive ao longo desses seis anos de trabalho.

À Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti, minha co-orientadora, pela disponibilidade e atenção em todos os momentos em que precisamos de suas valiosas contribuições. Como minha professora desde a graduação, agradeço por todas as vezes que compartilhou conosco seu conhecimento.

À Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos e à Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi-Sé, que acompanham o trabalho desde o Exame de Qualificação. Agradeço por todas as contribuições, por sua atenção e dedicação ao trabalho. À Sandra devo, também, por ter sido minha professora na graduação, parte da minha evolução nos estudos do espanhol. Obrigada por ter compartilhado conosco seu conhecimento e, em suas aulas, buscado sempre nosso melhor.

Aos membros do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), pelo carinho e atenção. Agradeço pelas valiosas contribuições, que me fizeram e fazem pensar o trabalho de pesquisa como uma atividade contínua e de diálogo constante.

À CAPES, pelo auxílio financeiro concedido, possibilitando minha inteira dedicação a este trabalho.

“A linguagem comunica a essência linguística das coisas”
(Walter Benjamin)

RESUMO

Este estudo investiga as orações concessivas do espanhol falado introduzidas por *aunque*, junto que, de acordo com os compêndios gramaticais, pode assinalar uma relação concessiva ou adversativa em língua espanhola. Sob a perspectiva da teoria da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), pretendemos averiguar como o fenômeno da sobreposição semântica entre concessão e adversidade é concebido e, de maneira específica, investigar as particularidades da relação concessiva que ocorre nos níveis e camadas do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, especialmente no Nível Interpessoal. Diversos autores na literatura do espanhol afirmam que “as relações de concessão e de adversidade fazem referência a domínios nocionais muito próximos” apoiados no argumento de que ambas apresentam elementos de informação contrastantes entre si (FLAMENCO GARCÍA, 2000, p.3809). Em espanhol, algumas estruturas, quando introduzidas por *aunque*, podem comportar diferentes leituras, o que se comprova substituindo a conjunção *aunque* por *pero*, como se observa em: *Parece tonto, aunque a veces sorprende* e *Parece tonto, pero a veces sorprende* (CASCÓN MARTÍN, 2000, p.169). O presente trabalho parte do pressuposto de que todo uso de *aunque* é, na realidade, concessivo, e o que permite uma leitura adversativa é, na verdade, uma questão de ordem pragmática. Os dados mostram que as orações consideradas pela literatura como adversativas são as que se constituem entre Atos Discursivos e entre Movimentos, ambas do Nível Interpessoal. Nesse caso, tendem a ser não pressupostas, pois essas construções carregam a informação mais saliente do ponto de vista informativo ou simplesmente configuram casos nos quais o falante deseja mencionar/relembrar alguma informação, não importando se o ouvinte a conhece ou não; além disso, são construções que tendem à factualidade, alternam a forma verbal entre indicativo e subjuntivo (embora apenas os casos com verbo no indicativo aceitem substituição por *pero*) e tendem a aparecer em posição posposta ou independente. No que diz respeito à análise dos dados, o universo de investigação adotado consiste em amostras extraídas do Projeto PRESEEA.

Palavras-chave: *concessão; adversidade; aunque; espanhol peninsular falado; Gramática Discursivo-Funcional.*

ABSTRACT

This study investigates the concessive clauses from the spoken Spanish introduced by *aunque*, connective that, according to the grammatical compedia, can indicate a concessive or adversative relation in the Spanish language. From the perspective of the Functional Discourse Grammar (FDG) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), we intend to inquire how the phenomenon of the semantic overlap between concession and adversity is conceived and, in a specific way, to investigate the particularities of the concessive relation that occurs in the levels and layers of the Discursive-Functional Grammar model, especially in the Interpersonal Level. Many authors in the Spanish literature claim that “the relations of concession and adversity make reference to very close notional domains” supported by the argument that both present contrasting elements of information (FLAMENCO GARCÍA, 2000, p.3809). In Spanish, some structures, when introduced by *aunque*, may have different readings, which is proven by substituting the conjunction *aunque* for *pero*, as seen in: *Parece tonto, aunque a veces sorprende* and *Parece tonto, pero a veces sorprende* (CASCÓN MARTÍN, 2000, p.169). The present work is based on the assumption that every use of *aunque* is, in reality, concessive, and what allows the adversative reading is, actually, a pragmatic matter. The data show that the clauses considered by literature as adversative are the ones that constitute between Discursive Acts and between Move, both in the Interpersonal Level. In this case, they tend to be non-presupposed because these constructions carry more salient information from the informative point of view or simply configure cases in which the speaker wishes to emphasize some information, not being important if the listener knows it or not; in addition, they are constructions that tend to factuality, they alternate the verbal form between indicative and subjunctive (although only cases with the verb in the indicative accept the substitution for *pero*) and tend to appear in a postero or independent position. As for the data analysis, the universe of research adopted consists of samples extracted from the PRESEEA Project.

Key-words: *concession; adversity; aunque; spoken peninsular Spanish; Functional Discourse Grammar.*

RESUMEN

Este estudio investiga las oraciones concesivas del español hablado introducidas por *aunque*, conjunción que, según la perspectiva tradicional, puede indicar una relación concesiva o adversativa en lengua española. Desde el punto de vista de la Gramática Discursivo-Funcional (GDF) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), pretendimos investigar cómo el fenómeno de la superposición semántica entre concesión y adversidad se concibe y, de modo específico, investigar las particularidades de la relación concesiva que ocurre en los niveles y capas de la Gramática Discursivo-Funcional, especialmente en el Nivel Interpersonal. Diversos autores en la literatura del español dicen que “las construcciones concesivas y adversativas hacen referencia a dominios nocionales muy próximos”, apoyadas en el argumento de que las dos presentan elementos de información que contrastan entre ellos (FLAMENCO GARCÍA, 2000, p.3809). En español, algunas estructuras, cuando van introducidas por *aunque*, pueden permitir distintas lecturas, lo que se comprueba por la sustitución de *aunque* por *pero*, como en *Parece tonto, aunque a veces sorprende* e *Parece tonto, pero a veces sorprende* (CASCÓN MARTÍN, 2000, p.169). El presente estudio parte de la idea de que todo uso de *aunque* es, en realidad, concesivo, y lo que permite una lectura adversativa es una cuestión de orden pragmática. Los datos nos enseñan que las oraciones consideradas por la literatura como adversativas son las que se constituyen entre Actos Discursivos y entre Movimientos, en el Nivel Interpersonal. En estos casos, tienden a ser no presupuestas, pues llevan la información más saliente desde el punto de vista informativo o simplemente son casos en los cuales el hablante desea reforzar alguna información, sin importarse con el hecho de que su oyente la conozca o no; además, son construcciones que tienden a la factualidad, alternan la forma verbal entre indicativo y subjuntivo (*aunque* apenas los casos con verbo en indicativo aceptan sustitución por *pero*) y tienden a aparecer en posición pospuesta o independiente. En lo que se refiere al análisis de datos, el universo de investigación adoptado se constituye por muestras del Proyecto PRESEEA.

Palabras clave: *concesión; adversidad; aunque; español peninsular hablado; Gramática Discursivo-Funcional.*

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

CAPÍTULO 1

Figura 1: A GDF como parte de uma teoria mais ampla da interação verbal.....	22
Figura 2: Organização geral da Gramática Discursivo-Funcional.....	23
Quadro (1): Categorias semânticas.....	28

CAPÍTULO 2

Quadro (2): Tipos de coordenação e conjunções coordenativas.....	47
Quadro (3): Tipos de subordinação e conjunções subordinativas.....	48
Quadro (4): Pontos convergentes entre concessão e adversidade.....	52
Quadro (5): Critérios de distinção.....	59

CAPÍTULO 3

Quadro (6): As correlações das formas verbais da concessão no NI (função retórica).....	94
---	----

CAPÍTULO 4

Quadro (7): Caracterização geral das orações concessivas do NI.....	103
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1.....	18
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
1.1 A Gramática Funcional	18
1.2 A Gramática Discursivo-Funcional.....	20
1.2.1 O modelo da Gramática Discursivo-Funcional	21
1.2.2 Os níveis da Gramática Discursivo-Funcional	24
1.2.2.1 O Nível Interpessoal.....	25
1.2.2.2 O Nível Representacional.....	27
1.2.2.3 O Nível Morfossintático.....	29
1.2.2.4 O Nível Fonológico.....	31
1.3. A concessão na GDF.....	33
1.4. A Linguística Textual e a direção argumentativa da concessão e da adversidade: diálogo com a GDF.....	38
CAPÍTULO 2.....	44
O LUGAR DA CONCESSÃO E DA ADVERSIDADE NA LITERATURA.....	44
2.1. A coordenação e a subordinação de orações na literatura.....	45
2.2 Pontos convergentes entre concessão e adversidade	49
2.3 Pontos divergentes entre concessão e adversidade.....	52
CAPÍTULO 3.....	63
UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO E FATORES DE ANÁLISE	63
3.1. Nível e camada do componente gramatical.....	65
3.2. Tipo de informação veiculada pela estrutura prefaciada por <i>aunque</i> : pressuposição ..	67
3.3. Factualidade da oração principal e da oração introduzida por <i>aunque</i>	68
3.4. Tempo e modo verbal das orações: a correlação modo-temporal entre oração principal e oração introduzida por <i>aunque</i>	69
3.5. Posição da oração introduzida por <i>aunque</i> com relação à oração principal	71
3.6. Tipo de dependência no Nível Morfossintático	72
CAPÍTULO 4.....	74
ANÁLISE DOS DADOS.....	74
4.1 Nível e camada do componente gramatical.....	74
4.1.1 Nível de atuação da relação concessiva	74
4.1.2 Camada de atuação da relação concessiva	78

4.2. Tipo de informação veiculada pela estrutura prefaciada por <i>aunque</i> : pressuposição ..	83
4.3. Factualidade da oração principal e da oração introduzida por <i>aunque</i>	87
4.4. Tempo e modo verbal das orações: a correlação modo-temporal entre oração principal e oração introduzida por <i>aunque</i>	89
4.4.1 Relações modo-temporais	89
4.4.2 Correlação modo-temporal entre oração principal e oração concessiva	93
4.5. Posição da oração introduzida por <i>aunque</i> com relação à oração principal	95
4.6. Tipo de dependência no Nível Morfossintático	99
CONCLUSÕES	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

INTRODUÇÃO

Este texto contempla o percurso investigativo realizado no âmbito da pesquisa “Entre a concessão e a adversidade: construções com *aunque* no espanhol peninsular falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional” (que recebe apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES), orientado pela Profa. Dra. Talita Storti Garcia, com co-orientação da Profa. Dra. Erolilde Goreti Pezatti, ligado ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da UNESP/IBILCE.

A motivação para a escolha deste tema é fruto de inquietações advindas de trabalhos anteriores. Em 2012, quando da realização da pesquisa intitulada “A relação entre as orações adversativas e as orações concessivas nas gramáticas de língua espanhola”, na forma de Estágio Básico, observamos na literatura do espanhol que as orações concessivas e adversativas, em especial aquelas introduzidas por *aunque*, mantinham relação direta entre si, tendo em vista a sobreposição semântica desses dois tipos de adverbiais em alguns contextos. Tal pesquisa culminou, em 2013, no artigo intitulado “As orações introduzidas por *aunque*: concessão ou adversidade? Da tradição gramatical à perspectiva linguística”, publicado na revista Mosaico da UNESP/IBILCE. Em 2014 e 2015, em pesquisa de Iniciação Científica, intitulada “As orações introduzidas por *aunque* no espanhol peninsular falado: uma análise Discursivo-Funcional” (FAPESP/Processo nº: 2013/20938-3), investigamos as orações concessivas introduzidas por *aunque* no espanhol peninsular falado com base no modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (que resultou em trabalho publicado por Garcia e Felipe, em 2016, “As orações concessivas prefaciadas por *aunque* no espanhol peninsular falado: uma descrição à luz da Gramática Discursivo-Funcional”). Estudar a concessão em estruturas prefaciadas por essa conjunção nos proporcionou novas perguntas de pesquisa e ainda mais inquietações a respeito dos usos concessivos e adversativos de *aunque*.

A concessão, na literatura tradicional do espanhol, é concebida como uma oração subordinada que apresenta um obstáculo para o cumprimento da ação expressa na oração principal, mas não chega a impedi-la. A adversidade, por sua vez, é postulada pelos estudiosos tradicionalistas e descritivistas como “aquele tipo oracional no qual se contrapõem

uma oração afirmativa e uma negativa” (SÁNCHEZ PEREZ et al, 1980, p.174).¹ Diversos autores (*Real Academia Española* (RAE), 1931; *Nueva gramática de la lengua española* (NGLE), 2009; KÖNIG, 1994; BOSQUE; DEMONTE, 2000; NEVES, 2000; MATTE BON, 2003), no entanto, afirmam que “tanto nos enunciados concessivos quanto nos adversativos há dois elementos de informação que se contrastam entre si” (MATTE BON, 2003, p.211).²

Essa proximidade semântica tem lugar quando o relator/nexo³ que introduz determinadas construções é *aunque*, pois essa conjunção, conforme entendem a Real Academia Española (1931), Rivas Muiño (1989) e Matte Bon (2003), por exemplo, pode introduzir estruturas concessivas e também adversativas, mas a diferença entre um caso e outro não é mencionada.

O relator *aunque* é muito produtivo na língua e tem sido alvo de vários estudos recentes. Parra (2016) e Olbertz, Garcia e Parra (2016) descrevem usos de *aunque* em contextos do espanhol falado e escrito, e também o reconhecem como juntor que transita entre valores concessivos, adversativos e até condicionais. Partiremos dos usos já reconhecidos por Parra (2016) para descrever o trânsito de *aunque* entre os valores concessivo e adversativo, visto que a autora o concebe em termos discursivo-funcionais em contextos do espanhol falado e escrito.

A ocorrência que segue ilustra os casos de orações introduzidas por *aunque* no corpus utilizado nesta pesquisa seguida da plausível substituição de *aunque* por *pero*, conforme se observa em (1a), se assumidas as diferentes leituras que a construção pode receber:

(1) *ya hemos conseguido muchas cosas pues que no teníamos hace muchísimos años ¿no? aunque todavía quedan nos quedan muchísimas para- para estar a otros niveles de otros sitios* (8, H-AH, 20)⁴

já conseguimos muitas coisas que não tínhamos há muitos anos, não? Embora ainda restem muitas para conseguir⁵

¹ Son aquellas oraciones en las cuales se contraponen una oración afirmativa y otra negativa (SÁNCHEZ PEREZ et al, 1980, p.174).

² Los enunciados con oraciones concesivas y aquellos que incluyen una oración adversativa son enunciados en los que el hablante menciona dos elementos de información que contrastan fuertemente entre ellos (MATTE BON, 2003, p.211).

³ Os termos *relator*, *nexo*, *conjunção*, *conector* e *juntor* aparecerão ao longo do trabalho de maneira indistinta, como sinônimos, já que não é objetivo central deste estudo examinar os valores que cada termo pode assumir em determinado contexto de uso.

⁴ As indicações determinam respectivamente: o informante, o sexo do informante, o local em que foi realizada a pesquisa (Alcalá de Henares, no caso) e o número da entrevista correspondente ao trecho citado, como será detalhado no capítulo 3.

⁵ As traduções de ocorrências presentes neste trabalho foram por nós realizadas a fim de auxiliar na interpretação dos leitores, não sendo exatamente correspondentes ao enunciado original na língua estrangeira, e estão localizadas logo abaixo de cada ocorrência, ou ao fim da página, em nota de rodapé.

(1a) *ya hemos conseguido muchas cosas pues que no teníamos hace muchísimos años ¿no? pero todavía quedan nos quedan muchísimas para- para estar a otros niveles de otros sitios*

já conseguimos muitas coisas que não tínhamos há muitos anos, não? Mas ainda restam muitas para conseguir

A presente pesquisa objetiva descrever as orações introduzidas por *aunque* à luz da teoria da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), tendo como objetivo geral explicar o fenômeno da chamada “sobreposição semântica” (RAE, 1931; RIVAS MUIÑO, 1989; CASCÓN MARTÍN, 2000; FLAMENCO GARCÍA, 2000; entre outros) entre concessão e adversidade, com o intuito de defender que o que a Gramática Tradicional entende como uso ora concessivo, ora adversativo de *aunque* é uma ocorrência de relação concessiva no Nível Interpessoal (NI). Como objetivos específicos, pretendemos investigar as propriedades da relação de concessão que ocorre nos níveis e camadas do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, especialmente no Nível Interpessoal..

O universo de investigação consiste em amostras extraídas do Projeto PRESEEA (*Proyecto Sociolingüístico del Español de España y de América*), disponível em <http://preseea.linguas.net>. Restringimos as amostras à cidade de Alcalá de Henares, localizada a aproximadamente 100 km de Madri, capital da Espanha, conforme previsto no projeto de pesquisa. Objetivamos, no que se refere à escolha do cópuz, apenas utilizar seus dados para a descrição de nosso objeto de estudo, as construções com *aunque*. Não pretendemos, portanto, embora o projeto PRESEEA apresente dados socialmente motivados, realizar um estudo sociolingüístico.

No que diz respeito às questões de pesquisa, bem como ao cópuz selecionado para análise dos dados, não pretendemos incorporar em nossos critérios de análise, dado o recorte deste trabalho, uma análise fonológica das ocorrências. Reconhecemos, no entanto, a importância dos aspectos fonológicos em uma descrição desta natureza, visto que, como pressuposto no próprio quadro teórico da Gramática Discursivo-Funcional, esses aspectos são determinados por condicionantes pragmáticas, semânticas e sintáticas.

Nesta investigação, procuramos, à luz do modelo teórico proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), uma explicação para as diferentes leituras e para a sobreposição de valores, defendidas por grande parte dos autores no tratamento dessa questão em espanhol. Buscamos, ao longo deste texto, responder às seguintes questões de pesquisa:

(i) as orações concessivas introduzidas por *aunque* realmente compartilham propriedades com as estruturas adversativas?;

(ii) se compartilham, quais são essas propriedades e de que modo se dá essa aproximação?;

(iii) se não se sobrepõem às estruturas adversativas, quais são as propriedades das concessivas atuantes nos distintos estratos postulados pela teoria?;

(iv) e, por fim, como pode ser explicada a relação entre concessão e adversidade, reconhecida por Flamenco García (2000), König (1994) e Neves (2000), em um modelo como o da Gramática Discursivo-Funcional?

Partimos da premissa de que todo uso de *aunque* é, de fato, concessivo e que os casos de *aunque* adversativos apontados pela literatura, na verdade, constituem uma estratégia para o alcance dos objetivos do falante na interação (ocorrem no Nível Interpessoal).

Este trabalho contém quatro capítulos. O primeiro, *Fundamentação Teórica*, apresenta a teoria que embasa a pesquisa: descreve, portanto, os princípios teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), além de alguns preceitos da Linguística Textual (LT), perspectiva com a qual estabelecemos certo diálogo por apresentar considerações significativas sobre o lugar da concessão e da adversidade do ponto de vista textual. O segundo capítulo refere-se ao *lugar da concessão e da adversidade na literatura*, e tem como objetivo a relação entre concessão e adversidade, por meio de uma revisão da literatura a respeito dos postulados que concebem os dois tipos oracionais e vão desde pressupostos teóricos que concernem à Gramática Tradicional até às noções de autores sob o viés funcionalista.

No terceiro capítulo, intitulado *Universo de investigação e fatores de análise*, listamos e descrevemos cada um dos fatores de análise pré-determinados a fim de justificar a análise do quarto capítulo. Nesse capítulo, de *Análise dos dados*, inicialmente, é descrito cada fator por meio da análise das ocorrências do cópua, bem como de sua associação aos postulados da literatura. Em seguida, sistematizamos a análise anterior por meio de uma caracterização das estruturas aqui abordadas a fim de tornar mais claro o lugar que ocupam as construções com *aunque* que permitem, segundo o olhar dos estudiosos do espanhol, leitura concessiva e adversativa.

Nas *Conclusões*, por fim, recuperamos os principais preceitos da Gramática Discursivo-Funcional e da Linguística Textual que embasam os resultados obtidos. Ademais, apresentamos as contribuições desta pesquisa para os estudos do espanhol falado.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo se refere aos conceitos teóricos que permeiam esta pesquisa e, assim sendo, justificam a perspectiva teórica adotada. Serão enfatizados os conceitos e unidades de análise da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), aparato teórico norteador deste estudo, em especial aqueles que estão diretamente relacionados às nossas questões de pesquisa.

A princípio, a escolha pela abordagem funcional como aporte teórico desta pesquisa se justifica, como reconhece Conolly (2007 apud Pezatti, 2012, p.107), pela necessidade de uma teoria que explique “não somente os recursos lexicais, morfossintáticos e semânticos do sistema linguístico, mas também os meios pelos quais esses recursos devem ser dispostos para o propósito da comunicação”, dado que nosso estudo parte da descrição de dados referentes a contextos reais de comunicação, princípio norteador dos estudos funcionalistas. Tendo isso em vista, é necessário optar por uma abordagem teórica que considere a língua em situações reais de comunicação e contemple os aspectos inerentes a toda e qualquer interação verbal. Isso significa considerar a atitude do falante e sua intenção linguística na interação com seus interlocutores, o que implica dar conta dos eventos linguísticos nos âmbitos pragmático, semântico, morfossintático e fonológico de maneira conjunta, e, ao mesmo tempo, tendo em vista a relação hierárquica que estabelecem entre si.

Nas seções que seguem, faremos uma apresentação do modelo teórico da GDF e da teoria que a originou, a Gramática Funcional (GF), concebida por Dik, em 1989, com a finalidade de descrever e justificar em que medida é por nós considerado um aparato teórico coerente para este estudo. Além disso, serão feitas algumas considerações a respeito de determinadas vertentes da Linguística Textual, perspectiva com a qual dialogamos, a fim de explicar conceitos como direção e peso argumentativo, noções utilizadas na caracterização da concessão e da adversidade.

1.1 A Gramática Funcional

O funcionalismo, em âmbitos gerais, caracteriza-se por investigar os fenômenos linguísticos como funcionalmente motivados, ou seja, condicionados pelas funções que desempenham nos contextos de comunicação. Em oposição a outros ideais teóricos, o

funcionalismo parte do pressuposto de que se deve considerar a língua em situações de comunicação, já que, em qualquer instância, se trabalha com a interação humana.

Este trabalho, em particular, lida com dados reais de comunicação, pois analisa a língua falada. Desse modo, justifica-se a escolha por uma perspectiva teórica que priorize o funcionamento da linguagem em sua forma mais efetiva: o modelo teórico funcionalista. É sabido, no entanto, que o funcionalismo, enquanto princípio teórico, não se resume a uma vertente teórica, mas é base para a existência de diversos modelos que partilham entre si uma série de fundamentos básicos que têm sua origem no entendimento da linguagem como instrumento de comunicação, e, por consequência, privilegiam a língua em situações reais de uso.

Uma das vertentes do funcionalismo é a Gramática Funcional de Dik (1997a), base para o desenvolvimento da GDF. Ambas trabalham com a hipótese de que grande parte das categorias formais pode ser explicada se levarmos em conta sua correspondência com as categorias semânticas e pragmáticas inerentes à comunicação humana.

Em um modelo que considera os aspectos semânticos e pragmáticos no processo interacional, a teoria de Dik (1997a) considera como indispensáveis para a produção das expressões linguísticas fatores atrelados à relação comunicativa entre falante e interlocutor. Com base nesse modelo, Dik (1997a) propõe uma teoria que dê conta de explicar os aspectos interacionais não explicados por teorias anteriores que não consideravam o uso das expressões linguísticas no âmbito da interação.

Em Dik (1997a), com base nos pressupostos funcionalistas, a língua é concebida como um instrumento de interação social, utilizada para fins comunicativos. Essa interação, no entanto, não ocorre de forma arbitrária, é regida por regras e convenções:

Dentro da interação verbal, os participantes se valem de certos instrumentos que, no sentido geral do termo, nós chamamos de expressões linguísticas. Essas expressões são entidades estruturadas, ou seja, são administradas por regras e princípios que determinam sua construção (DIK, 1989, p.03).⁶

Para Dik (1997a), é necessário considerar três princípios de adequação na descrição das línguas naturais:

⁶ Within verbal interaction, the participants avail themselves of certain instruments which, in a general sense of the term, we shall call linguistic expressions. These expressions themselves are again structured entities, i.e. they are governed by rules and principles which determine their build-up (DIK, 1989, p.03).

(i) *adequação pragmática*, que permite conhecer as propriedades das expressões linguísticas em relação à descrição das regras que governam a interação verbal;

(ii) *adequação psicológica*, relativa ao nível de compatibilidade entre a descrição gramatical e o que é conhecido sobre os processos mentais envolvidos na interpretação e na produção das expressões linguísticas;

(iii) *adequação tipológica*, que requer que a teoria seja capaz de explicar similaridades e diferenças entre os sistemas linguísticos das línguas do mundo.

A partir desses princípios, o modelo de interação proposto por Dik (1997a) deriva de três fatores por ele determinados como sendo (i) a intenção do falante, (ii) a informação pragmática do falante e (iii) a antecipação que ele faz da informação pragmática do ouvinte; enquanto a interpretação do ouvinte depende (i) da própria expressão linguística; (ii) da informação pragmática do ouvinte; e (iii) da hipótese do ouvinte sobre a intenção comunicativa do falante. Nesse sentido, a GF apresenta a oração como uma unidade máxima de análise, e Dik (1997a) já prevê a análise da oração como uma estrutura organizada em camadas.

A GDF é entendida como uma remodelação da GF, pois, dadas as diversas possibilidades presentes na interação verbal, Hengeveld e Mackenzie (2008) consideram a necessidade de que o nível máximo de análise seja, para além da oração, o discurso, entendido como uma sucessão de orações que constituem as relações de interação verbal. A seguir, trataremos especificamente da abordagem teórica da GDF, que protagoniza este trabalho.

1.2 A Gramática Discursivo-Funcional

Aqui, apresentamos de maneira mais detalhada o modelo teórico da GDF, que fundamenta a presente pesquisa, pois entendemos ser essa teoria suficientemente capaz de auxiliar na resposta às nossas perguntas de pesquisa. A GDF é uma teoria que objetiva descrever e, na medida do possível, explicar as propriedades formais das unidades linguísticas a partir da perspectiva funcional. A GDF apresenta como unidade máxima de análise o Ato Discursivo (A). Isso significa que o modelo da GDF, embora mantenha muitos dos princípios básicos recuperados da GF, extrapola o nível da oração proposto por Dik (1997a) e atinge o do discurso a fim de explicar eventos linguísticos não apenas por meio de unidades de análise

menores do que a oração, mas também aquelas maiores, ou seja, quando configuram porções textuais que estão presentes nas interações e só podem ser devidamente entendidas por métodos de análise que caminhem em direção ao discurso.

1.2.1 O modelo da Gramática Discursivo-Funcional

A GDF apresenta uma arquitetura descendente (*top-down*). Isso se deve ao fato de que a teoria assume que um modelo teórico será mais efetivo se obedecer ao processo de produção individual, já que, para Hengeveld e Mackenzie (2008, p.02), “a GDF é uma teoria sobre a gramática que tenta refletir as evidências psicolinguísticas em sua arquitetura básica”.⁷ Sua análise parte da intenção do falante, ou seja, dos elementos que se relacionam à interação, em direção à articulação, passando pela semântica, morfologia e sintaxe. Essa direção descendente é motivada pela “suposição de que um modelo de gramática será mais eficaz quanto mais sua organização se assemelhar ao processamento linguístico no indivíduo” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.01).⁸

Essa teoria apresenta um Componente Gramatical e três Componentes não-Gramaticais: Conceitual, Contextual e de Saída. Esses três últimos interagem com o Componente Gramatical, como é possível observar na Figura (1) a seguir:

⁷ FDG is a theory about grammar, but one that tries to reflect psycholinguistic evidence in its basic architecture (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.02).

⁸ This is motivated by the assumption that a model of grammar will be more effective the more its organization resembles language processing in the individual (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.01-02).

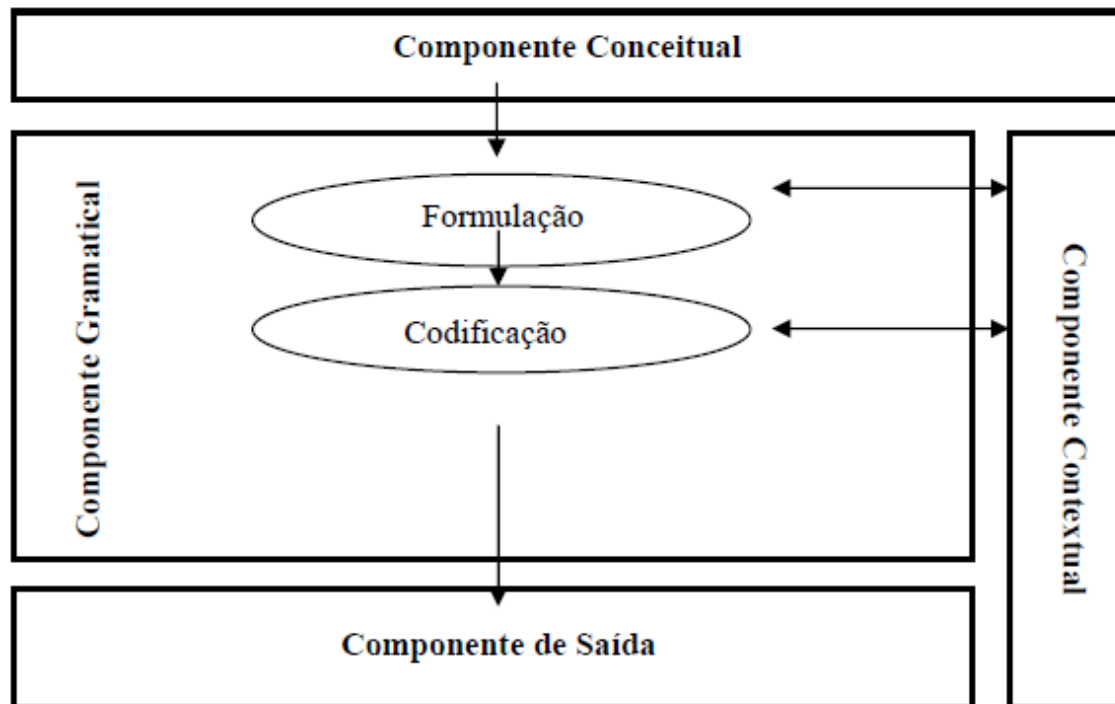


Figura 1: A GDF como parte de uma teoria mais ampla da interação verbal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.6).

Os componentes esquematizados acima são conceituados da seguinte forma e desempenham as seguintes funções: (i) o Componente Conceitual está ligado à intenção comunicativa no processo de fala e às conceitualizações referentes até às questões extralinguísticas; consiste na “força motriz” existente por trás de todo o componente gramatical; (ii) o Componente de Saída, por sua vez, é responsável por gerar as informações a partir do Componente Gramatical; pode ser entendido como uma tradução das expressões concebidas pelo componente gramatical; (iii) e o Componente Contextual corresponde à descrição do conteúdo (bem como a forma), o contexto e as relações sociais presentes no processo de fala.

Dentro desse esquema, a GDF diferencia quatro níveis de organização linguística: o Interpessoal, o Representacional, o Morfossintático e o Fonológico, como representado na Figura (2). Nesse modelo de gramática, na Formulação, são traduzidas as representações conceituais em representações pragmáticas (correspondentes ao Nível Interpessoal) e semânticas (correspondentes ao Nível Representacional); a Codificação Morfossintática é o processo em que são traduzidas as configurações vindas dos Níveis Interpessoal e Representacional em estruturas do Nível Morfossintático (cf. 1.2.2.3); na Codificação Fonológica, por fim, as configurações dos Níveis Interpessoal, Representacional e

Morfossintático são traduzidas em estruturas do Nível Fonológico (NF), que funciona como o input para a *articulação*, presente no Componente de Saída, onde estão as convenções fonéticas necessárias para a expressão.

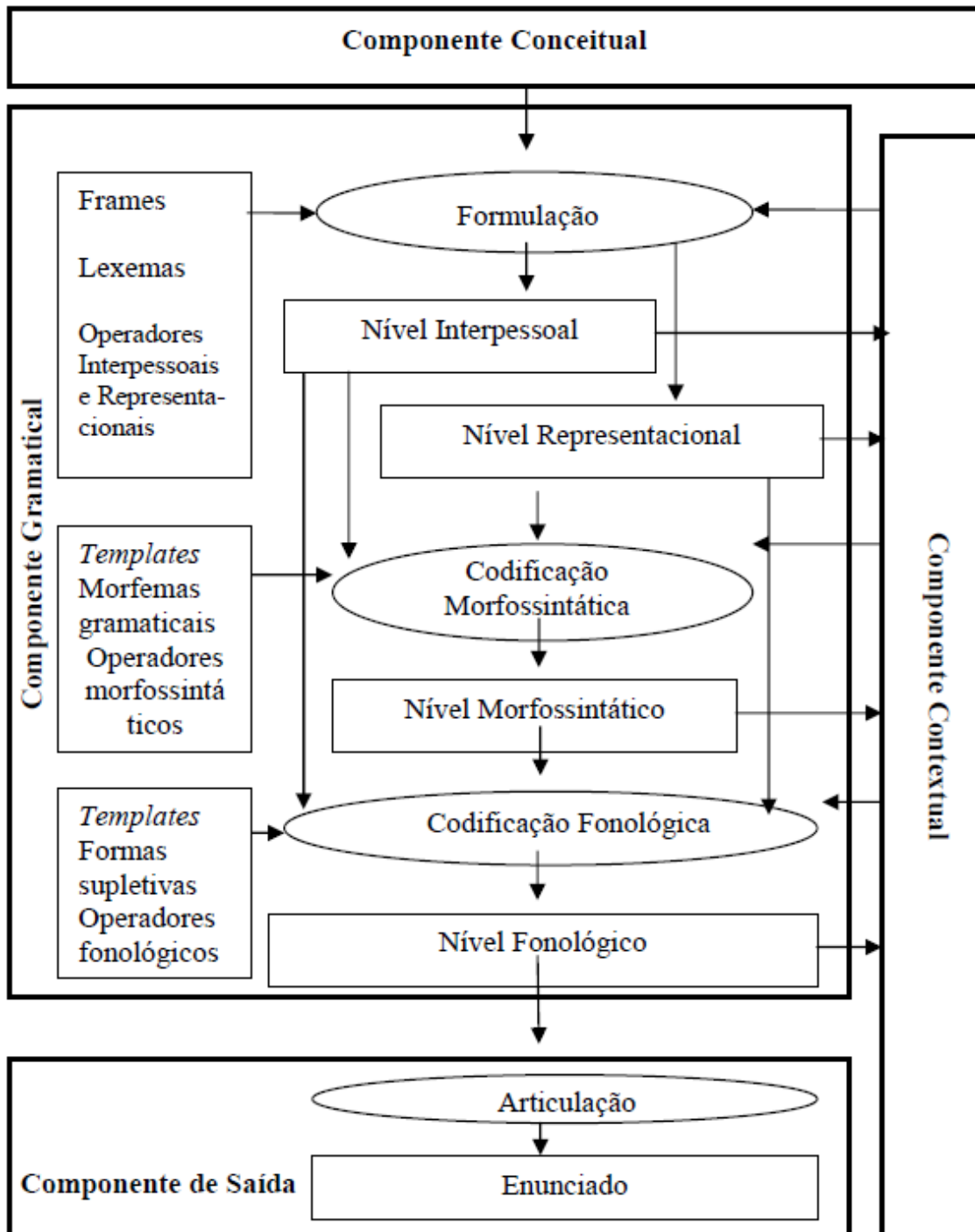


Figura 2: Organização geral da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.13)

1.2.2 Os níveis da Gramática Discursivo-Funcional

No modelo de estruturação em camadas proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), cada um dos níveis de representação é estruturado de maneira específica; o que têm em comum é o fato de que são organizados hierarquicamente em camadas. Na concepção hierárquica da GDF, a estrutura geral das camadas, dentro dos níveis, é a seguinte (HENGEVELD; MACKENZIE, p.14):

$$(\pi v_1: [\text{head}(v_1)\Phi]: [\sigma(v_1)\Phi])\Phi$$

Nessa representação, v_1 representa a variável da camada relevante, que é restrita por um núcleo (possivelmente complexo) que leva a variável como argumento e pode ser restringida ainda por um modificador (σ). A camada pode ser especificada por um operador (π) e carregar uma função (Φ). Os primeiros, núcleos e modificadores, representam estratégias lexicais, enquanto operadores e funções representam estratégias gramaticais.

Nem todas as relações entre essas unidades, no entanto, são hierárquicas. Nos casos em que as unidades juntas formam uma configuração não-hierárquica, o que a GDF reconhece como equipolente, elas são colocadas entre colchetes ([]), como na representação acima, na qual as relações núcleo/argumento e modificador/argumento estão representadas entre colchetes.

Dada a representação do que ocorre internamente nas camadas, nos termos da GDF, “os níveis diferem no sentido de que em cada nível uma expressão linguística é analisada em termos das distinções relevantes para esse nível” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.15),⁹ além do fato de que as representações, em todos os níveis, são de natureza puramente linguística.

Nas seções que seguem, então, faremos uma apresentação dos níveis e camadas que constituem a arquitetura da GDF, destacando, desde já, o lugar que ocupam no desenvolvimento deste trabalho.

⁹ The levels differ in the sense that at each level a linguistic expression is analysed in terms of the distinctions relevant to that level (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.15).

1.2.2.1 O Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal se relaciona aos aspectos pragmáticos da interação, ou seja, todas as propriedades de unidades linguísticas que de fato influenciam, diretamente, a interação verbal. Esse nível capta, pois, “todas as distinções de formulação que dizem respeito à interação entre o Falante e o Ouvinte” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008 p.46).¹⁰ Sua organização em camadas está representada a seguir:

(π M1: [Movimento
(π A1: [Ato Discursivo
(π F1: ILL (F1): Σ (F1))	Ilocução
(π P1: . . . (P1): Σ (P1)) _S	Falante
(π P2: . . . (P2): Σ (P2)) _A	Ouvinte
(π C1: [Conteúdo Comunicado
(π T1: [. . .] (T1): Σ (T1)) _{Φ}	Subato de atribuição
(π R1: [. . .] (R1): Σ (R1)) _{Φ}	Subato de referência
] (C1): Σ (C1)) _{Φ}	Conteúdo Comunicado
] (A1): Σ (A1)) _{Φ}	Ato Discursivo
] (M1): Σ (M1))	Movimento

O NI tem o Movimento como uma de suas unidades de análise, a mais abrangente delas. Uma das características do Movimento é oferecer a possibilidade de uma reação por parte do destinatário do ato de fala, que pode ser uma resposta ou uma objeção. Essa reação, por sua vez, também deve ser entendida como um Movimento. Nesse sentido, Hengeveld e Mackenzie (2008) entendem o Movimento como “uma contribuição autônoma para a interação contínua” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 50).¹¹ Os Movimentos podem conter um ou mais Atos Discursivos combinados entre si e funcionam como uma contribuição no sentido de impulsionar a interação:

¹⁰ This is the level that deals with all the formal aspects of a linguistic unit that reflect its role in the interaction between the Speaker and the Addressee (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008 p.46).

¹¹ A Move may be defined as an autonomous contribution to an ongoing interaction (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.50).

- (1) *yo creo que sí/ que fue: ...// aparte ya te digo de que: naciera bien y el día de mi boda que yo me lo pasé estupendo yo creo que fue el más ...// el que más se me ha quedado:/ grabado ¿no?/ el decir «por fin me llevo a mi hija»// **aunque no la hubiera sacado yo del hospital** porque mi madre tenía ¡ta:ntas ganas! de coger a su nieta/ en brazos// que la sacó ella/ pero a casa:/ la subí yo (6, M-AH, 42)*

eu acredito que sim, que foi... que foi o que te disse, que deu tudo certo no nascimento, o dia do meu casamento foi muito bom, eu acredito que foi o que ficou gravado, não? E dizer: “enfim estou com minha filha” // embora eu não a tivesse levado do hospital, porque minha mãe tinha tanta vontade de pegar sua neta nos braços que foi ela quem a tirou do hospital, mas para casa fui eu que a levei

Em (1), a oração introduzida por *aunque* parece relacionar-se a toda a porção textual que a compreende, em que a oração com *aunque* é inserida, na forma de um parêntese, entre dois outros Movimentos (*el decir «por fin me llevo a mi hija»* e *porque mi madre tenía ¡ta:ntas ganas! de coger a su nieta/ en brazos// que la sacó ella*). Funciona, assim, como uma estratégia do falante para levar a interação adiante.

As relações dadas no Nível Interpessoal, em princípio, por fazerem referência às estratégias comunicativas do falante (já que o NI corresponde ao que está no âmbito da intenção), são do domínio da retórica e da pragmática, que constituem função retórica (Motivação, Orientação, Correção, Aposição e Concessão) e função pragmática (Tópico, Foco e Contraste) respectivamente.

Os Atos Discursivos, por sua vez, podem manter entre si relações de equipolência ou dependência. As relações de dependência são entendidas como uma função retórica e podem ser: Motivação, Orientação, Correção, Aposição e Concessão. As ocorrências que seguem são referentes a *corpora* do português falado (PEZATTI, 2017, p.09-10) e estão aqui presentes de maneira a exemplificar os casos de função retórica citados, em comparação com as ocorrências do *cópus* do espanhol falado escolhido para este trabalho:

- (2) *Reconciliação eu não digo, não é?, **porque até agora abandalham-me** (Ang97:JG:113)*
- (3) *agora ... **bebida alcoólica** eu gosto de qualquer tipo de bebida ... (DID-RJ 328:787)*
- (4) *é muito exigente comigo e com o meu marido ... **essa menina** sabe ela não admite uma falha nossa (D2-SP-360:213)*
- (5) *lança, por exemplo Teixeira da Mota, **que também foi, eh, membro, nosso ... companheiro nesta casa** (PT89:Cartografia Portuguesa)*

Em (2), a Motivação consiste em um Ato que indica o que motiva o falante (*porque até agora abandonam-me*) para enunciar a informação contida no outro Ato. A Orientação, diferentemente, ocorre quando o Ato enunciado serve para orientar o interlocutor a respeito das intenções comunicativas do falante, ao introduzir no discurso um referente (*bebida alcoólica*) que considera importante para o Ato que segue (cf. (3)). Em (4), a Correção, por sua vez, esclarece ou corrige um Ato (na verdade, um Subato) considerado pelo falante como inadequado para que seu interlocutor interprete corretamente sua intenção comunicativa. Na ocorrência, a inserção de *essa menina* parece ter sido feita dada a intenção do falante de esclarecer o Ato com o qual se relaciona. Em (5), a função retórica Aposição equivale às orações adjetivas não-restritivas e consiste em apresentar uma informação como pano de fundo a respeito do que é introduzido no Ato nuclear (*que também foi, eh, membro, nosso ... companheiro nesta casa*).

A função retórica Concessão, por fim, expressa uma objeção (real ou apenas possível) ao que é apresentado no Ato Discursivo anterior. Esse tipo de ocorrência é o objeto central deste estudo, e retornaremos a ele mais adiante. Um exemplo de ocorrência de função retórica Concessão está representado em (6), quando *mesmo não tando no mesmo lado do do.. da política* funciona como uma consideração que o falante julga importante fazer, preocupado com o que seu interlocutor possa concluir a respeito do Ato por ele proferido anteriormente (*a gente concordou e a gente teve junto*):

(6) *a gente concordou e a gente teve junto ... mesmo não tando no mesmo lado do do.. da política* (AC145-RO:253)

Os outros constituintes do Ato Discursivo são: Ilocução, Falante, Destinatário (Participantes) e o Conteúdo Comunicado, última camada desse nível, contém a informação expressa no momento da comunicação.

1.2.2.2 O Nível Representacional

O Nível Representacional (NR), diferentemente do NI, se relaciona aos aspectos semânticos da expressão linguística. O termo “semântico” é entendido aqui com duas diferentes acepções:

(i) refere-se ao modo como a língua se relaciona ao mundo extralinguístico que descreve;

(ii) refere-se aos significados das unidades lexicais e unidades complexas, independentemente do modo como essas unidades são usadas na comunicação.

Esse nível, então, corresponde à denotação a respeito de entidades, e está também hierarquicamente organizado em camadas, como representado a seguir, em que as quatro primeiras camadas mantêm relação hierárquica entre si:

$(\pi p_1:$	Conteúdo Proposicional
$(\pi ep_1:$	Episódio
$(\pi e_1:$	Estado de coisas
$[(\pi f_1: [$	Propriedade Configuracional
$(\pi f_1: \blacklozenge (f_1): [\sigma (f_1) \phi])$	Propriedade Lexical
$(\pi x_1: \blacklozenge (x_1): [\sigma (x_1) \phi]) \phi$	Indivíduo
$] (f_1): [\sigma (f_1) \phi]$	Propriedade Configuracional
$(e_1)\phi]: [\sigma (e_1) \phi]$	Estado de coisas
$(ep_1): [\sigma (ep_1) \phi]$	Episódio
$(p_1): [\sigma (p_1) \phi]$	Conteúdo Proposicional

As categorias semânticas que sucedem essas camadas, por outro lado, não se relacionam de maneira hierárquica. O quadro seguinte refere-se às categorias semânticas que constituem o NR:

Descrição	Variável	Exemplo
Propriedade	F	Cor
Indivíduo	X	Cadeira
Estado de Coisa	E	Encontro
Conteúdo Proposicional	P	Ideia
Localização	L	Topo
Tempo	T	Semana
Episódio	Ep	Incidentes
Modo	M	Maneira
Razão	R	Razão
Qualidade	q	Litro

Quadro (1): Categorias semânticas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 136)

Os Conteúdos Proposicionais (p), camada mais alta do nível, são construtos mentais que não podem ser localizados no espaço nem no tempo, sendo apenas avaliados em termos de sua verdade. Podem ser classificados em termos de atitudes proposicionais (dúvida, certeza) ou em termos de sua origem, no caso das inferências:

(7) *voy yo ahora ineditamente» y fui/ y le dije/ «¿me cobra usted la carrera?/ aunque haya sido corta me cobra usted con el agradecimiento etcétera etcétera y dice «si el chico fuera mío/ y yo me pierdo en Alcalá ¿usted me habría cobrado?» digo «no» y dice «pues entonces ya lo tiene usted» (risa = todos) y entonces me explicó que era de Torres de la Alameda (51, H-AH, 15)*

eu vou agora, imediatamente. E fui. E lhe disse: “me cobre a corrida? Embora tenha sido curta, me cobre com agradecimento etcétera etcétera” e ele me disse: “se o garoto fosse meu, e eu me perdesse em Alcalá, você teria me cobrado?” - Eu mesmo disse: “não”, e ele disse: “então está certo”, e então ele me explicou que era de Torres de la Alameda

Em (7), *aunque haya sido corta* antepõe-se à oração principal, e exerce função semântica sobre o conteúdo apresentado na outra oração, não sobre um Ato Discursivo. Está no âmbito do constructo mental do falante, uma vez que apresenta um julgamento do falante sobre a corrida de táxi. Esses Conteúdos Proposicionais, representados pelas orações principal e concessiva nos termos da Gramática Tradicional, são compostos por Episódios que, por sua vez, são conjuntos de Estados-de-Coisas com continuidade de tempo, localização e indivíduos. Por fim, unidades semânticas combinadas entre si constroem o Estado-de-Coisas, e essas unidades são denominadas, pela GDF, Propriedades.

1.2.2.3 O Nível Morfossintático

O próximo nível de análise é o Morfossintático (NM), primeiro a tratar da codificação do que é expresso no Nível Interpessoal e no Nível Representacional. Sua função é tomar o *input* desses dois níveis e constituir uma única representação formal (estrutural) que será transformada em um componente fonológico no próximo e último nível de análise do modelo, e culmina no *input* para o Componente de Saída. Trata, portanto, dos aspectos estruturais das unidades linguísticas e, junto com o Nível Fonológico, cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais.

Constituem o NM as seguintes camadas: Expressão Linguística, Oração, Sintagma e Palavra, representadas abaixo. A camada mais alta do nível é a Expressão Linguística (Le), que consiste em uma unidade morfossintática ou em um conjunto delas. Essas unidades que se combinam e formam o conjunto da Expressão Linguística podem ser Orações, Sintagmas ou Palavras.

(Le ₁ :	Expressão Linguística
(Cl ₁ :	Oração
(Xp ₁ :	Sintagma
(Xw ₁ :	Palavra
(Xs ₁)	Raiz
(Aff ₁)	Afixo
(Xw ₁))	Palavra
(Xp ₁))	Sintagma
(Cl ₁))	Oração
(Le ₁))	Expressão Linguística

A relação que estabelece com os Níveis Interpessoal e Representacional é funcionalmente motivada e regida por três princípios básicos: iconicidade, integridade de domínio e estabilidade funcional. Os postulados dos princípios são respectivamente: o de que a ordem reflete iconicamente o conteúdo semântico da expressão em que ocorre; os constituintes tendem a permanecer dentro de seu próprio domínio; e os constituintes com a mesma especificação funcional são preferencialmente colocados na mesma posição. Cada um, à sua maneira, contribui para maximizar o paralelismo entre as estruturas por meio do aumento da transparência e da fácil interpretação da estrutura linguística (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 283).¹²

O NM cuida dos aspectos estruturais da expressão linguística e dá conta das questões referentes tanto à morfologia quanto à sintaxe, já que, para a GDF, os princípios utilizados na formação de palavras são os mesmos utilizados na formação de sintagmas e orações (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

¹² The relation between the Morphosyntactic Level and the two input levels is governed by three principles, those of Iconicity, Domain Integrity, and Functional Stability. Each in its own way, these contribute to maximizing the parallelism between the structures, thereby enhancing the transparency and easy interpretability of linguistic structure (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 283).

Na camada da Expressão Linguística, as relações de dependência entre os componentes (orações e sintagmas) são descritas em termos de *Equiordenação*, *Cossubordinação* e *Coordenação*.

Na *Equiordenação* (cf. 8), duas Orações ou dois Sintagmas não podem ser usados independentemente, o que significa dizer que estabelecem entre si dependência total; na *Cossubordinação* (cf. 9), há um vínculo de dependência sem que o termo dependente seja constituinte do outro termo, em uma relação de extraoracionalidade; por fim, na *Coordenação* (cf. 10), observam-se casos em que nenhum constituinte depende de outro, mas a combinação deles forma uma única unidade linguística (cf. 4.6):

- (8) *Ela canta tão bem quanto Mohan costumava cantar* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308)¹³
- (9) *Quanto aos estudantes, eles ouviram as notícias ontem* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308)¹⁴
- (10) *Os Celtics ganharam e os Rangers perderam* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 309)¹⁵

Há, também, nos termos da GDF, casos em que orações podem ocorrer como constituintes de outras, na camada da Expressão Linguística, a mais alta do Nível Morfossintático. Esses casos, dentro do modelo teórico, estão no rol da *Subordinação*, e ocorrem na camada da Oração.

Veremos nos capítulos que seguem o lugar das construções encabeçadas por *aunque* a partir da associação desses processos atrelados às noções de concessão e adversidade (postuladas pela Gramática Tradicional como construções subordinativas e coordenativas, respectivamente).

1.2.2.4 O Nível Fonológico

O Nível Fonológico (NF) é o último no modelo de organização hierárquico da GDF. Assim como o NM, trata da codificação, mas se restringe a aspectos da codificação não abarcados pelo nível anterior. Ele recebe o *input* dos níveis Interpessoal, Representacional e

¹³ She sings as well as Mohan used to sing (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308).

¹⁴ As for the students, they have heard the news yesterday (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308).

¹⁵ Celtic won and Rangers lost (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 309).

Morfossintático e o fornece para o Componente de Saída. Basicamente, é o responsável pela articulação, já que, nesse nível, analisa-se a expressão linguística como unidades fonológicas. Sendo assim, o NF é específico em cada língua e contém a representação fonológica segmental e suprasegmental do discurso. Esse nível organiza-se com base em padrões fonológicos relativos ao Enunciado, à Frase Entonacional, à Frase Fonológica, à Palavra Fonológica, ao Pé e à Sílabas, que ficam estocados como parte do conjunto de fatores relevantes para a operação da codificação fonológica (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 21):¹⁶

$(\pi U_1: [$	Enunciado
$(\pi IP_1: [$	Frase Entonacional
$(\pi PP_1: [$	Frase Fonológica
$(\pi PW_1: [$	Palavra Fonológica
$(\pi F_1: [$	Pé
$(\pi S_1)^N$	Sílabas
$] (f_1)$	Pé
$] (PW_1)$	Palavra Fonológica
$] (PP_1)$	Frase Fonológica
$] (IP_1)$	Frase Entonacional
$] (U_1)$	Enunciado

O Enunciado é a maior camada do nível e consiste no maior trecho de discurso admitido no NF. Pausas e distinções de altura, por exemplo, são indicações dadas pelo Enunciado. Já a Frase Entonacional contém um núcleo (movimento tonal), localizado em uma ou mais Sílabas, que é essencial para sua caracterização como um todo (combinada ou não a outra Frase Entonacional, forma um Enunciado). A Frase Fonológica está associada ao acento da palavra e, a Palavra Fonológica, ao número de segmentos, aos recursos prosódicos e ao domínio das regras fonológicas.

¹⁶ The Phonological Level is organized on the basis of phonological templates for Utterances, Intonational Phrases, Phonological Phrases, Phonological Words, Feet, and Syllables, which are stored as part of the set of primitives relevant for the operation of Phonological Encoding (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.21).

Apresentados os níveis e camadas que compõem o modelo da GDF, faz-se necessário ressaltar algumas considerações teóricas que servirão de suporte para a descrição das orações concessivas que ocorrem no NI.

1.3. A concessão na GDF

Se entendemos que a sucessão das ações linguísticas é determinada pelo propósito comunicativo que tem o falante em sua prática interacional (sendo esse um princípio norteador da GDF), as propriedades que envolvem essa prática estão no domínio da retórica e da pragmática. Assim, de acordo com Pezatti e Camacho (2017, p.165):

A Retórica está fundamentalmente relacionada às propriedades formais de enunciados que influenciam o destinatário a aceitar os propósitos do falante e aos modos pelos quais se ordenam os componentes de um discurso para a realização da estratégia comunicativa do falante. Por isso, os aspectos de unidades linguísticas que refletem a estruturação global do discurso são considerados *funções retóricas* que se aplicam a Atos Discursivos, uma das camadas do Nível Interpessoal (PEZATTI; CAMACHO, 2017, p.165).

A concessão é concebida, na GDF, primordialmente como uma função retórica, pois diz respeito às relações que envolvem falante e ouvinte. O falante, nesse caso, “concede” algo com relação ao que foi expresso anteriormente a fim de convencer o ouvinte. A oração concessiva é representada pelo Ato Discursivo Subsidiário que expressa a concessão. Esse ato se refere ao conteúdo expresso no Ato Nuclear, imediatamente anterior, representado pela tradicional oração principal. Trata-se, portanto, de uma relação que ocorre no NI, entre dois Atos Discursivos, um Nuclear e outro Subsidiário:

(11) *O trabalho foi bastante fácil, **embora (eu admita que) tenha levado mais tempo do que o esperado*** (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.54)¹⁷

O Ato Subsidiário (A_J), representado pela oração concessiva (C_{on}) *embora tenha levado mais tempo do que o esperado*, apresenta uma função retórica, uma vez que se

¹⁷ The work was fairly easy, although (I concede that) it took me longer than expected (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.54).

relaciona ao modo de ordenação no discurso, expressando uma reconsideração para o que é apresentado no Ato anterior, Nuclear (A_I). Observa-se como estratégia para atestar o estatuto de Ato Discursivo a possibilidade de inserir *I concede that (Eu admita que)* no Ato Subsidiário, atestando, assim, que se trata de função retórica Concessão, conforme representado em (11a):

(11a) (M_I : [$(A_I$: – *o trabalho foi bastante fácil* – (A_I)) (A_J : *levou mais tempo que o esperado* - (A_J))_{Conc}] (M_I)) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.54)¹⁸

Como atestam Hengeveld e Mackenzie (2008), “a ordem dos Atos Discursivos é importante” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.55),¹⁹ dada a natureza interacional dessa função, sempre voltada para a intenção do falante de persuadir, “ganhar” o consentimento de seu interlocutor, o que resulta na posposição do Ato Subsidiário Concessão ao Ato Nuclear, uma consequência da estruturação descendente (*top down*) desse modelo teórico.

A anteposição da oração concessiva à principal, segundo os autores, constitui uma importante pista morfossintática de que a relação de concessão se dá no Nível Representacional, entre dois Conteúdos Proposicionais. Nesse caso, quando a relação ocorre entre Conteúdos, a relação de concessão é uma função semântica, voltada exatamente para o conteúdo da oração principal, e não para o Ato Discursivo proferido. Não se trata, portanto, de uma função retórica, mas sim semântica:

(12) *Embora (*eu admita que) o trabalho tenha demorado mais do que o esperado, ele foi fácil* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.55)²⁰

Em (12), as orações envolvidas, a principal e a concessiva, constituem dois Conteúdos Proposicionais, no NR, o que pode ser atestado, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), pela impossibilidade de inserir *I concede that*. Quando ocorre no NR, a concessão é concebida como uma função semântica que se constitui entre dois Conteúdos Proposicionais, entidade que pode apenas ser avaliada em termos de sua verdade, não pode ser localizada no espaço nem no tempo. Conteúdos Proposicionais são classificados em termos de atitudes proposicionais (dúvida, certeza) ou em termos de sua origem, quando correspondem a

¹⁸ (M_I : [$(A_I$: – *the work was fairly easy* – (A_I)) (A_J : *it took me longer than expected* - (A_J))_{Conc}] (M_I)) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.54).

¹⁹ Note that the order of Discourse Acts is again of importance here (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.55).

²⁰ Although (*I concede that) the work took longer than expected it was easy (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.55).

inferências. Diferentemente da concessão do NI, a concessão enquanto função semântica diz respeito ao conteúdo expresso na oração principal, conforme se observa em (13) a seguir.

(13) *en los pueblos se ha perdido bastante con// no sé por qué/// sí/ yo es que claro/ nací en un pueblo y- y **aunque me venga aquí con ocho años/ con ocho años ya eres una persona madura// entre comillas ¿no?** (17, M-AH, 5)*

e nas cidades pequenas se perdeu bastante com ... não sei por que, eu nasci em uma cidade pequena e, embora tenha vindo pra cá com oito anos, com oito anos você já é uma pessoa madura, entre aspas, não?

Em (13), o falante discorre acerca de suas opiniões e percepções sobre o fato de, com apenas oito anos, já poder se considerar uma pessoa madura (*con ocho años ya eres una persona madura entre comillas ¿no?*), o que está no âmbito do constructo mental.

Em resumo, a GDF concebe a concessão fundamentalmente como uma função retórica (portanto atua na camada do Ato Discursivo, no NI). A concessão pode, no entanto, ocorrer também entre Conteúdos Proposicionais, no NR, quando exercem função semântica, caso em que estão voltadas para o conteúdo do que foi expresso na oração principal.

Além da atuação nessas camadas postuladas por Hengeveld e Mackenzie (2008), o Ato Discursivo e o Conteúdo Proposicional, alguns trabalhos (GARCIA; FELIPE, 2016; PARRA, 2016) reconhecem a ocorrência desse tipo de adverbial na camada do Movimento, a mais alta do NI, como já assinalava Garcia (2010) e Stassi-Sé (2012) para as concessivas do português.

Parra (2016), ao descrever os contextos introduzidos por *aunque* no espanhol falado e escrito, volta sua atenção para as relações concessivas que podem atuar em domínios mais amplos do que o interacional, domínios esses em que a concessão configura-se como uma estratégia interativa, voltada para o jogo argumentativo empreendido pelos participantes da comunicação (PARRA, 2016, p.14). Partindo desses pressupostos, bem como de resultados obtidos em pesquisas anteriores (cf. Garcia e Felipe, 2016), neste trabalho, consideramos, para a descrição do lugar que ocupa *aunque* entre valores concessivos e adversativos, sua atuação em três camadas: Movimento e Ato Discursivo, no NI, e Conteúdo Proposicional, no NR.

Os casos de Movimento configuram uma informação acrescentada pelo falante e se relacionam a todo o contexto discursivo (uma porção maior do discurso), não exatamente a outra oração posposta ou anteposta à oração nuclear. Assim:

- (14) *bueno es un bloque que tiene tres alturas/ bueno tiene cuatro bajo y: tres alturas// yo vivo en un tercero/ solamente hay dos viviendas por-por planta/ es decir que en total somos ocho-/ ocho co- diez ocho vecinos// (e:) y los bajos además son comerciales/ entonces realmente serían- serían seis vecinos/ (e:) la parte delantera pues da a la calle a la calle/ a R A/ y la parte trasera pues da a la C/ la C e:s un espacio: (e:) privado/ solamente de los:**aunque no pasa la gente por allí/ pero vamos no hay tráfico rodado/ es una zona arbolada/ (m:) en la parte delantera pues hay un balcón y en la parte trasera pues una- una terraza/tiene cuatro habitaciones/ un salón/ un cuarto de baño/ cocina** (32, H-AH, 8)*

bom, é um bloco que tem três andares, eu moro no terceiro. Só tem duas moradias por andar, o que significa dizer que no total somos oito ou dez vizinhos, e o térreo são comércio, então realmente seriam seis vizinhos. A parte da frente então, dá para a rua R A e a parte de trás dá para a rua C, é um espaço privado, só dos ... embora não passe gente ali, mas, veja, não há muito tráfego, é uma área arborizada. Na parte da frente tem uma sacada e na parte de trás um terraço, tem quatro quartos, uma sala, um banheiro e cozinha

Em (14), a oração concessiva *aunque no pasa la gente por allí* não se subordina à oração imediatamente anterior (*la C es un espacio privado/ solamente de los*) nem posterior (*pero vamos no hay tráfico rodado*). O que se observa é que o trecho posterior *solamente de los* foi interrompido para que a oração concessiva fosse inserida. Assim, essa oração concessiva introduzida por *aunque* se caracteriza por não se subordinar a nenhuma outra oração, ou seja, por ser morfossintaticamente independente de uma oração principal.

Jubran (2006), como veremos a seguir (cf. capítulo 4), postula que algumas estruturas, como parece ocorrer com esses casos de *aunque*, funcionam como um parêntese no discurso, ou seja, são elementos encaixados no tópico discursivo, por motivações interacionais, sem que necessariamente apresentem uma conexão formal claramente estabelecida com a oração com a qual se relacionam.

Nesse sentido, Parra (2016) utiliza a noção de tópico discursivo, de Jubran (2006), para classificar a ocorrência da concessão na camada do Movimento, assim como fazem Garcia (2010) e Stassi-Sé (2012) para as concessivas do português. Um tópico discursivo pode ser definido como

uma unidade discursiva, que compreende um fragmento textual caracterizado pela centração em um determinado tema, com extensões variadas, que vão desde o âmbito do enunciado, correspondendo aproximadamente ao conceito de período, do ponto de vista sintático, até um âmbito mais abrangente envolvendo porções maiores do texto” (JUBRAN, 2006, p.33).

Nesse sentido, Parra (2016) reconhece que, entre os fenômenos que geram descontinuidade tópica (nos termos de Jubran, 2006), as orações introduzidas por *aunque*, quando constituem um Movimento, podem gerar ruptura tópica (quando, após a ruptura, volta-se para outro tópico discursivo) ou cisão tópica (quando o tópico discursivo é retomado, funcionando como um parêntese). Segundo Parra (2016), as estruturas parentéticas configuram casos de cisão tópica (cf.4.1).

Stassi-Sé (2012) afirma que a relação de concessão, em casos como esse, pode exercer outro tipo de função, que se refere especificamente às circunstâncias da interação, a *função interacional*. Ao distinguir a *função interacional* da função retórica e da função pragmática, a autora propõe a incorporação dessa função ao NI, a fim de “discutir a orientação da Função Interacional que Movimentos podem desempenhar nas situações de comunicação” (STASSI-SÉ, 2012, p.176). Isso se deve ao fato de que eles parecem fazer referência a uma estratégia do falante para organizar, e assim impulsionar a interação.

Em consequência disso, Stassi-Sé (2012) propõe, no Nível Interpessoal, a incorporação ao modelo da GDF da camada do *Discurso*, entendida como uma sucessão de Movimentos, já que, para a autora:

Quando representam Funções Interacionais, as conjunções assumem as propriedades de: (i) conectar pragmaticamente dois Movimentos na interação verbal; e (ii) promover a organização do discurso e o monitoramento da interação (STASSI-SÉ, 2012, p.183).

Para a autora, as construções adverbiais desgarradas ou independentes, que configuram Movimentos, “referem-se a um mesmo tipo de fenômeno que emerge no nível da organização do discurso entre porções textuais maiores, mais que na relação de “(in)dependência” entre orações” (STASSI-SÉ, 2012, p.194). No caso específico da concessão, esses usos desempenham *função interacional* de *adendo*, quando introduzem informação que, por alguma razão comunicativa, o falante considera importante mencionar:

A Função Adendo envolve Movimentos que inserem informação nova, considerada importante pelo falante não só por salvar sua própria face, mas também e principalmente por acrescentar informação contrastiva acerca do conteúdo introduzido por ele no discurso (STASSI-SÉ, 2012, p.195).

Esses casos correspondem ao que Stassi-Sé (2012) compreende como a atuação interacional da concessão, quando ocorre entre dois Movimentos. Assim, esse uso desempenha *função interacional* específica, dada a

necessidade do falante de mostrar no discurso a transição de assuntos, ou a inserção de informações **contrastivas** para o tema tratado, ou de relembrar o interlocutor de conteúdos já apresentados no discurso ou de atenuar informações introduzidas na situação comunicativa, para preservar a face (STASSI-SÉ, 2012, p.174). [grifo nosso]

Em consonância com o acréscimo da camada do Discurso no Nível Interpessoal, Stassi-Sé (2012) propõe o acréscimo de uma camada no Nível Morfossintática, a do *Texto*, entendida como uma subordinação entre Expressões Linguísticas, que “se dá na relação entre unidades independentes morfossintaticamente uma das outras” (STASSI-SÉ, 2012, p.189). Essa dependência, no NI, seria um caso de dependência discursiva.

Após uma breve introdução ao modelo teórico que embasa a presente pesquisa, ressaltando alguns elementos que fundamentam a análise que segue, discorreremos brevemente a respeito de um fator que vem se mostrando importante no decorrer de nossa análise: a direção argumentativa veiculada por concessão e por adversidade na perspectiva da Linguística Textual, a fim de estabelecer um diálogo produtivo.

1.4. A Linguística Textual e a direção argumentativa da concessão e da adversidade: diálogo com a GDF

A adoção de alguns preceitos relativos à Linguística Textual (LT) se justifica porque observamos que essa perspectiva apresenta pressupostos que ajudam a compreender as funções discursivo-textuais da concessão e da adversidade. O objetivo desse olhar é explorar, do ponto de vista textual, o que já propõe a GDF, modelo teórico norteador desta pesquisa.

Ao encontro do que postula a GDF, ao considerar a atuação da textualidade na forma das unidades linguísticas, a função discursivo-textual das construções adversativas e concessivas são de extrema relevância para este trabalho dada a concepção da linguagem como “uma atividade verbal exercida entre pelo menos dois interlocutores, dentro de uma

localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro, levando em conta circunstâncias de enunciação” (JUBRAN, 2006, p.28).

A GDF dá conta da totalidade das questões referentes à atuação de *aunque* em seus diferentes contextos de uso, como esclarecemos anteriormente. A LT tem sua função evidenciada no momento em que, assim como o funcionalismo, trabalha com a materialidade do texto, mas, em primeira instância (e por consequência), com o caráter essencialmente argumentativo da linguagem:

Quando interagimos através da linguagem (...) temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s), de determinada maneira obter dele(s) determinadas reações (KOCH, 2001, p.29).

O que a GDF entende por função retórica na relação entre Atos Discursivos coincide com o que postula Koch (2001) para a relação entre linguagem e argumentação. A atuação interacional que desempenha *aunque* nos estratos mais altos do modelo da GDF, motivo do suposto “misto concessivo/adversativo” (NEVES, 2000), muito se relaciona à força argumentativa que conferimos aos nossos enunciados, já que “a argumentatividade está inscrita na própria língua” (DUCROT, 1987 apud KOCH, 2001, p.29). Assim, as funções retórica (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e *interacional* (STASSI-SÉ, 2012) das relações nas camadas do Ato Discursivo e do Movimento, respectivamente, realizam-se com base no caráter argumentativo inerente à língua, que norteia princípios como os da *antecipação* e do *suspense*, da *restrição desprezada* e da *restrição conservada* e a *lei da preferência*, por exemplo, que serão abordados neste trabalho.

Koch (1987), sob o viés sócio-cognitivista, ao tratar dos aspectos referentes à intencionalidade na produção da linguagem, coloca lado a lado discurso e argumentação já que, como afirma, “a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade” (KOCH, 1987, p.19). A autora elenca algumas estratégias discursivas que fariam referência à *antecipação* e ao *suspense*, representada por meio de *embora* e *mas*:

Quando se diz **Embora B, A**, antecipa-se ao interlocutor que se irá apresentar um argumento possível a favor de uma conclusão **r**, mas que este será anulado, logo em seguida, pela introdução de um argumento decisivo a favor de **não-r**. (...) quando se inverte a posição dos argumentos, obtendo-se **A, embora B**, essa antecipação já não ocorre, pois **A** é o argumento que deverá prevalecer, já que o *embora* sempre nega argumentativamente o enunciado em que aparece. No caso de **A mas B**, nada previne o alocutário de que se pretende apresentar, por meio de **B**, um argumento mais forte a favor de **não-r** do que aquele introduzido por **A** (...) de modo que ele é surpreendido quando isso acontece (KOCH, 1987, p.158).

Sendo assim, Koch (1987) admite que, assim como encontramos na literatura, apesar de concessão e adversidade serem aproximáveis por seu caráter contrastivo, existe uma diferença providencial no que diz respeito à direção ou ao peso argumentativo que carregam, o que se assemelha aos pressupostos sobre o uso que faz o falante da retórica, no sentido de guiar as relações de interação.

Koch (1987) sistematiza essa diferença ao reconhecer que “a estratégia do *mas* é a de frustrar uma expectativa que se criou no destinatário” (KOCH, 1987, p.158), já a do *embora*, é a de “manter a expectativa quando o enunciado introduzido por *embora* vem posposto; no caso de vir anteposto, anuncia-se antecipadamente que o argumento seguinte é que prevalecerá” (KOCH, 1987, p.159).

Nesse mesmo sentido, Garcia (1994, p.32 apud Garcia, 2002) associa a adversidade a uma *restrição conservada* (no sentido de que a restrição prevalece), o que a vincula a uma espécie de “negação de expectativa”, como atesta Lang (2000, p.243-244), em uma revisão dos pressupostos de Sweetser (1990) para as construções com *but*²¹. A concessão, por sua vez, é entendida como uma *restrição desprezada*, uma vez que a objeção assinalada pela estrutura com *embora* não se sustenta. As ocorrências que seguem exemplificam as distintas direções argumentativas que adversidade e concessão suscitam, em orações introduzidas por *aunque* e *pero*, respectivamente:

- (15) (...) *y que: bueno pues la verdad es que todo se-/ se me está poniendo un poco oscuro esta tarde (risa = 1)/ espero que se mejore ¿no? así vaya más atardeciendo-/ va a empezar a atardecer y me voy un poco a que me: distraiga al fresco porque: o me subiré a un monte por ahí// **aunque quedan pocos/ que se puedan-/ se pueda ir ¿no?// hay muchas urbanizaciones// y entonces pues tienes poco territorio ya/ (...)** (21, H-AH, 45)*

²¹ *Mas*, do inglês.

bom, a verdade é que tudo anda meio ruim hoje à tarde. Espero que melhore, não? E quando vai entardecendo, eu saio para me distrair um pouco, tomar um ar fresco, ou subo em algum morro por aí, embora restem poucos aos quais se se possa ir, não? Há muita urbanização, e acaba que se tem pouco território

(15a) *va a empezar a atardecer y me voy un poco a que me: distraiga al fresco porque: o me subiré a un monte por ahí// **pero quedan pocos/ que se puedan/ se pueda ir ¿no?**// hay muchas urbanizaciones//*

E quando vai entardecendo, eu saio para me distrair um pouco, tomar um ar fresco, ou subo em algum morro por aí, mas restam poucos aos quais se se possa ir, não? Há muita urbanização

Para esses autores, então, em casos como (15), a possível objeção veiculada por *aunque quedan pocos que se pueda ir ¿no?*, que corresponde ao Ato Subsidiário, não se sustenta, prevalecendo a informação contida na oração anterior *o me subiré a un monte por ahí* (Ato Nuclear). Nesse sentido, a concessão carrega uma *restricção desprezada*. No caso de (15a), a restrição é conservada, pois *pero quedan pocos que se pueda ir ¿no?* introduz a informação de maior peso argumentativo, aquela que prevalece. Além disso, de acordo com a *lei da preferência* (GARCIA, 1994 apud GARCIA, 2002), em um exemplo concessivo, *aunque quedan pocos que se pueda ir ¿no?* configura uma *restricção desprezada*, porque prevalece, informacionalmente, a outra oração: a concessiva funciona como informação de *fundo*, aparece em segundo plano em termos de força argumentativa. Já em (15a), *pero quedan pocos que se pueda ir ¿no?* é, ao contrário, uma *restricção conservada*, já que prevalece a informação introduzida pelo juncor que, portanto, funciona como *figura*, o elemento informacionalmente mais saliente.

Essas considerações vêm ao encontro do que postulam Hengeveld e Mackenzie (2008, p.55) sobre o status atribuído aos Atos Discursivos quando da concessão e quando da adversidade, como exemplificado abaixo, em (16) e em (17), e sua representação, respectivamente, em (16a) e (17a), sendo essa última já apresentada em (11a) e retomada aqui por conveniência:

(16) *O trabalho foi bastante fácil, **embora (eu admita que) tenha levado mais tempo do que o esperado*** (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.54)²²

(16a) (M_I: [(A_I: – o trabalho foi bastante fácil – (A_I)) (A_J: levou mais tempo que o esperado – (A_J))_{Conc}] (M_I)) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.54)²³

²² The work was fairly, although (I concede that) it took me longer expected (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.54).

²³ (M_I: [(A_I: – the work was fairly easy – (A_I)) (A_J: it took me longer than expected – (A_J))_{Conc}] (M_I)) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.54).

(17) *O trabalho (admitimos) levou mais tempo que o esperado, mas foi fácil*
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.55)²⁴

(17a) (M_I: [A_I: - o trabalho levou mais tempo que o esperado – (A_I)_{Con} (A_J: - foi fácil – (A_J))] (M_I)) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55)²⁵

Para os autores, quando a concessão ocorre como função retórica, como em (16), o principal e mais importante Ato é o Nuclear, *o trabalho foi bastante fácil*, que não é marcado pelo juntor concessivo, pois o juntor é marcado no Ato Subsidiário (A_J), que carrega a função Concessão, conforme se observa em (16a). No caso da adversidade, observada em (17), diferentemente, o Ato Discursivo marcado por meio do nexos *mas (but)* é o Nuclear, como demonstra (17a), o que faz com que o Conteúdo Comunicado deste Ato Discursivo seja comunicativamente mais relevante. É importante mencionar que os jutores não entram nas representações de (16a) e de (17a), pois assinalam as relações concessivas ou adversativas no Nível Morfossintático.

Relacionando o estatuto dos Atos Discursivos aos conceitos de *figura* e *fundo* de Hopper e Thompson (1980), o Ato Discursivo Nuclear corresponde à *figura*, já que prevalece discursivamente, enquanto o Ato Discursivo Subsidiário corresponde ao *fundo*, já que é uma informação menos relevante do ponto de vista do discurso.

Essa constatação, no entanto, não apresenta relação direta com os processos de coordenação no Nível Morfossintático. O único caso claro de coordenação dado por Hengeveld e Mackenzie (2008) é um exemplo de aditiva introduzido pelo nexos *e (and)*²⁶, o que nos faz questionar o estatuto e o tipo de processo atribuído pela GDF aos casos de adversidade, uma vez que esse tipo semântico é ainda pouco explorado nos modelos discursivo-funcionais.

Dessa forma, a necessidade de explicitar os aspectos referentes à direção e ao peso argumentativo que têm as construções concessivas e adversativas (fator que as distancia na mesma medida em que as particulariza) foi determinante para que seleccionássemos um aparato teórico que nos permitisse relacionar alguns pressupostos dos estudos do texto às

²⁴ The work (admittedly) took longer than expected, but it was easy (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p55).

²⁵ (M_I: [A_I: - the work took longer than expected – (A_I)_{Con} (A_J: - it was easy – (A_J))] (M_I)) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p55).

²⁶ Celtic won and Rangers lost (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 309).

constatações proporcionadas pelo modelo teórico da GDF, central nesta pesquisa para a classificação das construções com *aunque*.

CAPÍTULO 2

O LUGAR DA CONCESSÃO E DA ADVERSIDADE NA LITERATURA

Diversos autores na literatura (*Real Academia Española* (RAE), 1931, 2000 - *Nueva gramática de la lengua española* (NGLE), 2009; KÖNIG, 1994; BOSQUE e DEMONTE, 2000; NEVES, 2000; MATTE BON, 2003) afirmam que “as relações de concessão e de adversidade fazem referência a domínios nocionais muito próximos” sob argumento de que ambas apresentam elementos de informação contrastantes entre si (FLAMENCO GARCÍA, 2000, p.3809).²⁷

A concessão, no espanhol, conforme alguns autores (CASCÓN MARTÍN, 2000; GARCÉS, 1994; GILI GAYA, 1955) definem, é conceituada como um tipo de oração subordinada que apresenta um obstáculo para o cumprimento da ação expressa na oração principal, mas não chega a impedi-la.

Na gramática da RAE, consta que no período concessivo, “a oração subordinada expressa uma objeção ou dificuldade para o cumprimento do que é dito na oração principal, mas esse obstáculo não impede que a ação expressa se realize” (RAE, 1931).²⁸ Tal definição é ratificada por diversos autores da literatura, como Matte Bon (2003), que adota uma concepção lógico-semântica das construções concessivas, em que a oração principal (B) poderia interferir na ocorrência da oração concessiva (A), mas não interfere e, assim, propõe *Aunque A, B*, em que *aunque* representa o nexos concessivo.

A adversidade, por sua vez, é reconhecida por autores como Cascón Martín (2000) e Sánchez Perez et al (1980) como uma contraposição entre duas ideias ou como uma contraposição entre duas orações, uma afirmativa e outra negativa. Gili Gaya (1955) defende que, independente da ordem em que apareçam na sentença, uma condição para que haja adversidade é que na adversidade sejam expressos “juízos de qualidade lógica diferente, um afirmativo e outro negativo (ou vice-versa)” (GILI GAYA, 1955, p.257).²⁹

²⁷ Las construcciones concesivas y adversativas hacen referencia a dominios nocionales muy próximos (FLAMENCO GARCÍA, 2000, p.3809).

²⁸ En el período concesivo, la subordinada expresa una objeción o dificultad para el cumplimiento de lo que se dice en la oración principal; pero este obstáculo no impide su realización (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1931).

²⁹ Expresar juicios de cualidad lógica diferente, uno afirmativo y otro negativo (o viceversa) (GILI GAYA, 1955, p.257).

Nas seções que seguem, apresentamos uma sistematização do lugar que ocupam, na literatura, concessão e adversidade, dentro do que é previsto pela Gramática Tradicional no domínio de subordinação e de coordenação de orações. Além disso, elencamos pontos convergentes entre os tipos oracionais, a fim de tornar claro o fenômeno denominado sobreposição semântica, postulado a respeito do nexos *aunque*. Em seguida, a apresentação dos pontos divergentes entre concessão e adversidade servirá de auxílio no caminho em direção à proposta que defendemos a respeito dos usos de *aunque*.

2.1. A coordenação e a subordinação de orações na literatura

É sabido que coordenação e subordinação têm conceitos reconhecidos no âmbito da Gramática Tradicional no que concerne à relação entre orações. Grande parte dos autores atribui essencialmente a critérios formais a possibilidade de ocorrência de coordenação ou subordinação de orações em um período, o que geralmente se fundamenta nas relações de independência ou dependência sintática que as orações estabelecem entre si.

No que diz respeito às últimas, as relações de dependência entre orações são entendidas para aquele tipo de relação em que uma oração (a oração subordinada) desempenha função sintática na outra oração (a oração principal). As primeiras, por sua vez, por se tratarem de estruturas coordenadas, constituem orações independentes sintaticamente umas das outras, o que significa dizer que não constituem parte formal da outra oração (funcionam de maneira autônoma).

As relações de subordinação adverbial, em particular, são entendidas por Cunha e Cintra (1985), por exemplo, como relações em que uma oração exerce função de adjunto adverbial de outra oração, muitas vezes em uma perfeita correspondência à função que desempenham os adjuntos adverbiais, ou seja, exercem funções circunstanciais, que são de natureza: causal, concessiva, condicional, final, temporal, consecutiva, comparativa, proporcional e conformativa.³⁰

³⁰ Embora as definições de coordenação e subordinação encontradas na literatura não costumem ir além da forma, muitos linguistas (a exemplo de HALLIDAY, 1985; LEHMANN, 1988; e GIVÓN, 1990) buscaram (e ainda buscam) desfazer a ideia dicotômica que se têm a respeito de coordenação e subordinação. Para isso, diversas estratégias que põem gradações de ocorrência às relações coordenativas e subordinativas são desenvolvidas a fim de atenuar o conceito latente de que os dois tipos oracionais estão em polos absolutamente opostos de análise (noções de parataxe (coordenação), hipotaxe (subordinação adverbial) e encaixamento (subordinação substantiva e adjetiva)).

Pezatti e Longhin-Thomazi (2008) ao descreverem as relações de coordenação, entendem que “a construção coordenada consiste em dois ou mais membros, funcionalmente equivalentes, combinados no mesmo nível estrutural por mecanismos de ligação” (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 865). Para tanto, com base no que reconhece Dik (1997a), entendem por equivalência funcional a equivalência entre as funções semânticas, sintáticas e pragmáticas dos elementos coordenados.

O conceito de subordinação, por sua vez, bem como os critérios usados para diferenciá-lo da coordenação, também é um tema largamente abordado por diversos autores na literatura do espanhol, dentre eles Cascón Martín (2000), Gili Gaya (1955) e Luján (1981), que se dedicam a essa questão entre os estudiosos do espanhol.

Na perspectiva tradicional, a coordenação consiste em um enunciado em que duas ou mais orações se enlaçam com idêntico valor, sem que nenhuma delas desempenhe qualquer função dentro da outra oração, conforme representado em (1) e (2), que ilustram possíveis ocorrências do espanhol. Em (1), a coordenação se dá por meio do juntor *y* (prototípico para as estruturas coordenadas aditivas em espanhol). No caso de (2), por exemplo, a coordenação ocorre entre termos por meio do juntor *e*:

(1) *Mañana te llamo y hablamos, ¿vale?* (MATTE BON, 2003, p.101)³¹

(2) *Habla francés e inglés correntemente* (MATTE BON, 2003, p.101)³²

As construções subordinadas, por outro lado, são compostas por duas ou mais orações e uma delas, necessariamente, exerce função dentro da outra, ou seja, são dependentes até o ponto em que uma oração participa da outra, conforme se pode observar em (4) em que *que me compres un tebeo* se subordina à oração principal *quiero*:

(3) *Quiero un tebeo* (CASCÓN MARTÍN, 2000 p. 119)³³

(4) *Quiero que me compres un tebeo* (CASCÓN MARTÍN, 2000 p. 119)³⁴

³¹ Amanhã te ligo e nos falamos, certo? (MATTE BON, 2003, p.101).

³² Fala francês e inglês fluentemente (MATTE BON, 2003, p.101).

³³ Quero um gibi (CASCÓN MARTÍN, 2000 p. 119).

³⁴ Quero que você me compre um gibi (CASCÓN MARTÍN, 2000 p. 119).

Para Gili Gaya (1955), a coordenação pode se dar por simples adição, o que indica a ocorrência de *coordenação copulativa*; quando, entre os elementos oracionais, ocorrem “diferenças lógicas” (de qualquer classe), o que caracteriza a *coordenação distributiva*; se essas diferenças chegam a formar um juízo contraditório, o caso é de *coordenação disjuntiva*. Ainda de acordo com o autor, embora haja diferenças entre os elementos copulados, esses elementos têm de ser todos negativos ou afirmativos. Quando a oposição expressa é parcial ou total, ocorre *coordenação adversativa*. O quadro a seguir expõe os tipos de coordenação, bem como suas conjunções características, a fim de esclarecer a explicação dada acima:

Tipos de coordenação	Conjunções coordenativas
Coordenação copulativa	<i>y, ni</i>
Coordenação distributiva	<i>aquí ... allí, unos ... otros, éstos ... aquéllos, tan pronto ... tan pronto, cuando ... cuando, bien ... bien, ya ... ya, ora ... ora</i>
Coordenação disjuntiva	<i>o</i>
Coordenação adversativa	<i>mas, pero, empero, sino, aunque³⁵</i>

Quadro (2): Tipos de coordenação e conjunções coordenativas (GILI GAYA, 2000, p. 275-284)

Os exemplos abaixo ilustram casos de ocorrência de coordenação copulativa (neste caso, coordenação de termos), coordenação distributiva, coordenação disjuntiva e coordenação adversativa, respectivamente:

(5) *Niños, jóvenes y viejos se divertían mucho* (GILI GAYA, 2000, p.276)³⁶

(6) *Unos entraban, otros salían* (GILI GAYA, 2000, p.277)³⁷

(7) *Escúchame o vete a la calle* (GILI GAYA, 2000, p.280)³⁸

³⁵ Para Gili Gaya (2000), a conjunção *aunque* aparece nos casos em que há um sentido intermediário entre concessão e adversidade, o que será discutido neste texto.

³⁶ Crianças, jovens e idosos se divertiam muito (GILI GAYA, 2000, p.276).

³⁷ Uns entravam, outros saíam (GILI GAYA, 2000, p.276).

³⁸ Escute-me ou vá embora (GILI GAYA, 2000, p.276).

(8) *No tenía dinero, pero supo arreglarse* (GILI GAYA, 2000, p.281)³⁹

A respeito da subordinação, Gili Gaya (2000) considera a oração subordinada como aquela que se incorpora à principal e estabelece com ela a mesma relação que os elementos sintáticos estabelecem com o verbo da oração simples. Assim, a oração subordinada desempenha, dentro da principal, a função correspondente a um substantivo, adjetivo ou advérbio e, “por isso, as orações subordinadas se classificam em substantivas, adjetivas ou adverbiais” (GILI GAYA, 2000, p.285).⁴⁰

Para esquematizar a classificação dos tipos de subordinação, elaboramos o quadro a seguir, que nos auxilia na compreensão das subdivisões referentes à subordinação em espanhol:

Tipos de subordinação	Subtipos
Subordinación sustantiva	(I) Oraciones sujeto (II) Oraciones complementarias directas (III) Oraciones complementarias indirectas (IV) Oraciones complementarias circunstanciales (V) Oraciones complementarias de sustantivo o adjetivo
Subordinación adjetiva	Relativas: - Oraciones especificativas - Oraciones explicativas
Subordinación adverbial	(I) Oraciones adverbiales de lugar (II) Oraciones adverbiales de tiempo (III) Oraciones adverbiales de modo (IV) Oraciones comparativas (V) Oraciones consecutivas (VI) Oraciones condicionales (VII) Oraciones concesivas

Quadro (3): Tipos de subordinação e conjunções subordinativas (GILI GAYA, 2000)

³⁹ Não tinha dinheiro, mas soube se arrumar (GILI GAYA, 2000, p.276).

⁴⁰ “Por esto, las oraciones subordinadas se clasifican en substantivas, adjetivas y adverbiales” (GILI GAYA, 2000, p.285).

No entanto, ainda que não haja grandes distinções entre classificações oferecidas pela Gramática Tradicional, algumas publicações acabam por fugir, de alguma maneira, daquilo que já é dado. A NGLE (2009), por exemplo, apresenta a seguinte classificação para essas estruturas: *oraciones subordinadas substantivas; oraciones subordinadas de relativo; construcciones comparativas, superlativas y consecutivas; construcciones causales, finales e ilativas; construcciones condicionales y concessivas*. No caso específico de *aunque*, o juntor está presente tanto em classificações concessivas quanto adversativas.

Segundo Gili Gaya (2000), existem casos em que é admitida uma oração intermediária entre os valores concessivo e adversativo. Essas situações se dão, segundo esse autor, porque ambos os casos apresentam oposição de significados, como podemos observar em (9) e (10):

(9) *Son muy ricos, **pero** no lo parecen* = Adversativa (GILI GAYA, 2000, p.258)⁴¹

(10) ***Aunque** son muy ricos, no lo parecen* = Concessiva (GILI GAYA, 2000, p.258)⁴²

O autor admite o parentesco entre concessão e adversidade dado o caráter contrastivo, de oposição de informações que ambos os tipos oracionais apresentam. Desse modo, como abordaremos nas seções seguintes, reconhece o uso de *aunque* com os dois valores.

Após expor as características da coordenação e da subordinação, assim como os subtipos admitidos por Gili Gaya (2000), nos deteremos aos pontos que aproximam e distanciam concessão e adversidade.

2.2 Pontos convergentes entre concessão e adversidade

Aparece como fator comum a respeito da adversidade nas gramáticas o caráter de oposição, restrição ou correção, o que figura como elemento determinante para sua aproximação das construções concessivas. Para Garcés (1994), no enunciado adversativo “introduz-se um novo elemento ou oração que corrige ou restringe o conteúdo do elemento ou

⁴¹ São muito ricos, mas não parece que são (GILI GAYA, 2000, p.258).

⁴² Embora sejam muito ricos, não parece que sejam (GILI GAYA, 2000, p.258).

oração anterior ou que se opõe ao conteúdo do elemento ou oração anterior” (GARCÉS, 1994, p.23).⁴³

No espanhol, o que se encontra na literatura é que, determinadas estruturas, quando introduzidas por *aunque*, podem comportar diferentes leituras, o que se comprova substituindo a conjunção *aunque* por *pero*, como se observa em:

(11) *Parece tonto, aunque a veces sorprende* (CASCÓN MARTÍN, 2000, p.169)⁴⁴

(12) *Parece tonto, pero a veces sorprende* (CASCÓN MARTÍN, 2000, p.169)⁴⁵

Segundo Gili Gaya (1995), existem casos em que é admitida uma oração intermediária entre os valores concessivo e adversativo, o que é explicado, conforme esse autor, porque ambos os casos apresentam oposição de significados, como podemos observar em (13) e (14):

(13) *Es mi amigo, pero castigaré sus excesos* = Adversativa (GILI GAYA, 1955, p.214)⁴⁶

(14) *Aunque es mi amigo, castigaré sus excesos* = Concessiva (GILI GAYA, 1955, p.214)⁴⁷

O estudioso admite que as orações concessivas “estão emparentadas lógicamente e historicamente com as adversativas, e a conjunção *aunque* se usa atualmente com os dois valores” (GILI GAYA, 1955, p.322).⁴⁸

No sentido de aproximar os dois tipos oracionais por meio de seus pontos convergentes no âmbito formal, Cascón Martín (2000) reconhece que a substituição de *aunque* por *pero* comprova que o enunciado pode ser interpretado como adversativo. Desse modo, assim como Matte Bon (2003), do ponto de vista lógico-semântico, Flamenco García (2000) elucida essa possibilidade:

⁴³ Se introduce un nuevo elemento u oración que corrige o restringe el contenido del elemento u oración anterior o que se opone al contenido del elemento u oración anterior (GARCÉS, 1994, p.23).

⁴⁴ Parece bobo, embora às vezes surpreenda (CASCÓN MARTÍN, 2000, p.169).

⁴⁵ Parece bobo, mas às vezes surpreende (CASCÓN MARTÍN, 2000, p.169).

⁴⁶ É meu amigo, mas castigarei seus excessos (GILI GAYA, 1955, p.214).

⁴⁷ Embora seja meu amigo, castigarei seus excessos (GILI GAYA, 1955, p.214).

⁴⁸ Están emparentadas lógicamente e historicamente con las adversativas, y la conjunción *aunque* se usa actualmente con los dos valores (GILI Y GAYA, 1955, p.322).

Aunque p, q = p, pero q (FLAMENCO GARCÍA, 2000, 3812)⁴⁹

A sobreposição semântica ocorre, segundo a RAE (1931), porque a conjunção *aunque* apresenta valor primitivo concessivo, mas adquiriu, ao longo do tempo, valores adversativos (RAE, 1931, p.307). Essa conjunção, prototípica na expressão da subordinação adverbial concessiva em espanhol, também é elencada dentre as conjunções coordenativas adversativas (RAE, 1931), o que vai ao encontro do que postula Ibba (2007) quando reconhece a posição intermediária que concessão e adversidade ocupam entre a subordinação e a coordenação:

Na gramática de Bosque e Demonte (1999), é mencionado o fato de que os estudos tradicionais têm base na relação sintática entre os membros da oração concessiva, reservando às adversativas o estatuto de oração coordenada. Mas, a bibliografia mais recente, devido à estrutura bimembre de concessivas e adversativas, incluiu ambas entre as orações bipolares, aquelas que ocupam uma posição intermediária entre subordinação e coordenação (cf. IBBA, 2007, p.495).⁵⁰

Nesse sentido, Neves (2000) entende que as concessivas e as adversativas podem ser classificadas entre as *conexões contrastivas*, “cujo significado básico é contrário à expectativa, um significado que se origina não apenas do conteúdo do que está sendo dito, mas, ainda, do processo comunicativo e da relação falante-ouvinte” (NEVES, 2000, p.864-865).

Nota-se, assim, que concessivas e adversativas compartilham aspectos em comum nos diferentes domínios de análise, como para König (1994, p.681), ao assumir que “determinadas sentenças concessivas se confundem com as de valor adversativo a tal ponto que estabelecer distinção entre as duas seria algo impossível”.⁵¹

⁴⁹ Embora $p, q = p$, mas q (FLAMENCO GARCÍA, 2000, 3812).

⁵⁰ En la gramática de Bosque y Demonte (1999), se menciona el hecho de que en los estudios tradicionales se basó la relación sintáctica entre los miembros de la oración concesiva, reservando a las adversativas el estatuto de oración coordinada. Pero, la bibliografía más reciente, debido a la estructura bimembre de concessivas y adversativas, ha incluido ambas entre las oraciones bipolares, que ocupan una posición intermedia entre subordinación y (cf. IBBA, 2007, p.495).

⁵¹ Such rhetorical concessives – as they are often called - are typically introduced by a connective of type (d) and / or the adversative conjunction but and may thus be indistinguishable from adversative sentences (KONIG, 1994, p.681).

O quadro que segue apresenta um resumo dos pontos convergentes entre concessão e adversidade trabalhados aqui, que justificam, como postulam alguns autores, a posição intermediária conferida a *aunque* em um “misto” de concessão e adversidade.

Pontos convergentes	Ocorrências
<p>Informações contrastantes <i>conexões contrastivas</i> (NEVES, 2000)</p> <p>Oposição de significados parentesco lógico/histórico</p>	<p><i>no había tanto problema de incendios como ahora/ aunque recuerdo que hubo uno- uno de nuestra cuadrilla quemó una vez</i> (21, H-AH, 45)⁵²</p> <p><i>todavía el deje: sigue siendo extremeño/ se le nota pero a mi mujer no a mi mujer no se le nota ya: ...</i> (19, H-AH, 43)⁵³</p>
<p>Substituição <i>aunque/pero</i> <i>aunque p, q = p, pero q</i></p>	<p><i>porque tengo mi familia aquí/ aunque en Soria también tengo familia</i> (6, M-AH, 42)⁵⁴</p> <p><i>porque tengo mi familia aquí/ pero en Soria también tengo familia</i>⁵⁵</p>

Quadro (4): Pontos convergentes entre concessão e adversidade

2.3 Pontos divergentes entre concessão e adversidade

Partimos, neste trabalho, do pressuposto de que concessão e adversidade são tipos oracionais substancialmente distintos em diversos aspectos. Flamenco García (2000) tenta, com base na perspectiva lógico-semântica que adota, elencar algumas estratégias para diferenciar esses dois tipos semânticos. De acordo com o autor, a primeira consiste na relação do nexos com seus membros. A segunda refere-se à possibilidade de recorrência de construções com mais de dois membros.

⁵² Não havia tanto problema de incêndio quanto agora, embora eu me lembre que houve um, um do nosso grupo queimou uma vez.

⁵³ O sotaque continua sendo *extremeño*. Nota-se, mas o da minha mulher não, o da minha mulher não se nota mais.

⁵⁴ Porque tenho minha família aqui, embora em Soria também tenha família.

⁵⁵ Porque tenho minha família aqui, mas em Soria também tenho família.

A primeira estratégia compreende dois critérios vinculados, a *equidistância* e a *reversibilidade*, ou seja, a “distância” do nexos com relação aos demais termos, e a possibilidade de alteração da ordem da oração principal e da subordinada:

Típico esquema de coordenação (O = O₁ NEXO O₂)

O₁ NEXO O₂

Estuvo enfermo pero fue a trabajar

Típico esquema de subordinação (O = NEXO O₁ O₂)

NEXO O₁ O₂

Aunque estuvo enfermo fue a trabajar

(FLAMENCO GARCÍA, 2000, p.3814)⁵⁶

Para Flamenco García (2000), a distância entre os elementos e o nexos pode não ser tão importante quanto a mobilidade do nexos, característica da estratégia da reversibilidade, pois o nexos da construção adversativa ocupa obrigatoriamente a posição intermediária, entre as duas orações, enquanto o nexos da construção concessiva pode se antepor ou se pospor à oração subordinada, em outras palavras, a oração adversativa ocorre somente posposta à outra oração à qual se relaciona, diferentemente das orações concessivas, em que a subordinada concessiva pode ocorrer anteposta ou posposta à principal.

A segunda estratégia, que se refere à alteração da ordem entre as orações, envolve também dois outros critérios, *binariedade* e *assimetria*, como dado em (15) e (16):

(15) *Aunque ha perdido y aunque le han hecho trampas, no se ha enfadado.*
(FLAMENCO GARCÍA, 2000, p. 3816)⁵⁷

(15a) *No se ha enfadado, aunque ha perdido y aunque le han hecho trampas*

(16) **Le han hecho trampas, pero ha ganado y pero no se ha enfadado.*
(FLAMENCO GARCÍA, 2000, p. 3816)⁵⁸

⁵⁶ Esteve doente, mas foi trabalhar.

Embora estivesse doente, foi trabalhar (FLAMENCO GARCÍA, 2000, p.3814)

⁵⁷ Embora tenha perdido e embora o tenham enganado, não se irritou (FLAMENCO GARCÍA, 2000, p. 3816).

Segundo o autor, a repetição das estruturas (*aunque ha perdido y aunque le han hecho trampas*) é possível na concessiva, mas não é possível na adversativa, o que torna o exemplo dado em (16) agramatical. É possível observar, em (16), a impossibilidade de construção da sentença com dois membros sem que essa se torne agramatical, como prevê Flamenco García (2000) para os casos de adversidade.

Uma análise mais atenta dessas estratégias, no entanto, nos mostra que elas não se sustentam para todos os casos, como ocorre em (17), a seguir:

(17) *Es un buen chico aunque a veces se comporta de un modo extraño (*y aunque no estudie)* (exemplo adaptado de GARCÉS, 1994, p.24)⁵⁹

O exemplo dado em (17) nos sugere que, em alguns casos, a repetição de estruturas na concessão, como defende o autor, também pode parecer pouco provável na fala espontânea.

Garcés (1994) chama a atenção para outro fator importante que pode ajudar nessa distinção, e aparece de maneira elementar na análise que segue: trata-se da forma verbal da oração subordinada, pois a substituição de *aunque* por *pero* só é possível quando o verbo da oração subordinada ocorre no indicativo. Os exemplos (18) e (19), no subjuntivo, e (20) e (21), no indicativo, ilustram tal distinção:

(18) *Saldremos a comprar, aunque llueva* (exemplo adaptado de GARCÉS, 1994, p. 24)⁶⁰

(19) **Saldremos a comprar, pero llueva.* (exemplo adaptado de GARCÉS, 1994, p. 24)⁶¹

(20) *Es un chico muy interesante aunque se muestra un poco distante.* (GARCÉS, 1994, p. 24)⁶²

(21) *Es un chico muy interesante pero se muestra un poco distante.* (GARCÉS, 1994, p. 24)⁶³

⁵⁸ *Enganaram-no, mas ganhou e mas não se irritou (FLAMENCO GARCÍA, 2000, p. 3816).

⁵⁹ É um bom garoto, embora às vezes se comporte de um modo estranho (*e embora não estude) (exemplo adaptado de GARCÉS, 1994, p.24).

⁶⁰ Sairemos para fazer compras, embora chova (exemplo adaptado de GARCÉS, 1994, p. 24).

⁶¹ Sairemos para fazer compras, mas chova (exemplo adaptado de GARCÉS, 1994, p. 24).

⁶² É um garoto muito interessante, embora se mostre um pouco distante (GARCÉS, 1994, p. 24).

⁶³ É um garoto muito interessante, mas se mostra um pouco distante (GARCÉS, 1994, p. 24).

Em (19), a estrutura construída é considerada agramatical, já que, como afirma a autora, a substituição de *aunque* pelo nexos adversativo *pero* só é possível se o verbo que o acompanha estiver no indicativo, como atesta a paráfrase possível de (21). Nos contextos concessivos prefaciados por *aunque*, portanto, admite-se o uso de indicativo e de subjuntivo, mas essa alternância não é possível em contextos adversativos.

O uso do indicativo geralmente se relaciona a contextos *reais, factuais*, enquanto o subjuntivo, a contextos *hipotéticos, contrafactuais* ou *semifactuais*. É possível, no entanto, que haja ocorrência do subjuntivo em contextos *reais, factuais*, sendo que, nesse caso, o que diferencia é a pressuposição do falante com relação ao que está sendo apresentado no discurso, ou seja, se ele pressupõe que seu ouvinte já conheça ou não o conteúdo apresentado (FLAMENCO GARCÍA, 2000, p. 3829).

Como se pode perceber, os critérios oferecidos pelos estudiosos acima mencionados para distinguir as relações de concessão e de adversidade são basicamente sintáticos, já que distância (do nexos com relação aos demais termos), alteração de ordem, recorrência de estruturas e formas verbais se relacionam à morfossintaxe da língua. Em sentido contrário, Flamenco García (2000, p. 3810), apesar de valer-se de critérios majoritariamente sintáticos para distinguir os dois tipos oracionais, reconhece que “se existe alguma diferença entre concessão e adversidade, ela diz respeito às diferentes estratégias que decidam utilizar o falante no seu intercâmbio comunicativo”.⁶⁴

Tendo em vista o fato de que a intenção comunicativa norteia a codificação dos aspectos formais como os mencionados acima (e não o contrário), alguns autores, na tentativa de distinguir concessivas e adversativas, recorrem à semântica e à pragmática. Ibba (2007), valendo-se de princípios pragmáticos, afirma que os nexos adversativos introduzem informação remática, nova, não pressuposta, enquanto as orações concessivas introduzem informação conhecida entre os interlocutores, portanto, temática, pressuposta:

(22) *Haz lo que quieras, pero no cuentes con mi aprobación* (GARCÉS, 1994, p.23-24)⁶⁵

⁶⁴ Si existe alguna diferencia entre ellas [oraciones concesivas y adversativas], esta tendrá que ver con la distinta estrategia que decida utilizar el hablante en su intercambio comunicativo (FLAMENCO GARCÍA, 2000, p.3810).

⁶⁵ Faça o que quiser, mas não conte com minha aprovação (GARCÉS, 1994, p.23-24).

Em (22), a oração introduzida por *pero* apresenta a “nova informação”, de caráter restritivo, a fim de limitar, negar (ou mesmo restringir) o conteúdo da oração anterior, *haz lo que quieras*.

Um questionamento que surge, no entanto, é que as concessivas também parecem poder introduzir conceitos primários ou informações novas, não pressupostas, como pode representar o exemplo dado anteriormente em (20), em que *aunque [el chico] se muestra un poco distante* pode ser considerada uma informação não pressuposta ou simplesmente um caso em que o falante apresenta a oração concessiva levando em conta que seu interlocutor desconhece seu conteúdo ou a insere porque considera comunicativamente relevante informá-la ao ouvinte.

Além da pressuposição, discutiremos, no capítulo 4, que corresponde à apresentação da análise dos dados, casos em que ademais da factualidade e da pressuposição feita pelo falante sobre as informações que o ouvinte (des)conhece no ato da interação, o caráter não-pressuposto que apresentam as construções com *aunque* diz respeito, muitas vezes, à relevância atribuída pelo próprio falante a determinada informação, ao escolher ou não oferecê-la ao ouvinte, o que não depende do fato de que o interlocutor a conheça previamente ou não.

Apesar de reconhecer um “misto” concessivo/adversativo em determinados casos, Neves (2000) enfatiza os fatores argumentativos e dialógicos das concessivas a fim de diferenciá-las das orações adversativas (e até condicionais e causais), ou seja, considera a relação falante-ouvinte como fator condicionante de outros que particularizam as construções concessivas:

Ligadas, por um lado, às contrastivas, e, por outro, às condicionais e causais, as construções concessivas diferem dessas outras construções porque juntam eventos que contrariam a expectativa acerca do funcionamento normal do mundo. Mas não instauram contrastes entre “mundos”, pois requerem o compartilhamento de conhecimentos, a plausibilidade, aceitar certas argumentações como plausíveis e de admitir objeções. Em outras palavras, só podem ser equacionadas a partir da inclusão do ouvinte (NEVES, 2008, p.974).

Nesse sentido, Neves (2000), apoiada nos níveis de análise da língua propostos pela perspectiva funcional, estabeleceu possíveis níveis nos quais as relações de concessão podem ser expressas: as concessivas de conteúdo, as proposicionais, as epistêmicas e as de atos de fala. Essa classificação coincide com a proposta de Crevels (1998) para as orações concessivas da língua espanhola introduzidas por *aunque*. A partir de Sweetser (1990), Crevels (1998) incorpora o modelo concebido por Dik (1997a), que tinha a oração como unidade máxima de análise. A autora, no entanto, estende seu olhar sobre a atuação dessas orações e acrescenta a essa classificação as concessivas textuais. Dessa forma, defende que as orações concessivas introduzidas por *aunque* podem atuar na camada do predicado (2ª ordem), da proposição (3ª ordem), da ilocução (4ª ordem) e do texto (5ª ordem):

- (i) **Orações concessivas predicacionais ou de 2ª ordem:** são aquelas que atuam na camada da predicação, quando indicam que um evento ou estado-de-coisas descrito na oração concessiva forma um obstáculo, mas não impede a realização do evento ou do estado-de-coisas descrito na oração principal, como mostra (23) a seguir. Segundo a autora, uma marca prosódica pode ajudar na identificação dessas orações: a presença de um único contorno entre concessiva e principal:

(23) *Se casaron aunque sus padres se hubieran opuesto* (CREVELS, 1998, p. 135)⁶⁶

- (ii) **Orações concessivas proposicionais ou de 3ª ordem:** expressam que o falante, apesar de estar convencido do conteúdo da oração concessiva, chega a uma conclusão oposta, contida na oração principal. Isso porque a conjunção concessiva que atua no domínio proposicional marca o impedimento de uma crença ou uma conclusão:

(24) *Aunque no compartimos la ideología del PSOE, preferimos que estén ellos a que haya un gobierno de derechas* (CREVELS, 1998, p. 136)⁶⁷

- (iv) **Orações concessivas ilocucionárias ou de 4ª ordem:** não formam um obstáculo para a realização do evento ou do estado-de-coisas descrito na oração principal, mas representam um obstáculo para a realização do ato de fala expresso pelo falante na oração principal:

⁶⁶ Casaram-se embora seus pais tivessem se oposto (CREVELS, 1998, p. 135).

⁶⁷ Embora não compartilhemos da ideologia do PSOE, preferimos que sejam eles a que haja um governo de direita (CREVELS, 1998, p. 135).

(25) *María, la carta se encuentra en el cajón – aunque estoy convencida de que ya lo sabes* (CREVELS, 1998, p. 137)⁶⁸

- (v) **Orações concessivas textuais ou de 5ª ordem:** essas orações não modificam uma oração principal, mas geralmente uma porção textual inteira precedente. Nesse caso, a conjunção concessiva modifica um turno inesperado no contexto discursivo:

(26) *A: ¿Prefiere la mujer delgada y huesuda o la mujer con curvas y redondeces?
B: Yo me quedo con Modigliani. Soy de los antiguos. Aunque también me gusta la Venus de Milo* (CREVELS, 1998, p. 137)⁶⁹

A proposta da autora é a de uma camada de unidade textual para dar conta dos casos em que as relações concessivas não se subordinam de maneira semântico-sintática a uma oração principal bem delimitada. No entanto, a proposta parece não contemplar ocorrências nas quais o elo concessivo atua em unidades maiores do que a oração. Assim, nos pareceu necessário recorrer a um modelo teórico que auxiliasse na descrição de maneira mais ampla, a fim de descrever as relações que não se limitam à esfera oracional, mas extrapolam em direção ao discurso: a GDF.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 55), conforme já explicitado, reconhecem que a ordenação entre o Ato Nuclear e o Subsidiário é um fator de extrema importância para a classificação dessas estruturas em camadas, pois, questões referentes à ordenação são reflexo do que ocorre nos estratos mais altos de organização da GDF. No caso do exemplo que segue, o fato de a oração concessiva ocorrer antes da principal nos traz fortes indícios de que a relação de concessão é formulada no NR, como função semântica, e não função retórica, no NI:

(27) *Embora o trabalho tenha demorado mais do que o esperado, foi fácil* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.55)⁷⁰

⁶⁸ María, a carta se encontra na gaveta – embora eu esteja convencida de que você já sabe (CREVELS, 1998, p. 135).

⁶⁹ A: Você prefere a mulher magra e ossuda ou a mulher com curvas?

B: Eu fico com Modigliani, sou dos antigos. Embora eu também goste da Vênus de Milo (CREVELS, 1998, p. 135).

⁷⁰ Although the work took longer than expected it was easy (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55).

Desse modo, assim como dado anteriormente, não configurará um caso plausível de substituição por um nexos adversativo (*aunque* por *pero*), dado que, nos contextos adversativos, o Ato Nuclear, marcado por *mas/pero*, por questões comunicativas, necessariamente pode ocorrer posposto.

O quadro abaixo traz uma sistematização dos critérios apresentados para distanciar as estruturas concessivas e adversativas que são objeto deste estudo. Os critérios estão dispostos na ordem em que foram trabalhados neste capítulo e vão daqueles mais formais em direção aos mais funcionais, embora consideremos que os aspectos formais são condicionados pelos funcionais. No quadro, está representada pela flecha a orientação dos critérios apresentados, que serão detalhados na Análise dos dados (cf. capítulo 4):

Critério/ Ocorrências	
Distância entre os elementos	<i>Aunque</i> + O1 + O2 O1 + <i>pero</i> + O2
(28) <i>Aunque</i> es mucho más tranquilo Alcalá ya es una ciudad que ha- ha crecido demasiado deprisa Embora seja muito mais tranquilo, Alcalá já é uma cidade que cresceu muito depressa	
(28a) es mucho más tranquilo Alcalá ...// <i>pero</i> ya es una ciudad que ha crecido demasiado deprisa (45, H-AH, 33) Alcalá é muito mais tranquilo, mas já é uma cidade que cresceu muito depressa	
Alteração de orden	
(29) <i>eso es un problema/ nacional no es un problema de aquí aunque aquí tenemos los nuestros y nuestras peleas// con los municipales//</i> (45, H-AH, 33) isso é um problema nacional, não é problema daqui, embora aqui tenhamos as nossas brigas com as autoridades	
(29a) <i>aunque aquí tenemos los nuestros y nuestras peleas// con los municipales// eso es un problema/ nacional no es un problema de aquí</i> Embora aqui tenhamos as nossas brigas com as autoridades, isso é um problema nacional, não é problema daqui	
(29b) <i>eso es un problema/ nacional no es un problema de aquí pero aquí tenemos los nuestros y nuestras peleas// con los municipales//</i> isso é um problema nacional, não é problema daqui, mas aqui temos as nossas brigas com as autoridades	
Recorrência de estruturas	
(30) <i>y dije «pues bueno/ ¿por qué no?»/ aunque estuve muy mal y aunque suspendí yo recuerdo que cuando empecé dábamos cosas del colegio o sea: dos por dos son cuatro y ya está/</i> (11, M-AH, 23) e eu disse: pois bem, por que não? Embora tenha estado muito mal e embora tenha reprovado, eu me lembro que quando comecei dávamos coisas do colégio, ou seja: dois mais dois são quatro e é isso	



<p>(30a) <i>*yo recuerdo que cuando empecé dábamos cosas del colegio pero estuve muy mal y pero suspendí</i> <i>*eu me lembro que quando comecei dávamos coisas do colégio, mas estive muito mal e mas reprovei</i></p>
<p>Forma verbal</p> <p>(31) <i>voy a transformar mi tienda o a reformar mi-/ mi vivienda/ aunque me cueste un poco más caro</i> (45, H-AH, 33) vou transformar minha loja e reformar minha casa, embora me custe um pouco mais caro</p> <p>(31a) <i>*voy a transformar mi tienda o a reformar mi-/ mi vivienda/ pero me cueste un poco más</i> <i>* vou transformar minha loja e reformar minha casa, mas me custe um pouco mais caro</i></p> <p>(32) <i>el distrito cuatro que coge además también me parece: Tabla Pintora y Nuevo Alcalá/ aunque son dos barrios muy: separados// que también han hecho bueno</i> (26, H-AH, 26) o distrito quatro que pega também Tabla Pintora e Nuevo Alcalá, embora sejam dois bairros muito separados que também fizeram</p> <p>(32a) <i>el distrito cuatro que coge además también me parece: Tabla Pintora y Nuevo Alcalá/ pero son dos barrios muy: separados// que también han hecho bueno</i> o distrito quatro que pega também Tabla Pintora e Nuevo Alcalá, mas são dois bairros muito separados que também fizeram</p>
<p>Tipo de informação (dada ou nova)/Pressuposição</p> <p>(33) <i>la-// entonces todo recto// que ahora al quitar la plaza de toros no sé seguirá siendo el barrio de la plaza toros aunque lo hayan quitado</i> (29, M-AH, 29) que agora, ao acabar com a praça de touros, continuará sendo o bairro da praça de touros embora tenham acabado com ele</p> <p>(33) 2. <i>siempre/ ¿y cuándo: a la persona no la conoces?</i> 1. <i>si:-// es que ya claro/ ahora ya me voy nivelando en la edad/ con- con las personas más mayores pero yo antes</i> (30, M-AH, 30) (2) e quando você não conhece a pessoa? (1) sim, é que agora vou nivelando em idade com as pessoas mais velhas, mas eu antes</p>
<p>Direção/peso argumentativo</p> <p>(34) <i>se había metido gente en la guerra// y como ya sabes los- los inquilinos no los podías echar de ninguna forma// aunque te necesitabas la casa</i> (48, M-AH, 36) e colocaram gente na guerra, e como você já sabe, os inquilinos você não podia mandar embora de maneira alguma, embora você precisasse da casa</p> <p>(34a) <i>se había metido gente en la guerra// y como ya sabes los- los inquilinos no los podías echar de ninguna forma// pero te necesitabas la casa</i> e colocaram gente na guerra, e como você já sabe, os inquilinos você não podia mandar embora de maneira alguma, mas você precisava da casa</p>
<p>Função retórica/Função semântica</p> <p>(35) <i>lo que tenéis que hacer es separaros /aunque se separaron ya tres veces/ ¿sabes?</i> (11, M-AH, 23) o que vocês têm que fazer é se separar, embora já tenham se separado três vezes, né?</p> <p>(36) <i>y aunque te apetezca o no te apetezca o aunque te surja algo tienes que solucionarlo</i> (26, H-AH, 26) e embora te apeteça ou não te apeteça ou embora apareça algo, você tem que solucionar</p>

Quadro (5): Critérios de distinção

Se o critério é a distância entre os elementos, *aunque* pode aparecer em posição inicial, seguido da oração que acompanha e mais distante do que seria, no caso, a oração principal, como em (28). Já *pero*, por sua vez, precisa ocorrer em posição intermediária, vinculado de maneira direta à oração que o pospõe (28a) (pode apenas introduzir o segundo elemento, nunca o primeiro). Nos casos em que o critério é a alteração de ordem, *aunque* pode figurar em distintas posições, ou seja, há a flexibilidade na alteração da ordem das orações com esse juntor, como em (29) e (29a). Em (29b), ao contrário, *pero* sempre introduz a oração posposta, geralmente de maior peso informativo, e a alteração de ordem não é possível.

Outro critério, reconhecido por Flamenco García (2000), é o da possibilidade ou não de recorrência de estruturas: vemos que em (30) é possível que haja a recorrência de *aunque* (repetição de estruturas), ainda que esse não seja um uso preferido; já em (30a), a recorrência de *pero* torna a estrutura agramatical.

O quinto critério apresentado no quadro, o da forma verbal, também nos permite validar o fato de que *aunque* e *pero* têm funções distintas: enquanto *aunque* aceita as formas verbais com indicativo e subjuntivo (cf. 30 e 31), *pero* acompanha apenas verbos no indicativo (31a), o que torna agramatical uma construção como (30a), como reconhecem os autores. O critério referente ao tipo de conceito veiculado pelas orações introduzidas por *aunque* e *pero* diz respeito ao caráter de informação dada ou nova, o que se comprova em (32), em que *aunque* parece introduzir uma informação já conhecida (*aunque lo hayan quitado*), enquanto *pero*, em *pero yo antes*, uma informação nova, até então desconhecida pelo interlocutor.

Em relação à direção ou peso argumentativo conferido por *aunque* e *pero*, (34) ilustra um exemplo em que a carga argumentativa não recai sobre *aunque te necesitabas la casa*, mas sobre a oração que a antecede. Em (34a), ao contrário, *pero te necesitabas la casa* aparece como a informação que prevalece, a de maior peso argumentativo, em detrimento de *los inquilinos no los podías echar de ninguna forma*.

Por fim, em (35) e (36), o critério é a função que exerce a construção concessiva, se retórica ou semântica. Nos moldes da GDF, *aunque se separaron ya tres veces*, em (35), exerce função retórica e representa casos passíveis de serem aproximados de uma interpretação adversativa. Já *aunque te apetezca o no te apetezca o aunque te surja*, em (36), por questões que vão da forma à função, não permite leitura adversativa (a construção concessiva exerce, nesses casos, função semântica). Veremos, com mais detalhe, no capítulo destinado à análise dos dados (cf. capítulo 4), em que medida o modelo da GDF auxilia para resolver essa distinção.

Como se pode perceber, a distinção entre orações concessivas e adversativas em espanhol, em especial no que diz respeito aos casos introduzidos por *aunque*, é bastante complexa e ainda pouco explorada na literatura, que se limita a critérios morfossintáticos para tentar distinguir esses dois tipos oracionais e generaliza o denominado “parentesco lógico” a todos os tipos oracionais introduzidos por *aunque*.

CAPÍTULO 3

UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO E FATORES DE ANÁLISE

O objetivo geral desta pesquisa, como já mencionado, consiste em explicar, à luz da Gramática Discursivo-Funcional, o fenômeno da chamada “sobreposição semântica” concessão/adversidade, buscando compreender os motivos que levam *aunque* a ser classificado, pela literatura, ora como nexos coordenativos adversativos ora como subordinativos concessivos. Para tanto, pretendemos, em especial nas próximas seções, apresentar esse tipo de construção em dados do espanhol peninsular falado, pois, como visto pela bibliografia levantada, trata-se de uma questão complexa, ainda não esgotada pela literatura linguística, que prevê os distintos usos de *aunque*, mas ainda deixa algumas lacunas no que diz respeito à motivação funcional desses usos.

Os objetivos específicos compreendem investigar as propriedades da relação de concessão que ocorrem especialmente no NI, a fim de entender se as orações concessivas introduzidas por *aunque* compartilham propriedades com as estruturas adversativas ou, no caso de não compartilharem, quais são as propriedades dessas estruturas que justificam sua interpretação como casos de adversidade. Além disso, qual a correspondência dessas estruturas em um modelo como o da GDF tendo em vista as concepções de concessão e de adversidade assumidas por autores consagrados na literatura da área como Flamenco García (2000), König (1994) e Neves (2000), por exemplo.

O corpus adotado para a análise consiste em amostras extraídas do Projeto PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*), coordenado pelo professor Francisco Moreno, da Universidade de Alcalá de Henares, Espanha. Por ser um projeto grandioso, o recolhimento do corpus ainda está em construção. Por isso, para a presente investigação, utilizaremos somente os inquiridos do corpus correspondentes à cidade de Alcalá de Henares, localizada a aproximadamente 100 km de Madri, na Espanha.

O projeto dispõe das seguintes variáveis sociais para, a partir delas, representar o universo de pesquisa em questão: o sexo, a idade e o grau de instrução dos entrevistados. Considerando essas variáveis, e no que diz respeito à idade, os participantes têm, em geral, no mínimo 20 anos e estão divididos em três grupos: os que têm de 20 a 34 anos, de 35 a 54 anos e, por último, de 55 anos em diante. Sobre o grau de instrução dos entrevistados, são adotadas

as etapas de escolarização referentes ao ensino na Espanha: *enseñanza primaria, secundaria* ou *superior*.

É importante enfatizar que, apesar de serem dados fornecidos pela plataforma do PRESEEA, esta pesquisa não apresenta viés sociolinguístico, por isso não relaciona os fatores de análise com os fatores socialmente controlados pelo projeto tais como idade, sexo, escolaridade, etc. O foco desta investigação é basicamente a descrição do espanhol peninsular falado no que diz respeito aos aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos na construção da concessão.

Para o perfeito entendimento das referências dos dados, a indicação ao final de cada ocorrência, como (17, M-AH, 5), por exemplo, corresponde, respectivamente, ao número do informante no cópuz (17), seu sexo (F para feminino e M para Masculino), o lugar onde foi realizada a pesquisa (AH – Alcalá de Henares) e, por fim, o número da entrevista (5).

Para o presente estudo, levantamos um total de 156 ocorrências coletadas dos inquiridos da cidade de Alcalá de Henares, que está localizada a aproximadamente 100 km de Madri, na Espanha. O cópuz referente à Alcalá de Henares é composto por três volumes com 18 entrevistas cada e mais de 45 minutos de gravação por inquirido. As ocorrências foram selecionadas a partir da leitura e interpretação das amostras correspondentes à cidade.

Como mencionado anteriormente (cf. Introdução), os fatores prosódicos, embora reconhecida sua importância no processo de interpretação e descrição das ocorrências, não foram incorporados a este estudo, o que significa que não configuram isoladamente um critério de análise.

Considerando os objetivos de pesquisa estabelecidos ao levar em conta o que a literatura postula a respeito de concessão e adversidade, cada ocorrência foi analisada de acordo com os seguintes fatores:

- 3.1. Nível e camada do componente gramatical;
- 3.2. Tipo de informação veiculada pela estrutura prefaciada por *aunque* com base no fluxo informacional: primário ou secundário, tendo como consequência a pressuposição das orações envolvidas;
- 3.3. Factualidade da oração principal e da oração introduzida por *aunque*, tendo em vista o valor de verdade/realidade das orações;
- 3.4. Tempo e modo verbal das orações: correlação modo-temporal entre a oração principal e a oração introduzida por *aunque*;
- 3.5. Posição da oração introduzida por *aunque* com relação à oração principal: anteposta ou posposta;

3.6. Tipo de dependência, no Nível Morfossintático, que apresenta a relação de concessão.

3.1. Nível e camada do componente gramatical

Na análise do primeiro fator, é necessário que determinemos o nível da oração encabeçada por *aunque*, a fim de observarmos o domínio de atuação dessas estruturas. Cada nível, como vimos, está organizado hierarquicamente em camadas. Assim, ao analisar o nível, observamos também a camada de atuação.

A camada é o fator determinante, em função do qual todos os outros serão descritos. As ocorrências selecionadas pertencem ao NI e ao NR, o que significa que o nível, neste fator de análise, aparece a fim de que apresentemos o lugar exato que ocupam as possíveis camadas de atuação de cada ocorrência no modelo da GDF.

Sendo assim, o nível de atuação das estruturas prefaciadas por *aunque* com relação aos postulados pelo arcabouço teórico da GDF são NR ou NI, como exemplificado em (1) e (2), respectivamente:

(1) *entonces llega un momento en que aunque sea con las ventanas abiertas algo de fresco te tiene que entrar porque si no/ te quedas pajarito* (31, H- AH, 7)

então chega um momento em que embora seja com as janelas abertas, um ar tem que entrar, para que você não fique nervoso

(2) *tú puedes saber perfectamente que- que pasar hambre es muy chungo// aunque no has pasado nunca* (8, H-AH, 20)

você pode saber perfeitamente que passar fome é horrível, embora você nunca tenha passado

As construções voltadas para o conteúdo, no NR, desempenham função semântica e se aproximam dos usos previstos pela Gramática Tradicional, quando a concessão, conforme Neves (2000) e Garcia (2012), é uma estratégia de antecipação de possíveis objeções do interlocutor. A ideia de uma oração que se volta para o conteúdo de outra vai ao encontro do que postulam Mateus et al. (1989), quando entendem que a concessão exprime um conteúdo semântico que “contrasta com aquilo que, dado nosso conhecimento de mundo, se esperaria a partir do conteúdo semântico da proposição com a qual se combina” (MATEUS et al., 1989, p.718). É exatamente isso que ocorre em (1), em que a oração *aunque sea con las ventanas*

abiertas está voltada para o conteúdo da oração posterior *algo de fresco te tiene que entrar*, e funciona como uma estratégia de antecipação que faz o falante a qualquer possível objeção por parte do ouvinte.

Em (2), diferentemente, *aunque no has pasado nunca e tú puedes saber perfectamente que pasar hambre es muy chungo* não configuram relações entre conteúdos, mas funcionam como uma estratégia do falante para convencer/persuadir seu interlocutor, algo que considera comunicativamente importante ressaltar, já que pretende mostrar ao seu interlocutor que considera o fato de nunca ter passado fome, mas acredita que mesmo assim é possível saber que se trata de algo muito ruim, uma ocorrência do NI.

No NI, em consonância com o trabalho de Parra (2016), as relações de concessão podem ocorrer nas camadas do Movimento e do Ato Discursivo. No NR, por sua vez, as relações podem se dar entre Conteúdos Proposicionais. A ocorrências (3), (4) e (5) ilustram, respectivamente, a relação concessiva nas camadas do Movimento, do Ato Discursivo e do Conteúdo Proposicional:

(3) (2) *bueno Alcalá oyes/ el- el Alcalá original era totalmente diferente a: como es ahora/ claro*

(1) (hm) (hm)

(2) *la forma de vida y todo/ aunque: yo no:-/ no sé no- no encuentre: en sí las palabras/ para- para explicarlo como era y tal/ pero sí/ tengo: el- la idea de que de que era muy diferente a como es ahora de todo el entorno de- de Alcalá (7, H-AH, 19)*

(2) bom Alcalá original era totalmente diferente de como é agora

(2) a forma de vida e tudo, embora eu não encontre as palavras para explicar como era e tal, mas sim, tenho a ideia de que era muito diferente de como é agora, de todo o entorno de Alcalá

(4) *de hecho pues yo qué sé bueno pues/// o- o yo por lo menos es mi fi- mi filosofía ¿no? el-/ el-/ el hacer lo que me gusta y:- y enriquecerme como persona ¿no? aunque- aunque luego el bolsillo se queje ¿no? (8, H-AH, 20)*

de fato, eu não sei, pelo menos é minha filosofia, não? Fazer o que gosto e enriquecer-me como pessoa, não? Embora o bolso reclame, não?

(5) *y entonces vamos de viaje y tenemos que llevar el aire acondicionado apagado ya solamente cuando no aguantamos más// aunque sea con las ventanas abiertas hay que enchufarlo porque// más donde vamos a veranear allí a Murcia aquello es insoportable (31, H-AH, 7)*

e então vamos viajar e temos que deixar o ar condicionado desligado até quando não aguentamos mais, embora seja com as janelas abertas, tem que ligá-lo porque lá em Murcia é insuportável

Como vimos acima, (3) e (4) representam ocorrências do NI. Em (3), a oração *aunque: yo no:-/ no sé no- no encuentre: en sí las palabras/ para- para explicarlo como era y tal* é inserida como forma de adicionar uma informação que o falante julga importante no fluxo interacional, o que caracteriza um Movimento. A cisão no tópico discursivo é evidenciada pela repetição das estruturas *era totalmente diferente* e *tengo la idea de que de que era muy diferente a como es ahora*, que aparece imediatamente após o Movimento inserido. Em (4), está presente o mesmo valor veiculado em (1), por exemplo, quando *aunque luego el bolsillo se queje ¿no?* constitui um Ato Discursivo que exerce função retórica sobre o Ato Discursivo anterior *el hacer lo que me gusta y enriquecerme como persona ¿no?*, de forma a evidenciar que o falante considera a importância da questão financeira quando se escolhe uma profissão. Em (5), por sua vez, *aunque sea con las ventanas abiertas*, diferentemente do que acontece nas ocorrências anteriores, está voltada para o conteúdo da oração posterior *hay que enchufarlo*, o que configura uma estratégia usada pelo falante para antecipar possíveis objeções por parte do ouvinte, um caso de concessão entre Conteúdos Proposicionais, no NR.

Reconhecemos a atuação de *aunque* nesses dois contextos, quando o falante faz usos de estratégias retóricas e interacionais a fim de atingir seu propósito comunicativo, e quando usa a concessão como uma estratégia de antecipação a uma possível objeção de seu ouvinte. Apresentaremos, no capítulo que segue, uma análise de como se dá a suposta sobreposição semântica de *aunque*, considerando as particularidades de cada nível e camada do modelo da GDF em que se concebe a concessão.

3.2. Tipo de informação veiculada pela estrutura prefaciada por *aunque*: pressuposição

O segundo fator propõe verificar o tipo de informação, nova ou dada, a partir das considerações de Crevels (1998) de que as orações concessivas apresentam conceitos secundários enquanto as adversativas, primários. No caso da concessão, como postula Crevels (1998), a oração subordinada (com *aunque*) tende a veicular informação que o falante imagina já ser conhecida por seu ouvinte, por já ser partilhada entre eles (inferida por questões de contexto ou conhecimento de mundo, por exemplo, o que, no modelo da GDF, compõem o Componente Contextual). Nesse sentido, também pretendemos verificar a aplicabilidade do

que postula Ibba (2007), já que a autora defende que as concessivas apresentam informação remática e as adversativas, temática.⁷¹

O conceito de pressuposição será tratado, neste trabalho, em relação constante com outros conceitos que nos permitam avaliar, para além de uma informação pressuposta ou não (já conhecida ou não pelo interlocutor), informações que o falante considera relevante ou não mencionar para atingir seu propósito comunicativo (*figura e fundo*, cf. 4.2), conforme ilustra (6) a seguir:

(6) (...) *capital de provincia y tal/ muy pequeñita/ pero tiene su vida// tiene/ de verdad su identidad/ y en cambio Alcalá no la tiene/ **aunque/ queremos que la tenga y tal/*** (50, H-AH, 14)

capital da província e tal, muito pequena, mas tem sua vida, tem sua identidade, e em contrapartida Alcalá não tem, embora queiramos que tenha e tal

Casos como (6) veiculam uma estratégia interacional do falante, que julga importante mencionar *aunque queremos que la tenga y tal* como forma de explicitar que embora não considere que Alcalá tenha sua identidade (em comparação com a outra cidade, capital da província), seus habitantes desejam que a tenha, configurando uma informação nova.

3.3. Factualidade da oração principal e da oração introduzida por *aunque*

Para Hengeveld (1998), são factuais as orações que “descrevem eventos considerados reais da perspectiva do ponto de referência temporal da oração principal” (HENGEVELD, 1998, p.350).⁷² A factualidade, então, permitirá identificar se a informação introduzida por *aunque* é real, irreal ou potencial, já que, para Neves (2008), predomina nas concessivas a leitura real/factual, como em (7), o que pode justificar sua aproximação das estruturas adversativas:

⁷¹ Os conceitos de informação dada e nova/tema e rema são aqui tratados como sinônimos, visto que não é questão central deste trabalho definir as nuances em seus usos.

⁷² Describe an event that is considered to be real from the perspective of the temporal reference point of the main clause (HENGEVELD, 1998, p.350).

(7) (2) *porque:/ normalmente eso// ¿supone para usted algún problema eso de:- // de/ que le traten de tú que le traten de usted?*

(1) *no no no al revés (?)/ prefiero que-/ **aunque yo estoy acostumbrado/** a tratar a: casi todo el mundo de tú// de usted/ quiero decir// el que me llamen de:- de tú pues: (bah) es que no sé yo creo que me siento hasta más joven más integrado (43, H-AH, 31)*

(2) porque normalmente, o senhor vê algum problema em te tratarem por *você* ou por *senhor*?

(1) não, pelo contrário. Prefiro que, embora eu esteja acostumado a tratar quase todo mundo por *você*, por *senhor*, quero dizer, o fato de que me chamem de *você* faz com que eu me sinta até mais jovem, mais enturmado

Em (7), acima, temos um exemplo do que pode ser um fator favorável à confusão dos valores de *aunque*. A oração *aunque yo estoy acostumbrado* não tem seu caráter factual, de evento real, questionado, assim como na maioria das estruturas concessivas (Neves, 2008). A construção concessiva, neste caso, é um evento considerado real, factual em relação à outra oração. Veremos, em 4.3, em que medida o caráter factual das concessivas pode aproximá-las de uma interpretação adversativa.

3.4. Tempo e modo verbal das orações: a correlação modo-temporal entre oração principal e oração introduzida por *aunque*

O fator quatro consiste em estabelecer a frequência na correlação entre tempo e modo verbal das orações principal e aquela encabeçada por *aunque*. A escolha se justifica porque o caráter de informação pressuposta ou não e, principalmente, a necessidade por parte do falante de acrescentar dada informação que julga ser comunicativamente relevante estão atrelados ao tempo e ao modo verbal da oração com *aunque*.

A ocorrência dada em (8) apresenta uma possibilidade de correlação frequentemente encontrada nas construções concessivas:

(8) (2) *¿tú qué prefieres?*

(1) *((tos)) es muy complicado la opción/ y no hay una opción ideal/ no hay una opción que sea la buena// porque si vuelve a repetir/ uno de los problemas que ha tenido/ es que **domina** mucho a los chicos pequeños/// (e:) **aunque sea jugando/** (31, H-AH, 7)*

(2) e você prefere o quê?

(1) é muito complicado escolher/e não há uma opção ideal/não há uma opção que seja boa, porque se voltar a repetir um dos problemas que teve, é que ele domina muito os garotos pequenos, embora seja brincando

(8a) * *es que **domina** mucho a los chicos pequeños/// (e:) pero sea jugando*

*é que domina muito os garotos pequenos, mas seja brincando

O que parece é que, como nos casos acima, apenas as construções com verbo no indicativo podem ser substituídas por *pero*. Caso contrário, constituem casos de construção agramatical, pois, como em (8a), o verbo ocorre no subjuntivo.

Sendo assim, o quarto fator de análise diz respeito ao tempo e ao modo verbal da oração principal, que será analisado neste texto em uma correlação modo-temporal entre oração principal e oração encabeçada por *aunque*. Em (9) a seguir, os verbos estão no indicativo e no presente (ainda que na concessiva com o uso da perífrase de gerúndio) nas duas orações (*y los niños **son** tímidos aunque bueno según **van creciendo se van abriendo más***). Isso ocorre porque a concessão, quando ocorre no domínio semântico, apresenta alto grau de integração morfossintática, o que explica a seleção do subjuntivo. Em contrapartida, quando a relação de concessão é de natureza pragmática, tende a ser menos integrada morfossintaticamente, condicionando o uso do indicativo, conforme se observa na ocorrência a seguir:

(9) (1) *¿de carácter?/// pues: mi marido es de: tiene un carácter muy alegre*

(2) *¿sí?///*

(1) *es (m:) extrovertido/// y los niños **so:n** tímidos:/// aunque bueno según **van creciendo: se van abriendo más** (36, M-AH, 12)*

(1) de caráter? Meu marido é de um caráter muito alegre

(2) sim?

(1) é extrovertido, e as crianças são tímidas, embora à medida que vão crescendo, vão se abrindo mais

Como acontece na ocorrência acima, a correlação indicativo na oração principal (*son*) e indicativo na concessiva (*van creciendo/van abriendo*) representa uma das possibilidades de leitura adversativa, como admitido pelos autores (cf. 4.4, a seguir). No entanto, como já reconhece a Gramática Tradicional, quando o verbo da concessiva está no subjuntivo, a substituição por *pero* não é possível, portanto não permite leitura adversativa.

3.5. Posição da oração introduzida por *aunque* com relação à oração principal

Considerando que, para Hengeveld e Mackenzie (2008), a ordenação de constituintes é um fator relevante para a descrição gramatical, já que a posição é resultado da codificação das informações recebidas dos níveis mais altos, relacionados à semântica e à pragmática, este fator de análise trata da posição da oração subordinada em relação à principal, uma vez que ora ocorre a anteposição da oração introduzida por *aunque* à principal, ora ocorre a posposição, como ilustram as ocorrências abaixo:

- (10) *por ejemplo la que yo vivo es una vivienda de las primeras que se hizo// entonces curiosamente aunque es de las primeras/ todavía se mantenía un nivel de calidad en la construcción* (32, H-AH, 8)

por exemplo, a casa onde vivo é uma das primeiras que fizeram, então curiosamente embora seja das primeiras, ainda se mantinha um nível de qualidade na construção

- (11) *total que: ya después de mucho andar e incluso estaba lloviendo y todo/ el paseo ya no se estaba haciendo tan agradable/ ni era tan idílico como podía parecer aunque hay gente que lo idílico es la lluvia ¿no?/* (31, H-AH, 7)

e depois de muito andar, inclusive estava chovendo e tudo, o passeio já não era tão agradável, nem era tão bucólico como podia parecer, embora para algumas pessoas o bucólico seja a chuva, não?

Em (10), *aunque es de las primeras* aparece anteposta à *todavía se mantenía un nivel de calidad en la construcción*, ou seja, a oração introduzida por *aunque* volta-se para o conteúdo da oração, exercendo função semântica sobre ela. Já em (11), por outro lado, *aunque hay gente que lo idílico es la lluvia* pospõe-se à *ni era tan idílico como podía parecer*, como função retórica, que o falante insere porque considera comunicativamente importante ressaltar.

Além dessas duas possibilidades, ou seja, da anteposição ou da posposição, consideramos (a exemplo de Parra, 2016) casos em que a oração não se relaciona sintaticamente a nenhuma outra imediatamente anterior ou posterior a ela, mas a todo o contexto discursivo que a envolve, como atesta (12) a seguir:

- (12) (1) *donde preguntes por P/ te dirán quién es*
 (2) *que lo conocen*
 (1) *sí claro/ tú preguntas pero por P pero por J/ por el mayor/ porque es que luego ha habido otros dos hermanos/ y sobrinos/ y ahora los sobrinos/ pues quieren:/ hacer ver que ellos son los forjadores/ no/ y si no tú pregunta también en C// que era- **aunque no me hablo con él ahora** porque:/ yo no sé qué le pasaría conmigo no lo sé*
 (2) *¿se pelearon?*
 (2) *no no/ yo nada/ (47, M-AH, 35)*
- (1) onde você perguntar por P, vão te dizer quem é
 (2) que o conhecem
 (1) sim, claro. Você pergunta por P ou por J, pelo mais velho, porque tinham outros dois irmãos, e sobrinhos, e agora os sobrinhos querem fazer parece que eles são os mentirosos. E, se não, você pergunta também em C, que era ... embora eu não fale com ele agora, porque, não sei o que aconteceria comigo, não sei ...
 (2) vocês brigaram?
 (1) não, não. Eu não

Assim como apenas os casos com indicativo aceitam substituição por *pero*, no que se refere à posição, a anteposição é o modo de ordenação em que *aunque* e *pero* não são parafraseáveis, sendo, portanto, essa possível paráfrase exclusiva para os casos de posposição e posição independente, quando apresentam o verbo da concessiva no indicativo (*aunque no me hablo con él ahora*). Além disso, esses casos desempenham função interacional (cf. 4.5), quando atuam na organização do discurso, acrescentando informação em relação ao conteúdo que vinha sendo desenvolvido anteriormente (STASSI-SÉ, 2012).

3.6. Tipo de dependência no Nível Morfosintático

No sexto fator, pretendemos descrever o tipo de processo que a oração concessiva constitui com relação à principal no NM, tomando como base as possíveis relações entre as orações na Expressão Linguística: *Equiordenação*, *Cosubordinação* ou *Coordenação*.

Para tanto, partiremos das possibilidades de ocorrência da concessão no NI ou no NR, quando configuram, respectivamente, manobras do falante tendo em vista seu interlocutor (cf. (13) e (14) ou uma antecipação de possíveis objeções que seu ouvinte possa fazer (cf. 15):

- (13) *hasta que ya estos días se ha quedado el calor muy fijado y ya vas con ropa de verano prácticamente/ pero sí te cuesta bastante **primero porque no te lo crees/ aunque lo estés padeciendo que pueda ser normal/ y después por eso** porque es un proceso que te pilla un poco (31, H-AH, 7)*

até que estes dias está muito calor e você vai com roupa de verão praticamente, mas pra você é bastante difícil, primeiro porque você não acredita, embora possa parecer normal, e depois por isso, porque é um processo que te irrita um pouco

(14) (2) *la dicen:/ «Carolina que-/ que no hables» y dice// «si yo no he sido señorita la que he hablado» (risa = 2)*

(1) *ya si habla tanto ya: cuando oigan hablar ...*

(2) *ya la: ...*

(1) *ya se la toman como que ha sido ella aunque no haya sido* (16, M-AH, 4)

(2) e dizem para ela: Carolina, não converse. E ela diz: mas não fui eu quem falou

(1) ela fala tanto que quando ouvem falar

(1) já imaginam que foi ela, embora não tenha sido

(15) *pero/ he visto en todo mi alrededor/ empezando por mi mujer/ porque aunque no sea de Alcalá/ pues ha vivido desde los diez años o menos aquí en Alcalá que es como si fuera: de él/ de nacida en Alcalá* (51, H-AH, 15)

mas eu vi ao meu redor, começando pela minha mulher, porque embora não seja de Alcalá, ela viveu desde os dez anos ou menos aqui em Alcalá que é como se tivesse nascido em Alcalá

Em (13) e (14), por exemplo, *aunque lo estés padeciendo que pueda ser normal* e *aunque lo estés padeciendo que pueda ser normal*, respectivamente, ilustram tipos de dependência que podem ocorrer na camada da Expressão Linguística, quando unidades são combinadas sem que sejam constituintes umas das outras, relação condicionada pelo falante para atingir seus propósitos comunicativos diante de seu interlocutor; nesse caso, configuram o processo de Cossubordinação, em que o Ato Discursivo Nuclear é independente do Ato Discursivo Subsidiário, que, por sua vez, é dependente do Nuclear. Já em (15), por sua vez, *aunque no sea de Alcalá* está mais próxima do que entende a GDF como relação de Subordinação na camada da Oração, em uma relação de Núcleo-Modificador.

Concluída a apresentação dos fatores de análise, no capítulo que segue, será desenvolvida a análise dos dados de acordo com cada fator previamente estabelecido e descrito acima. As ocorrências selecionadas são classificadas conforme os parâmetros de análise propostos. Buscamos classificar as estruturas introduzidas por *aunque* selecionadas para análise de acordo com o que prevê a teoria da GDF: a organização dessas construções em níveis e camadas dentro de seu modelo teórico. Posteriormente, a partir dessa classificação, verificamos sua relação com o matiz que concerne a essas estruturas, no sentido de definir as razões pelas quais os contextos de uso de *aunque* nos parecem fazer referência à atuação da concessão no domínio pragmático.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo apresenta uma análise dos resultados obtidos por meio da aplicação dos critérios descritos no capítulo anterior às 156 ocorrências introduzidas por *aunque* coletadas. Para tanto, a análise de dados que segue se organiza da seguinte forma: no item (4.1), o nível e a camada do componente gramatical serão norteadores desta análise no sentido de verificar as particularidades da atuação das orações em questão; em (4.2), depois de definidos os níveis e camadas de atuação, o escopo da análise se volta ao tipo de informação veiculada (caráter de informação nova ou dada, por exemplo) pela estrutura prefaciada por *aunque* com base no fluxo informacional, se primário ou secundário, e, por consequência, a pressuposição das orações envolvidas; (4.3) refere-se à factualidade da oração principal e da oração introduzida por *aunque*, considerando o valor de verdade/realidade das orações; em (4.4), verificam-se o tempo e modo verbal da oração principal, voltada para a correlação modo-temporal entre oração subordinada e oração principal, quando houver; (4.5), a análise direciona-se à posição da oração introduzida por *aunque* com relação à oração principal: anteposta, posposta; por fim, em (4.6), analisaremos o sexto fator, o tipo de processo, no Nível Morfossintático, que apresenta a relação de concessão: *Equiordenação*, *Cossubordinação* ou *Coordenação*.

4.1 Nível e camada do componente gramatical

4.1.1 Nível de atuação da relação concessiva

A análise dos dados vai ao encontro do que constatam trabalhos anteriores (cf. Parra, 2016; Olbertz et al, 2016; Garcia e Felipe, 2016) ao reconhecer que as orações introduzidas por *aunque* podem ocorrer no Nível Interpessoal ou no Nível Representacional, responsáveis, respectivamente, por 77% e 23% das ocorrências.

Observamos, no entanto, que algumas particularidades dos níveis permitem associar as construções que podem receber uma leitura adversativa a atuações que se dão no domínio pragmático. No domínio semântico, o valor concessivo da construção introduzida por *aunque*

parece não gerar margem para possíveis interpretações adversativas. Em função disso, embora contrarie a direção *top down* estabelecida pelo modelo teórico adorado, as orações que atuam no NR serão tratadas neste capítulo antes das que atuam no NI.

Em (1), *aunque te parezca mentira*, que ocorre anteposta à oração principal *aquí había huerta*, atua sobre seu conteúdo, exercendo sobre ela função semântica:

(1) *entonces existía como existen en muchísimos puntos de España el que llevabas/ la comida a que te la asasen o: el besugo o: tal/ (hh) aquí/ pues/ hombre (e:) la huerta/ **aunque te parezca mentira**/ aquí había huerta// en Alcalá de Henares había muchas huertas/ (50, H-AH, 14)*

e então existiam e ainda existem, em muitos lugares da Espanha, aquele que levava a comida para que assassem, e tal, a horta ... embora pareça mentira, aqui tinha horta, em Alcalá de Henares tinha muitas hortas

Casos como (1) costumam representar casos prototípicos de concessão, os quais coincidem com os encontrados nos compêndios normativos, em que não seria possível a substituição de *aunque* por *pero*, conforme ilustram as paráfrases a seguir, o que reforça a impossibilidade de interpretação adversativa, como ilustrado abaixo:

(1a)****pero te parezca mentira**/ aquí había huerta// en Alcalá de Henares había muchas huertas/*

*mas pareça mentira, aqui tinha horta, em Alcalá de Henares tinha muita horta

(1b)**aquí había huerta// en Alcalá de Henares había muchas huertas/ **pero te parezca mentira***

*aqui tinha muita horta, em Alcalá de Henares tinha muita horta, mas te pareça mentira

As paráfrases de (1a) e (1b) ilustram esse impedimento. Nos dois casos, o uso do modo verbal (subjuntivo) e a ordenação das orações (oração concessiva anteposta à principal) são marcas morfossintáticas da ocorrência da concessão no domínio semântico. O que ocorre em (1) é diferente do que vemos em (2) e (3), a seguir:

- (2) (2) *¿y los parientes nada/ aquí no tenéis ni familia ni nada aquí/ en Alcalá?*
 (1) *no/ la gente de Ávila está en Madrid*
 (1) *la mayoría// o sea la gente de Y (e:) lo mismo/ los hermanos de mi padre se fueron a Madrid a- a trabajar a/ viven en Madrid// aunque siguen teniendo allí una casa de pueblo y tal ¿no?//* (14, H-AH, 2)

- (2) e os parentes ... vocês não têm família aqui em Alcalá?
 (1) não, as pessoas de Ávila estão em Madri
 (1) a maioria, ou seja, os irmãos do meu pai foram para Madri para trabalhar e moram em Madri, embora continuem tendo lá uma casinha, não?

- (3) (2) *no está- no está tampoco bien/ no está bien pero- pero bueno* [la construcción del puente]
 (1) *sí es verdad*
 (2) *en su momento: sí que tuvo su efecto*
 (1) *sí*
 (2) *aunque ya se queda pequeño también* (13, H-AH, 1)

- (2) também não está bem, mas [a construção da ponte]
 (1) sim, é verdade
 (2) no momento em que foi construída, teve seu efeito
 (1) sim
 (2) embora a ponte já esteja pequena

Em (2), o falante, que mora em Alcalá de Henares, uma cidadezinha próxima a Madri, conta ao interlocutor que seus familiares foram morar em Madri, mas sente a necessidade de acrescentar uma informação, a de que eles continuam tendo uma casa nessa cidade menor, o que contrasta com o que vinha sendo dito: os irmãos do meu pai foram morar em Madri, mas continuam tendo uma casa em Alcalá de Henares. Observa-se que o falante acrescenta uma informação contrastiva que corrige, limita e restringe o que está contido na oração anterior. Trata-se de uma relação entre dois Atos Discursivos, em que o Ato Subsidiário *aunque siguen teniendo allí una casa de pueblo y tal* é mencionado como função retórica em direção ao Ato Nuclear anterior (*los hermanos de mi padre se fueron a Madrid a trabajar/ viven en Madrid*), o que indica uma necessidade, entendida pelo falante, de reforçar a informação de que os parentes mantêm uma casa em Alcalá.

Em (3), a oração *aunque ya se queda pequeño también* não estabelece relação de dependência sintática com a oração anterior, mas, sim, relaciona-se a todo o contexto discursivo, pois corresponde a uma informação sintaticamente independente, que o falante considera importante acrescentar. Neste caso, percebemos que o vínculo estabelecido entre a oração com *aunque* e qualquer outro elemento presente no discurso não se dá a nível formal: a

relação expressa está no âmbito da pragmática, não da sintaxe. Como vemos, *aunque ya se queda pequeño también* é uma informação adicional, um tipo de adendo que o falante julga necessário mencionar para que seu interlocutor entenda que ele considera o fato de a construção da ponte não estar surtindo o efeito esperado, já que isso parece ser algo de conhecimento comum.

Tanto em (2) quanto em (3), o falante está preocupado em atingir determinado propósito comunicativo diante de seu interlocutor e insere a oração com *aunque* para fazer alguma consideração a respeito do que vem dizendo (o que justifica sua posposição ou independência no fluxo discursivo). Essas propriedades são típicas das estruturas que atuam no NI, responsável pela formulação, que dá conta dos aspectos pragmáticos da interação, o que significa dizer que representa a forma com que o falante organiza seu discurso no sentido de atingir seu objetivo comunicativo.

Essas características mostram que as construções com *aunque* objeto deste estudo, ou seja, aquelas que, nos moldes da Gramática Tradicional do espanhol podem receber uma interpretação adversativa, são sempre estruturas pertencentes ao NI, e não ao NR.

Os dados mostram que as construções concessivas que atuam no NR configuram casos prototípicos de concessão como função semântica e não permitem a denominada sobreposição semântica (RAE, 1931; RIVAS MUIÑO, 1989; CASCÓN MARTÍN, 2000; FLAMENCO GARCÍA, 2000; PARRA, 2016). Isso ocorre porque as construções que atuam no NI relacionam informações contrastivas com relação ao que foi anteriormente mencionado a fim de restringir, corrigir ou até “conceder” algo para garantir uma boa relação interpessoal com o interlocutor. Essas construções voltam-se, portanto, essencialmente para o interlocutor, como afirmam Hengeveld e Mackenzie (2008) para a natureza retórica das construções do NI:

Sua natureza é estudada em uma variedade de disciplinas que se enquadram nos moldes gerais da retórica e da pragmática. A retórica está fundamentalmente preocupada com as formas pelas quais os componentes de um discurso são ordenados para a realização da estratégia comunicativa do falante, e também com as propriedades formais de enunciados que influenciam o Ouvinte a aceitar os propósitos do Falante. Por essa razão, os aspectos formais das unidades linguísticas que refletem a estruturação do discurso serão contabilizados na GDF em termos de funções retóricas (HENGEVELD; MACKENZIE 2008, p. 46, tradução nossa).⁷³

⁷³ The properties of interactions that follow from their strategic, purposive nature are studied in a range of disciplines that fall under the general headings of rhetoric and pragmatics. Rhetoric is fundamentally concerned with the ways in which components of a discourse are ordered towards the achievement of the speaker's communicative strategy, and also with the formal properties of utterances that influence the Addressee to accept the Speaker's purposes. For that reason, those formal aspects of linguistic units that reflect the overall structuring

Sendo assim, a partir dos níveis de atuação da concessão na arquitetura da GDF, voltamos nossa atenção para as camadas pertencentes ao NI já que as concessivas introduzidas por *aunque* que são colocadas em posição de equivalência às adversativas pela literatura parecem ser ocorrências de natureza pragmática, quando o falante, preocupado em atingir seu objetivo comunicativo, faz adendos ou considerações que julga importantes.

4.1.2 Camada de atuação da relação concessiva

O Nível Interpessoal passa a corresponder, então, à totalidade de nossos dados (a partir deste fator, 100% das ocorrências analisadas se referem ao NI). Verificamos, nesse nível, que as orações prefaciadas por *aunque* podem ser de dois diferentes tipos. O primeiro tipo diz respeito à oração que não se refere ao conteúdo da oração principal, mas se refere ao Ato de Fala representado pela oração principal, o que configura, no arcabouço da GDF, uma relação entre Atos Discursivos⁷⁴ (54% dos dados), camada definida por Hengeveld e Mackenzie (2008) como "a menor unidade capaz de conter comportamento comunicativo". Em contraste com a camada que a sobrepõe, a do Movimento, os Atos Discursivos "não necessariamente impulsionam a comunicação em termos de objetivos conversacionais" (KROON, 1995, p.65 apud HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.60), conforme exemplifica (4) a seguir:

(4) (...) / *la amistad esa que decías de: con catorce años que es muy bonita pero ¿por qué? porque/ (tch:) (e:) tienes unas cosas que se van perdiendo/ **aunque yo creo que lo bueno es no perderlas enteras pero que hay que ir perdiéndolas porque luego ya tienes tu autosuficiencia*** (26, H-AH, 26)

a amizade de quando se tem quatorze anos que é muito bonita, mas por que? Porque tem umas coisas que vão se perdendo, embora eu acredite que não é bom perdê-las completamente, mas tem que ir perdendo porque você vai desenvolvendo uma autossuficiência

Em (4), o falante direciona seu raciocínio no sentido de que quando se é mais novo, é mais fácil manter as amizades, mas que, ao longo do tempo, algumas coisas vão se perdendo (*la amistad esa que decías de con catorce años que es muy bonita pero ¿por qué? Porque*

of discourse will be accounted for in FDG in terms of rhetorical functions (HENGEVELD; MACKENZIE 2008, p. 46).

⁷⁴ Para a GDF, camada onde ocorre essencialmente a relação concessiva, como função retórica (por isso, tratamos do Ato Discursivo, aqui, em um primeiro momento).

tienes unas cosas que se van perdiendo). No entanto, logo depois faz uma reconsideração a respeito dessa afirmação, sinalizando que, apesar disso, considera importante que ainda seja mantida, de alguma maneira, a relação de amizade.

Nesse sentido, a oração concessiva *aunque yo creo que lo bueno es no perderlas enteras* evidencia sua preocupação em esclarecer ao ouvinte como considera importante que se conserve a amizade, já que, como se imagina, é esperado que as pessoas valorizem e cultivem o máximo possível suas relações de amizade. Assim, como se pode perceber, a relação entre as duas orações *tienes unas cosas que se van perdiendo* e *yo creo que lo bueno es no perderlas enteras* não se dá no domínio do conteúdo, mas sim no domínio do ato de fala, o que configura, na GDF, uma relação entre dois Atos Discursivos, um Nuclear (representado pela oração principal) e outro Subsidiário (representado pela oração concessiva). O estatuto de Ato Discursivo pode ser atestado pela possibilidade de inserir *Yo admita que (I concede that)*, em *aunque (yo admita que) que lo bueno es no perderlas enteras*.

Essas relações constituem funções retóricas, pois apresentam a função de guiar, persuadir ou convencer o interlocutor (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Nesse caso, o falante, por meio da concessão, concede ao ouvinte a oportunidade de reconhecer que talvez o primeiro Ato Discursivo (*la amistad esa que decías de con catorce años que es muy bonita pero ¿por qué? porque tienes unas cosas que se van perdiendo*) não fosse por ele esperado no momento da interação (KEIZER, 2015).

O segundo tipo de oração encontrado, não previsto por Hengeveld e Mackenzie (2008) para os casos de concessão (cf. capítulo 1), ocorre na camada do Movimento (46% dos dados), a mais alta do NI. Movimentos são definidos como “contribuições autônomas para a interação em desenvolvimento: podem requerer uma reação ou serem, eles próprios, uma reação”. Sua abrangência e complexidade podem, ainda, “variar enormemente, do silêncio até um longo trecho de discurso” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.50-52).⁷⁵

Nesse caso, a construção concessiva não se refere ao Ato Discursivo anterior, mas sim a toda a porção discursiva anterior e, em muitos casos, apresenta um funcionamento semelhante ao das estruturas parentéticas (JUBRAN, 2006). De acordo com a autora, os parênteses podem ser “breves desvios de um tópico discursivo, que não afetam a coesão do

⁷⁵ In terms of its interpersonal status, a Move may be defined as an autonomous contribution to an ongoing interaction (cf. Kroon’s 1995: 66 definition of the Move as a ‘minimal free unit of discourse’). More specifically, what is characteristic of a Move is that it either is, or opens up the possibility of, a reaction (...) The complexity of a Move in discourse may vary from silence (for example, where the Reaction to an Initiation is a shrug unaccompanied by any linguistic sign) to a lengthy stretch of discourse (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.50-52).

segmento tópico dentro do qual ocorrem” (JUBRAN, 2006, p.303). Jubran (2006), do ponto de vista textual-interativo, entende as estruturas parentéticas em um esquema como o dado abaixo:

Tópico⁷⁶ A (suspensão momentânea do tópico A) continuidade do tópico A

Para a autora, a modalidade de inserção prevista para essas estruturas não tem estatuto tópico, ou seja, não constitui uma nova centração dentro do segmento tópico em que ocorre e, assim, não desenvolve outro tópico discursivo dentro daquele que já ocorria no momento da inserção. Isso significa que o que ocorre é, na verdade, uma breve suspensão do tópico em questão, para que, em seguida, ele seja retomado. Jubran (2006) reconhece e classifica diferentes formas de interrupção no tópico discursivo. Parra (2016) utiliza, como mencionado, para descrever os tipos de Movimento introduzidos por *aunque*: *cisão e ruptura tópica*

Quando são estruturas parentéticas, representam casos de *cisão tópica*. São, portanto, frases independentes ou frases hóspedes que interrompem a relação sintática da frase na qual estão encaixadas e não apresentam, em relação a ela, uma conexão formal nitidamente estabelecida (JUBRAN, 2006, p.301), conforme se observa em (5):

(5) *bueno es un bloque que tiene tres alturas/ bueno tiene cuatro bajo y: tres alturas// yo vivo en un tercero/ solamente hay dos viviendas por- por planta/ es decir que en total somos ocho-/ ocho co- diez ocho vecinos// (e:) y los bajos además son comerciales/ entonces realmente serían- serían seis vecinos/ (e:) la parte delantera pues da a la calle a la calle/ a R A/ y la parte trasera pues da a la C/ la C e:s un espacio: (e:) privado/ solamente de los: **aunque no pasa la gente por allí/ pero vamos no hay tráfico rodado/ es una zona arbolada/ (m:) en la parte delantera pues hay un balcón y en la parte trasera pues una- una terraza/ tiene habitaciones/ un salón/ un cuarto de baño/ cocina** (32, H-AH, 8)*

bom, é um bloco que tem três andares, eu moro no terceiro. Só tem duas casas por terreno, o que significa dizer que no total somos oito ou dez vizinhos, e os outros prédios são comerciais, então realmente seriam seis vizinhos. A parte da frente então, dá para a rua R A e a parte de trás dá para a rua C, é um espaço privado, só dos ... embora não passe gente lá, mas, veja, não há muito tráfego, é uma área arborizada. Na parte da frente tem uma sacada e na parte de trás um terraço, tem quatro quartos, uma sala, um banheiro e cozinha

⁷⁶ O Tópico, em Jubran (2006, p.33), pode ser entendido como “uma unidade discursiva, que compreende um fragmento textual caracterizado pela centração em um determinado tema, com extensões variadas, que vão desde o âmbito do enunciado, correspondendo aproximadamente ao conceito de período, do ponto de vista sintático, até um âmbito mais abrangente envolvendo porções maiores do texto”.

Em (5), a oração concessiva *aunque no pasa la gente por allí* não se subordina à oração imediatamente anterior (*la C es un espacio privado/ solamente de los*) nem posterior (*pero vamos no hay tráfico rodado*). O que se observa é que o trecho anterior *solamente de los* foi interrompido para que a oração concessiva fosse inserida. Assim, essa oração concessiva introduzida por *aunque* se caracteriza por não se subordinar a nenhuma outra oração, ou seja, por apresentar um funcionamento morfossintaticamente independente de uma oração principal, como comumente ocorre com a relação de concessão. A respeito das estruturas parentéticas postuladas por Jubran (2006), vemos que *aunque no pasa la gente por allí* aparece como uma inserção no fio discursivo, uma interrupção momentânea no tópico que vinha sendo desenvolvido, para logo depois haver sua retomada (apreendida por meio do seguimento dado pelo falante à questão do tráfego na rua). O que ocorre, então, é uma *cisão tópica*, nos termos de Jubran (2006). A oração com *aunque* constitui, assim, relação de independência sintática em relação às orações que a antecedem e sucedem.

A *ruptura tópica*, por sua vez, ocorre quando o falante deseja inserir algo, acrescentar uma informação ao ouvinte que não se refere a uma oração, mas a todo o contexto anterior. Muitos desses casos coincidem com rupturas tópicas, ocorrências nas quais “o tópico interrompido não é retomado e a interação comunicativa converge para o novo tópico inserido no Movimento concessivo” (PARRA, 2016, 114):

- (6) (1) *¡es distinto!//yo en mi época// igual que-/ decimos que hay más diversiones// hay igual/ las discotecas// son las mismas// los guateques en casa* (2) *no no ha cambiado mucho*
 (1) *han cambiado ahora porque ahora en casa/ fiestas ...*
 (2) *porque aquí discotecas que yo me acuerde cuando- y eso que yo que me:-/ (ts) **aunque soy yo mayor que tú/ (m:)/ pero como me he casado con treinta años** (4, M-AH, 40)*

(1) é diferente. Eu, na minha época, é como ... costumamos dizer que há mais atividades para se divertir, as boates (discotecas) são as mesmas, as festas em casa

(2) não, mudaram muito

(1) mudaram porque agora, em casa, festas ...

(2) porque aqui boates (discotecas), que eu me lembre, embora eu seja mais velho que você, mas me casei com trinta anos

A ocorrência (6) ilustra um caso no qual o rompimento do tópico discursivo se dá de maneira total. Trata-se de uma ocorrência de *ruptura tópica*, em que *aunque soy yo mayor que tú* funciona como uma inserção, evidencia a intenção do falante de estabelecer uma ruptura no tópico discursivo a fim de inserir determinada informação que julga ser relevante para que seu

objetivo comunicativo seja atingido. Tanto os casos de cisão quanto os casos de ruptura podem constituir o que Stassi-Sé (2012) postula como *função interativa adendo*, quando

envolve Movimentos que inserem informação nova, considerada importante pelo falante não só por salvaguardar sua própria face, mas também e principalmente por acrescentar informação contrastiva acerca do conteúdo introduzido por ele no discurso (STASSI-SÉ, 2012, p.195).

A relação concessiva entre Movimentos, então, diz respeito aos casos em que não é possível estabelecer uma oração principal, as quais constituem *funções interacionais*, atuando na organização do discurso. Esse tipo de estratégia interacional é o que Stassi-Sé (2012) entende como *subordinação discursiva* (nos termos de KROON, 1997), casos em que as unidades do discurso podem ocorrer como subsidiárias em termos dos propósitos conversacionais do falante com relação a unidades discursivas mais centrais do mesmo tipo (KROON, 1997, p.21).⁷⁷ A ocorrência que segue ilustra um caso de concessão na camada do Movimento, como *função interacional*, conforme representa a ocorrência a seguir:

(7) (2) ¿por qué- por qué (?) por qué te sacó tu ...?/

(1) pues porque (e:) se estudiaba más en el colegio/ (e:) te tenían más vigilado (e:) y bueno// **aunque era/ siempre más caro que lo oficial** pero// los padres se preocupan de que los hijos estén/ lo mejor posible// entonces nos tenían más vigilados no: con mejores-// mejores medios/ (45, H-AH, 33)

(2) por que te tiraram ...?

(1) bom, porque se estudava mais no colégio, você tinha mais segurança, embora fosse sempre mais caro que o oficial, os pais se preocupam que seus filhos estejam bem, o melhor possível. Então cuidavam melhor de nós, com melhores meios

Em (7), *aunque era siempre más caro que lo oficial* exerce *Função Interacional Adendo* (Stassi-Sé, 2012) no sentido de que é uma estratégia de organização do discurso, utilizada pelo falante, para acrescentar uma informação contrastiva que considera relevante em relação ao conteúdo que vinha sendo por ele desenvolvido. Tal acréscimo de informação, conforme Stassi-Sé (2012), atua no fluxo discursivo como um todo, visto que, como vemos em (7), a oração concessiva não estabelece relação de dependência sintática com outra oração que a antecede ou sucede, mas com toda a porção discursiva, porções que constituem

⁷⁷ In addition to “discourse coordination” we may, likewise, also distinguish “discourse subordination”. That is, discourse units may be subsidiary with regard to more central discourse units of equal rank (central and subsidiary in terms of the conversational goals of the speaker, that is) (KROON, 1997, p.21).

Movimentos, já que o falante considera importante acrescentar que o colégio era mais caro do que o oficial, o que contrasta com o que vinha sendo dito: *se estudiaba más en el colegio aunque era más caro que lo oficial*, ou: naquele colégio se estudava mais, embora fosse mais caro que os outros colégios, contexto em que *aunque* pode ser perfeitamente substituído por *pero*: *se estudiaba más en el colegio pero era más caro que lo oficial*.

Os dados revelam, em resumo, que as construções introduzidas por *aunque* que atuam na camada do Ato Discursivo e do Movimento, quando constituem, respectivamente, funções retóricas e interacionais, apresentam informações contrastivas, com relação ao Ato anterior ou a Movimentos anteriores, o que pode ser atestado pelas paráfrases apresentadas, em que se substitui *aunque* por *pero* sem prejuízo de interpretação.

4.2. Tipo de informação veiculada pela estrutura prefaciada por *aunque*: pressuposição

A pressuposição, nos termos de Hengeveld (1998), consiste na relação que o falante manifesta com a informação apresentada, isto é, se ele pressupõe que seu ouvinte já conheça ou não o conteúdo comunicado (HENGEVELD, 1998).

A pressuposição está diretamente relacionada ao modo do verbo. Geralmente, informações novas, não-pressupostas, aquelas que o falante imagina que o ouvinte não conheça, são associadas ao uso do indicativo e informações conhecidas, dadas, compartilhadas, pressupostas, aquelas que o falante imagina ou saiba que o ouvinte conheça, são associadas ao subjuntivo (GARCIA, 2010).

Em (8) e (9) abaixo, observa-se a ocorrência do indicativo (*dicen*) e do subjuntivo (*apetezca, surja*) na oração concessiva, respectivamente, o que indica uma informação que o falante apresenta ao ouvinte como nova no primeiro caso e uma informação que o ouvinte toma como conhecida, compartilhada (seja por meio de conhecimento de mundo ou partilhado) no segundo caso, o que, na GDF, são reconhecidas como informações advindas do Componente Contextual, ou seja, carregam uma descrição da relação entre conteúdo e forma do discurso precedente, adequando-as à forma sob a qual a situação comunicativa ocorrerá no que diz respeito à relação social entre seus participantes:

- (8) *yo// ahora/ en cuanto ahorre un poquito quiero cambiar mi motor y ponerle uno nuevo de gasolina sin plomo// aunque dicen que:-/// que el coche puede:-// puede funcionar peor// no sé/ no tengo ni idea pero sí quiero* (18, M, AH, 6)

eu, agora, assim que economizar um pouco, quero trocar meu motor e colocar um novo de gasolina sem chumbo, embora digam que o carro pode funcionar pior, não sei, não tenho nem ideia, mas quero

(9) *dejar de trabajar/ (risa = 1) de trabajar como es el trabajo o sea que algún día quieres que: dé unas copas y eso/ yo te las doy donde haga falta pero un día/ horario intercambio de: dinero por trabajo// el trabajo para mí es eso/// hasta el trabajo que más te guste cuando: requiere un horario: y tienes que fichar y todos los días y depende/ y **aunque te apetezca o no te apetezca o aunque te surja algo tienes que solucionarlo y tal/ es u:n ese es el trabajo** (26, H-AH, 26)*

o trabalho para mim é isso, até o trabalho que você mais gosta quando requer um horário e tem que ir todos os dias e depende, embora te apeteça ou não te apeteça ou embora te apareça algo, você tem que solucionar e tal, isso é um trabalho

Em (8), *aunque dicen que el coche puede funcionar peor* introduz uma informação não pressuposta, em que o falante apresenta a oração introduzida por *aunque* para fazer uma ressalva em relação ao Ato Discursivo proferido anteriormente. A ocorrência (9), diferentemente, é um caso em que a informação apresentada pelo falante na oração concessiva é considerada por ele como conhecida, compartilhada pelo ouvinte, ou seja, o falante pressupõe que seu interlocutor já saiba, por meio de seu conhecimento de mundo, que em caso de imprevistos, é necessário solucioná-los. O falante, nesse tipo de oração concessiva, que ocorre anteposta à principal, de acordo com Neves (2008), antecipa possíveis contra-argumentos de seu interlocutor.

Segundo Crevels (1998), a oração concessiva que ocorre anteposta à oração principal, e com verbo no subjuntivo, tende a carregar uma informação que o falante pressupõe já ser conhecida por seu ouvinte, por já ter sido mencionada anteriormente na interação ou por se tratar de conhecimento de mundo, uma informação que se presume ser partilhada entre eles. Esse tipo de ocorrência corresponde aos casos típicos de concessão comumente tratados pelas Gramáticas Tradicionais, os quais correspondem, no arcabouço teórico da GDF, aos casos de relação semântica, pois estão voltadas para o conteúdo da oração principal, no NR.

O subjuntivo, no entanto, pode ocorrer em outros contextos, como o de (10):

- (10) (2) *¿cómo es la- la- la casa que harías// qué- qué características tendría?*
 (1) *ser- bueno/ una especie de chalet de una planta pero sería (e) a cuatro o cinco kilómetros del pueblo o sea/ metido dentro de un monte solamente en ese terreno*
 (2) (m:) (m:)
 (1) ***aunque bajaran a todas las horas claro al- al pueblo pero***
 (2) *sí sí*
 (1) *buscando la tranquilidad* (33, H-AH, 9)
- (2) como é a casa que você faria? Quais características teria?
 (1) seria uma espécie de um chalé, mas seria a quatro ou cinco quilômetros da, ou seja, somente esse terreno
 (1) embora descesse toda hora ao povoado
 (2) sim, sim
 (1) buscando tranquilidade

Ocorrências como (10) nos chamam atenção porque não fica claro se a informação contida na oração concessiva *bajaran a todas las horas al pueblo* é considerada pressuposta ou não-pressuposta pelo falante. O que se pode observar, no entanto, é que, para o falante, não importa se o ouvinte conhece ou não o que está contido na principal, caso denominado *subjuntivo polêmico* por Bosque e Demonte (2000), também assumido por Olbertz et al (2016, p.98), pois, nestes casos, “o falante conhece o fato expresso pelo verbo da subordinada e, além disso, pressupõe que o ouvinte também o conheça ou simplesmente não considera necessário informar”.⁷⁸ É o que ocorre em (11), em que o falante não dá relevância ao fato de que seu ouvinte conheça ou não a informação a ser apresentada por ele (por isso, optamos por não denominar esse tipo de informação *pressuposta*), ou seja, não organiza seu discurso a partir disso:

- (11) (2) *¿tienes muchos amigos?*
 (1) (m:) *no muchos pero:/ sí buenos/// bueno también es verdad que:/ (m:)/// yo:/ (m) no considero:/ **aunque me trate: bastante con ciertas personas/ no las considero amigas***// (18, M-AH, 6)
- (2) você tem muitos amigos?
 (1) não muitos, mas bons. Também é verdade que não considero, embora me dê bem com certas pessoas, não as considero amigas

⁷⁸ El hablante conoce el hecho expresado por el verbo de la subordinada y, además, da por supuesto que el interlocutor también lo conoce o no considera necesario informarle, o bien le es indiferente si lo conoce o no (FLAMENCO GARCÍA, 2000, p.3829).

Nesta ocorrência, a concessiva *aunque me trate bastante con ciertas personas* introduz, como um parêntese (neste caso, observa-se que a própria estrutura da porção textual é parentética), uma informação adicional que o enunciador acredita ser importante lembrar, já que ao responder ao interlocutor que não tem muitos amigos, diz que se dá bem com as pessoas, mas, logo em seguida, reitera que se relacionar bem com as pessoas não significa ser amigo delas. Sendo assim, insere a oração concessiva com o intuito de dar ênfase a uma informação que julga relevante, por motivos interacionais, fornecer ao seu ouvinte algo adicional.

Sendo assim, constata-se que a noção de pressuposição está diretamente relacionada à codificação morfossintática do verbo da oração concessiva. Alguns autores fazem, ainda, a associação direta entre a noção de pressuposição às noções de *figura* e *fundo*, já muito difundidas na literatura, lançadas por Hopper e Thompson (1980), quando da definição dos distintos graus de transitividade das orações.

Para Levinson (2007, p.225), “o *fundo* é o conjunto de pressuposições em confronto com as quais a *figura* é avaliada”. Nesse sentido, a *figura* é entendida como a asserção e o *fundo*, por sua vez, a pressuposição que se faz a respeito dela, o que leva alguns autores a associarem as noções de *figura* e *fundo* às construções adversativas (e por sua vez não pressupostas) e concessivas (pressupostas), respectivamente. Assim, ao descrever as construções com *mas* e com *embora* sob o viés funcionalista, Garcia (2002) conclui que:

As c-embora⁷⁹ oferecem três estratégias de contraposição: podem trazer uma informação adicional, organizar o “cenário” para a ocorrência do estado-de-coisas expresso na oração ou ressaltar uma informação considerada relevante pelo falante para a adequada interpretação do ouvinte. Todas essas estratégias oferecem, na verdade, ao falante, um pano de fundo na organização discursiva. Sendo assim, as c-embora constituem sempre porção de *fundo* na orientação argumentativa (GARCIA, 2002, p.82).

Apesar dessas constatações, os dados mostram que, como já mencionado, em alguns casos, o critério de correspondência às noções de *figura* e *fundo* não se aplica de maneira exata, já que muitas vezes os casos de *aunque* interpretados como adversativos não configuram informação necessariamente nova, mas algo que o falante considera comunicativamente importante mencionar, ainda que seu ouvinte já saiba.

⁷⁹ Construções com *embora*.

No que diz respeito aos usos considerados adversativos de *aunque*, observa-se que essa equivalência postulada pelos autores (que corresponde, em nossos dados, a ocorrências do NI) só é admitida se o verbo da oração concessiva estiver no indicativo, como ocorre na adversidade. A informação não pressuposta que veiculam as concessivas, no entanto, não equivale ao carácter de informação nova atribuído à informação contida nas orações adversativas. O que ocorre, e possivelmente justifica a confusão, é que, nesse caso, a oração concessiva, assim como a oração adversativa, é introduzida para fins essencialmente comunicativos (correspondem a relações nas camadas do Movimento e do Ato Discursivo, no NI), em uma atitude linguística que evidencia a preocupação do enunciador com seu interlocutor, sem se importar ou mesmo julgar pertinente saber se tal informação é conhecida ou desconhecida pelo seu ouvinte.

4.3. Factualidade da oração principal e da oração introduzida por *aunque*

Segundo Hengeveld (1998), como mencionado em 3.3, acima, é a realidade dos eventos descritos a condição para que determinada oração seja considerada factual. Isso significa dizer que a factualidade é o fator que diz respeito ao carácter real ou irreal (potencial) expresso na oração. Desse modo, a factualidade é uma noção semântica que dá conta do valor de verdade veiculado por determinada unidade linguística, além de governar o uso de formas verbais dependentes ou independentes. Para o autor, a factualidade é caracterizada por um evento real, uma proposição verdadeira e um ato de fala assertivo.

A possibilidade da concessão como não factual é admitida por Garcia (2002), quando afirma que “*mas* faz parte de enunciados factuais (reais) e *embora* pode aparecer não só em enunciados factuais, como também em hipotéticos e contrafactuais (irreais) (MATEUS et al., 1989 apud GARCIA, 2002, p.81). No entanto, Mateus et al (1989, p.718) atribuem o carácter hipotético ou contrafactual apenas a alguns casos de orações introduzidas por *embora*, já que, para os autores, os nexos concessivos prototípicos das construções hipotéticas e contrafactuais são *mesmo que* e *mesmo se*, por terem simultaneamente sentido contrastivo e condicional; nesse sentido, *embora* seria prototípico dos casos factuais (cf.12), aparecendo raras vezes em contextos hipotéticos (cf. 13, abaixo):

- (12) *Fui sair, embora tivesse muito trabalho* (MATEUS et al., 1989, p.718)
 (13) *Embora possa chover, nós iremos sair* (MATEUS et al., 1989, p.718)

Os casos acima ilustram o que, para os autores, seriam ocorrências de *embora* em contextos factuais e hipotéticos, respectivamente: em (12), o caráter factual se dá na ocorrência de uma situação inesperada relativamente a outra, tendo em conta o nosso conhecimento ou percepção do curso normal dos acontecimentos no mundo que nos são acessíveis (MATEUS et al, 1898, p.718); em (13), por sua vez, *embora possa chover* exprime um sentido hipotético, e não factual, como em (12).

Em sentido contrário, Garcia (2010, p.140), com base em Pérez Quintero (2002), afirma que, “toda relação concessiva é factual, uma vez que descreve um Conteúdo Proposicional como verdadeiro ou Ato Discursivo assertivo”. Assim como reconhecem as autoras, consideramos todos (100%) os usos de *aunque* como factuais, mesmo aqueles que têm o verbo da oração concessiva no subjuntivo, o que poderia indicar o caráter hipotético (não real) da informação trazida pela oração concessiva, mas apresentam, no mínimo, um Ato Discursivo assertivo, conforme se observa nas ocorrências que seguem:

- (14) *eso es un problema/ nacional no es un problema de aquí aunque aquí tenemos los nuestros y nuestras peleas// con los municipales* (45, H-AH, 33)

isso é um problema nacional, não é um problema daqui, embora aqui tenhamos nossas brigas com as autoridades

- (15) *pues// voy a pedir un crédito particular a un banco voy a transformar mi tienda o a reformar mi-/ mi vivienda/ aunque me cueste un poco más caro* (45, H-AH, 33)

vou pedir um empréstimo em um banco e vou reformar minha loja ou minha casa, embora me custe um pouco mais caro

- (16) *vive muy a gusto en Alcalá pero en cuanto puede/ se marcha de Alcalá* (50, H-AH, 14)

gosta muito de morar em Alcalá, mas sempre que pode, vai embora de lá

Nos dois casos, *aunque aquí tenemos los nuestros y nuestras peleas con los municipales* e *aunque me cueste un poco más caro* expressam Atos assertivos a partir de sua relação com a oração principal. Em (16), do mesmo modo, em uma ocorrência prototípica de adversidade, observa-se que a oração introduzida por *pero* (*pero en cuanto puede/ se marcha de Alcalá*) também descreve um ato de fala assertivo.

Sendo assim, não encontramos, em nossos dados, usos de *aunque* que não fossem factuais. As ocorrências acima, assim como todo o conjunto de amostras analisadas, evidenciam a tendência das orações concessivas (100%) à factualidade, o que independe de o verbo da oração estar na forma do indicativo ou do subjuntivo, como atrelam os pressupostos normativos, pois, no âmbito da GDF, isso se relaciona à natureza do Ato Discursivo, neste caso, assertivo.

4.4. Tempo e modo verbal das orações: a correlação modo-temporal entre oração principal e oração introduzida por *aunque*

4.4.1 Relações modo-temporais

No que diz respeito às propriedades modo-temporais das construções concessivas, muitas são as particularidades que envolvem esse tipo de adverbial. A alternância entre indicativo e subjuntivo é uma dessas particularidades, já que o que encontramos na literatura são hipóteses que associam o uso do indicativo ou do subjuntivo a diversos fatores.

Como já mencionado, alguns autores de visão tradicionalista (GILI GAYA, 1995; RAE, 1931; SANCHEZ, 2001) vinculam a alternância de modo verbal à realidade ou irrealidade do que é expresso na oração concessiva: basicamente, quando o verbo aparece no indicativo, existe, de fato, um obstáculo para o cumprimento do que foi dito na oração principal e esse obstáculo é visto como real; o uso do verbo no subjuntivo, por sua vez, apresenta esse impedimento apenas como possível, não como real.

Matte Bon (2003), por sua vez, postula que o que motiva o uso do verbo no indicativo ou no subjuntivo é o tipo de informação contida na oração concessiva. Para o autor, o indicativo ocorre quando a informação veiculada pela oração concessiva é nova para o interlocutor; o subjuntivo, por sua vez, ocorre quando o conteúdo expresso na oração principal consiste em uma informação já conhecida dos participantes da interação.

Nesse mesmo sentido, Sanchez (2001) destaca também a atenção que o enunciador pretende prestar ao que diz como um critério para a escolha do uso do indicativo ou do subjuntivo. Moreno (1995), assim como González Hermoso, Cuenot y Sánchez Alfaro (1994 apud Moreno, 1995), por sua vez, associam o uso do indicativo ou do subjuntivo a “ações experimentadas” ou “não experimentadas”, respectivamente, pelo enunciador.

Desse modo, realidade ou irrealidade do que é expresso na oração concessiva, tipo de informação veiculada (se nova ou conhecida), tipo de ação, “experimentada” ou “não experimentada” pelo enunciador estão entre os critérios mais comumente encontrados na literatura na tentativa de justificar a alternância entre indicativo e subjuntivo nas orações concessivas, o que é reforçado pelo fato de que o espanhol admite essa alternância e ela ocorre com frequência na fala corrente.

As ocorrências abaixo comprovam a alternância possível entre o indicativo e o subjuntivo respectivamente:

(17) (1) *¿físicamente? (risa = 1) eso es más difícil todavía// físicamente/ pue:s/ (m)// (e//i qué preguntas más raras (risa = 1) haces! (risa = 2) pues nada:/ bajitos/ no// bueno normales (e// para: su época claro (risa = todos) se conservan jóvenes/ de espíritu joven// mi madre sí// **aunque es mayor**// (m)// no sé si es que no asume su edad (risa = todos)/ no de verdad/ tiene:/ un espíritu muy joven// más que yo*

(2) *¿sí?*

(1) *yo creo que sí* (18, M-AH, 6)

(1) físicamente? Isso é mais difícil ainda (...) baixinhos para sua época, claro, se mantêm jovens, de espírito jovem. Minha mãe sim, embora seja mais velha, não sei se é por que não assume sua idade (não de verdade), tem um espírito muito jovem ... mais que eu

(2) sim?

(1) eu acredito que sim

(18) (1) *a mí vamos en general me gustan todos los-/ todos los deportes*
(2) *los deportes// y:/ no es que juegues bien pero oye para/ tirar pelotas*

(1) *pero: hombre//*

(2) *para tirar*

(1) *claro y también se hace ejercicio **aunque no se juegue bien***

(2) *para tirar pelotas de un lado para otro por lo menos oye ya: ... y colgarlas al otro lado de la valla también (risa = 1) las he col-/ las cuelgo pero bueno pero me paso el: tiempo y: (16, M-AH, 4)*

(1) no geral, eu gosto de todos os esportes

(2) não é que jogue bem, mas para brincar

(1) mas, cara

(2) para brincar

(1) claro, e também dá para fazer exercício, embora não jogue bem

(2) para brincar, jogar bola de um lado para outro pelo menos (...)

Em (17), observamos que o uso do verbo no indicativo *es*, na oração concessiva, nos remete a um fato real, ou seja, o enunciador, ao falar sobre seus pais, considera que eles se mantêm jovens, de espírito jovem, inclusive sua mãe, mesmo já tendo uma certa idade, e essa informação pode ser desconhecida pelo ouvinte. Podemos depreender, então, de acordo com o

que postulam os autores, que *ser mayor* é um fato real (e não uma hipótese), mas “manter o espírito jovem” é um fato sobre o qual o falante tem conhecimento, mas seu ouvinte não.

Já em (18), o falante tem a intenção de destacar a importância de que se faça exercício, ainda que não se jogue bem, ou seja, “jogar bem” não aparece como um fato real, conhecido pelo enunciador, mas como uma consideração feita no sentido de que se faça exercício, independente de que se jogue bem ou não, algo que o falante já conhece, o que justifica o uso do subjuntivo.

Crevels (1998), como já mencionado, afirma que o indicativo é o modo típico das estruturas que atuam nos domínios mais altos, como as concessivas textuais (5ª ordem), por exemplo, enquanto o subjuntivo é o modo característico das concessivas que ocorrem nos domínios mais baixos, como as concessivas de conteúdo (2ª ordem), por exemplo. Para a autora, o uso do verbo no indicativo aumenta ao passo que a construção pertence aos estratos mais altos; assim, em espanhol, não é admitida a ocorrência do subjuntivo na camada textual.

Nesse sentido, os dados vão ao encontro do que já postulava Crevels (1998), ao constatar que o modo verbal se relaciona de maneira direta às camadas e aos níveis de atuação da concessão. Quando a relação de concessão constitui função semântica, o verbo da oração concessiva ocorre exclusivamente no subjuntivo, o que se explica pela natureza dessa construção, já que corresponde à concessão tradicionalmente apresentada pela Gramática Tradicional, em que há relação de subordinação morfossintática, sendo o subjuntivo o modo característico.

Se trazemos a proposta de Crevels para os moldes da GDF, observamos que as construções concessivas do NI ocorrem majoritariamente no indicativo (aproximadamente 42% dos dados correspondentes ao NI), já que ocorrem nas camadas mais altas do modelo, voltadas para a interação e para o discurso. Isso explica também o fato de serem esses usos associados às construções adversativas, já que a substituição de *aunque* por *pero*, como vimos anteriormente, só é possível quando o verbo da oração concessiva está no indicativo, como em (19) e (19a) abaixo, em que a relação se dá entre Atos Discursivos:

(19) (1) *o sea no me lo puedo imaginar ni me lo quiero imaginar// pero: espero: mis padres pues vale/ pero de mis hermanos si: se tiene que morir alguien prefiero ser yo el primero///*

(2) *o sea ...*

(1) *y que ellos lo pasen mal/ esa es una: actitud muy cómoda ¿no?// pero: creo que no lo soportaría// aunque tengo amigos que se les han matado hermanos y viven y no pasa nada ¿no?// pero:/ no me gustaría/// (15, H-AH, 3)*

- (1) ou seja, não consigo imaginar, nem quero, mas espero dos meus pais [que eles morram primeiro] ... mas dos meus irmãos, se alguém tem que morrer, prefiro que eu seja o primeiro
- (2) ou seja ...
- (1) e que eles fiquem mal ... essa é uma atitude muito cômoda, não? Mas acredito que não suportaria, embora tenha amigos cujos irmãos morreram, e eles vivem, e não acontece nada, né? Mas eu não gostaria

(19a) *Creo que no lo soportaría// pero tengo amigos que se les han matado hermanos y viven y no pasa nada ¿no?*

Acredito que não suportaria, mas tenho amigos cujos irmãos morreram, e eles vivem, e não acontece nada, né?

A possibilidade de aproximar essas estruturas, então, é explicada pela GDF por serem ocorrências advindas dos estratos mais altos de seu modelo, quando configuram função retórica, por exemplo, e a impossibilidade de que em (19) *aunque* tenha valor adversativo está no âmbito da direção argumentativa, distinta em (19) e (19a).

Quando ocorrem no indicativo, como nos casos acima, e de acordo com o que postula Crevels (1998) para ocorrências prototípicas das camadas mais altas, tende-se a associar esse uso à noção de que se veicula na oração concessiva informação nova, não conhecida pelo interlocutor. Em contrapartida, quando o verbo está no subjuntivo, a informação expressa na concessiva é tratada pelo falante como dada, já conhecida pelo ouvinte.

Tanto no que se refere ao tipo de informação veiculada quanto à escolha modo-temporal para a oração com *aunque*, os dados revelam que a classificação de *aunque* adversativo dada pela literatura não se sustenta, pois o estatuto informacional (informação dada ou nova) e a forma verbal (indicativo ou subjuntivo) são distintos para concessão e adversidade.

Em números, a análise de dados nos mostra a frequência dos usos de indicativo e subjuntivo no verbo da oração concessiva nas camadas do Movimento e do Ato Discursivo, no NI: 58% das ocorrências de Movimento com o verbo da oração concessiva no subjuntivo e 42% no indicativo; nos casos de concessão entre Atos Discursivos a diferença é ainda menor, com 49% dos casos com verbo no subjuntivo contra 51% em que o verbo da construção com *aunque* aparece no indicativo (cf. Quadro 7, a seguir).

No entanto, chamam nossa atenção os números de ocorrência de subjuntivo na camada do Movimento e do Ato Discursivo, o contrário do se poderia esperar, já que, como afirma Crevels (1998), o indicativo costuma ser mais recorrente nos níveis mais altos de estruturação linguística. Isso se deve possivelmente ao fato de que, como entende Garcia (2014, p.154-

155) para os dados do português, historicamente, a forma verbal recorrente é o subjuntivo, modo característico das concessivas introduzidas por essa conjunção.

4.4.2 Correlação modo-temporal entre oração principal e oração concessiva

Quanto ao modo verbal, isoladamente, as correlações mais recorrentes nos casos de concessão entre Atos Discursivos são: indicativo na oração principal e subjuntivo na concessiva (44%), e indicativo na principal e indicativo na oração concessiva (44%).

No que se refere à correlação modo-temporal entre a oração principal e a oração concessiva, a mais recorrente nos dados do NI (18%) é o presente do indicativo na oração principal e o presente do subjuntivo na oração concessiva. As ocorrências abaixo exemplificam as correlações temporais mais recorrentes na relação de concessão no NI:

(20) *pues sí: un poco: y cuando- y cuando a la gente le pasa algo **debe** denunciarlo **aunque no sirva de momento parece que para nada** ¿no?// (34, M-AH, 10)*

sim, um pouco, e quando acontece algo, se deve denunciar, embora não sirva no momento parece que para nada, não?

(21) (1) *incluso los profesores te dicen/ «pues va a caer esto: de aquí estudiaros esto:»/ que ya te van dando un poco:/ y en septiembre siempre dicen que es más fácil/ **aunque es más difícil que te cojan***

(2) *claro porque ya:/ quedan menos plazas libres (11, M-AH, 23)*

(1) inclusive os professores te dizem que vai cair isto, para estudar isto, e em setembro sempre dizem que é mais fácil, embora seja mais difícil que te peguem

(2) claro, porque já sobram menos vagas livres

(21a) *incluso los profesores te dicen/ «pues va a caer esto: de aquí estudiaros esto:»/ que ya te van dando un poco:/ y en septiembre siempre dicen que es más fácil/ **pero es más difícil que te cojan***

inclusive os professores te dizem que vai cair isto, para estudar isto, e em setembro sempre dizem que é mais fácil, mas é mais difícil que te peguem

Em (20), verificamos a ocorrência de uma das correlações modo-temporais mais frequentes nos dados do corpus: o presente do indicativo na oração principal e o presente do subjuntivo na oração concessiva. O verbo da oração principal *debe* caracteriza o uso do indicativo, enquanto a forma *sirva* aparece posposta, na função retórica concessão, caracterizando o uso do subjuntivo (*aunque no sirva de momento parece que para nada*

¿no?). Em (21), por sua vez, o tempo e o modo que configuram a correlação são o presente do indicativo, tanto na oração principal quanto na subordinada, com a forma *dicen* (*y en septiembre siempre dicen que es más fácil*) e o uso de *es* (*aunque es más difícil que te cojan*), o que também caracteriza uma ocorrência prototípica, de acordo com os dados coletados do corpus. Em (21a), por exemplo, é ilustrada uma possibilidade de substituição por *pero*, permitida pelo modo verbal (a substituição só é possível porque o verbo – *es* – está no indicativo). Ainda assim, apesar de a substituição ser possível em nível formal, outros aspectos, como o da direção argumentativa, impedem que (21) e (21a) sejam construções discursivamente equivalentes. Sendo assim, os usos concessivo e adversativo se distanciam no domínio pragmático de análise.

No quadro abaixo, estão apresentadas as correlações verbais encontradas nos dados do corpus, quando a concessão constitui função retórica e função semântica. Foram retirados da análise os casos de concessão que configuram uma informação adicional, na camada do Movimento, já que, dadas as particularidades que as constituem, essas unidades não estabelecem relação com uma oração principal, mas com toda a porção textual que as antecede:

Verbo da oração principal	Verbo da oração concessiva
Presente de indicativo	Presente de subjuntivo
Presente de indicativo	Presente de indicativo
Presente de indicativo	Pretérito perfecto de indicativo
Presente de indicativo	Condicional de indicativo
Pretérito imperfecto de indicativo	Presente de indicativo
Pretérito imperfecto de indicativo	Presente de subjuntivo
Pretérito imperfecto de indicativo	Pretérito perfecto de indicativo
Pretérito imperfecto de indicativo	Presente imperfecto de subjuntivo
Pretérito imperfecto de indicativo	Pretérito imperfecto de indicativo
Pretérito imperfecto de subjuntivo	Presente de indicativo
Pretérito perfecto de indicativo	Pretérito perfecto de subjuntivo
Pretérito perfecto de indicativo	Pretérito imperfecto de subjuntivo
Pretérito perfecto de indicativo	Presente de indicativo
Futuro imperfecto de indicativo	Presente de indicativo
Presente de subjuntivo	Presente de subjuntivo

Quadro (6): As correlações das formas verbais da concessão no NI (função retórica)

A partir da análise das ocorrências, podemos concluir que, embora o subjuntivo tradicionalmente ainda seja o modo verbal prototípico da concessão no espanhol, nas ocorrências pertencentes ao NI, é bastante recorrente (44%) o uso do indicativo já que, como vimos, tende a aparecer nos estratos relacionados aos aspectos pragmáticos da interação.

Além disso, verifica-se que, dadas as correlações modo-temporais apresentadas, as únicas formas passíveis de aproximação às estruturas adversativas são aquelas que apresentam o uso do indicativo na concessiva (44% dos dados), como exemplificado em (21) e (21a) acima (o que se comprova por meio da substituição por *pero*), qualquer que seja a correlação temporal estabelecida entre a oração principal e a concessiva. No entanto, como já mencionado neste capítulo, a aproximação, possível por meio do uso do indicativo, não justifica a sobreposição de valores, já que, como postulam Koch (1993) e Castilho (2012), concessão e adversidade têm direções argumentativas distintas. Nesse mesmo sentido, conforme constatamos por meio da análise dos dados, têm também diferentes atuações nos níveis e camadas da GDF.

4.5. Posição da oração introduzida por *aunque* com relação à oração principal

No que se refere à posição da oração subordinada com relação à oração principal, são admitidas pela Gramática Tradicional, primeiramente, duas possíveis posições: quando ela ocorre anteposta ou posposta à oração principal, tomando como referência o verbo da oração principal. Matte Bon (2003) reconhece essas duas possibilidades ao declarar que “a oração concessiva introduzida por *aunque* pode vir antes ou depois da oração principal” (MATTE BON, 2003, p.213).⁸⁰ Na Gramática Tradicional⁸¹, não encontramos a motivação para a ocorrência de tais posições. Diferentemente da perspectiva tradicional, no entanto, a GDF afirma que a posição não é aleatória, mas obedece a propósitos comunicativos.

Neves (2000), à luz do funcionalismo, admite que, em português, a posposição da oração subordinada concessiva é mais frequente do que a anteposição. Essa afirmação vai ao encontro do que fundamentam Hengeveld e Mackenzie (2008), pois, para eles, a concessão é fundamentalmente uma função retórica, uma relação que ocorre quando o Ato Subsidiário, que carrega a concessão, ocorre posposto ao Ato Nuclear, uma consequência da supremacia

⁸⁰ La oración concesiva introducida por *aunque* puede ir antes o después de la oración principal (MATTE BON, 2003, p.213).

⁸¹ Da perspectiva funcional, Neves (2000) propõe também a *posición intercalada*, possível nos casos de elementos topicalizados ou focalizados.

da pragmática sobre a semântica e sobre a sintaxe, já que a intenção do falante é “conceder”, convencer, guiar, corrigir algo expresso anteriormente, no Ato Discursivo nuclear e, assim, atingir seus objetivos conversacionais. Em resumo, a oração concessiva, que corresponde ao Ato Subsidiário de concessão, ocorrerá posposta à oração principal, que corresponde ao Ato Nuclear, conforme se observa em (22) a seguir, em que *aunque te advierto que cuando yo hice la carrera había pocas mujeres que estudiaran* é uma estratégia retórica do falante no sentido de convencer ou simplesmente mostrar ao seu interlocutor que não desconsidera o fato de poucas mulheres estudarem naquele período:

(22) *ése es un: tributo que se paga en los estudios// aunque te advierto que cuando yo: hice la carrera había:-// de Alcalá había pocas-/ pocas mujeres que- que estudiaran* (52, M-AH, 16)

e esse é um preço que se paga nos estudos, embora te advirta que quando eu fiz a faculdade sabia que em Alcalá havia poucas mulheres que estudavam

Neves (1999) admite a recorrência dessa posição dado o caráter essencialmente comunicativo desse tipo de construção. A autora entende, ainda, que essas construções dificilmente teriam uma função tópica, já que “têm muito de um adendo, porção do enunciado em que o falante volta ao que acaba de dizer, pesando *a posteriori* objeções à sua proposição” (NEVES, 2000, p.878). Esses casos, em nossos dados, representam aqueles mesmos aos quais a literatura atribui equivalência com as estruturas adversativas. Isso acontece justamente porque, como reconhece Flamenco García (2000), as construções adversativas introduzidas por *pero* ocorrem obrigatoriamente pospostas à oração principal.

No que diz respeito à anteposição, Neves (1999) afirma que, nesses casos, as concessivas antepostas carregam a informação já conhecida para o interlocutor e que, por isso, tendem a ocupar posição tópica, caso em que a oração concessiva pode servir como uma prevenção para possíveis objeções do ouvinte (NEVES, 1999). No âmbito da GDF, a anteposição da oração concessiva com relação à principal pode ser explicada pelo tipo de relação existente entre as estruturas envolvidas, uma pista morfossintática de que se trata de uma relação no Nível Representacional, entre Conteúdos Proposicionais, quando o falante pretende antecipar uma possível objeção do ouvinte a respeito do que diz em seu discurso, como em (23) a seguir:

(23) *y había una relación más de:- de eso de:- de pueblo// aunque fuera una ciudad o un pueblo grande/ era más/ una relación de pueblo cada barrio// después ya cuando salías de:-/ de Alcalá pu- de:l barrio pues ya era más difícil ¿no? El:-/ el conocer a tanta gente (1, H-AH, 37)*

e havia uma relação de cidade pequena, embora fosse uma cidade grande, era mais uma relação de cidade pequena, cada bairro. Depois, quando saía de Alcalá, do bairro, já era mais difícil, né? Isso de conhecer tanta gente

Na ocorrência acima, *aunque fuera una ciudad o un pueblo grande* aparece anteposta à oração principal *era más una relación de pueblo cada barrio*, pois configura uma estratégia de antecipação, por parte do falante, a alguma objeção que o ouvinte pudesse fazer se não levasse em conta que o falante considera que o fato de “ser uma cidade grande” possa levar o ouvinte a pensar que as pessoas não tinham entre si uma relação próxima (já que se pressupõe, em termos de conhecimento partilhado, que as pessoas tenham relações mais estreitas em cidades menores). Nesse sentido, além de a anteposição apresentar uma motivação discursiva (uma estratégia de antecipação), vemos que a oração concessiva veicula um constructo mental, algo que está no âmbito dos conhecimentos e crenças dos participantes da interação.

As considerações acima nos permitem dizer que os casos de posposição, no arcabouço da GDF, correspondem às concessivas que atuam no NI, dada a sua função pragmática, e indicam ocorrências na camada do Ato Discursivo. Quando representam um Movimento, não se pode localizar a oração principal, pois a oração concessiva faz referência a todo o contexto anterior. Considera-se, portanto, no que se refere à posição, que ela é morfossintaticamente independente, como exemplifica (24), abaixo, em que *aunque no tenemos plaza* lança luz a um novo assunto (o que é evidenciado, na mudança de turno, pela reação do interlocutor, em *¿qué ha pasado con la plaza?*):

(24) (1) *antes se hacían en la plaza Cervantes/ luego se hicieron en el parque// en el parque O'Donnell luego se- se han ido corriendo/ cambiando de sitio porque cada vez son más-// son más grandes y:// traen un montón de gente bueno/ son unos días que- para que la gente se divierta// se puede di- divertir uno vienen buenos espectáculos vienen buena:-/ buenas corridas// aunque no tenemos plaza pero bueno*
(2) *¿qué ha pasado con la plaza? (45, H-AH, 33)*

(1) antes faziam na praça Cervantes, depois no parque O'Donnell, e iam mudando de lugar porque cada vez eram maiores, traziam muita gente, pois eram dias para as pessoas se divertirem. Vêm bons espetáculos, boas corridas, embora não tenhamos praça, mas ...

(2) o que aconteceu com a praça?

Finalmente, nos casos de concessão entre Atos Discursivos, a posposição da oração concessiva em relação à oração principal é o reflexo, na forma, da função retórica Concessão, em que o enunciador busca atingir seus objetivos comunicativos de alguma maneira, no sentido de persuadir seu destinatário, estratégia inerente a qualquer relação interpessoal. (25) e (25a), a seguir, exemplificam esse tipo de situação:

- (25) (1) *damo le llaman// (risa = 2) en vez de dama// (e:)/ el damo*
 (2) *¡ay por favor!//*
 (1) *y ahora está muy en auge eso// y luego pues eso que te decía// en Meco:/// es otro estilo*
 (2) *(hm)//*
 (1) *porque es-/ ya la gente se conoce más (lapso = 2) **aunque en Meco está cambiando mucho eso** porque ya te digo que está yendo: muchísima gente de fuera// y los de Meco son muy de Meco// (risa = todos) son muy cerrados/ para ese:-/ esas cosas/// (17, M-AH, 5)*

- (1) Chamam-lhe damo, em vez de dama, damo
 (2) ai, por favor!
 (1) e agora isso está muito em alta, isso que te dizia, em Meco é outro estilo
 (1) porque as pessoas se conhecem mais, embora em Meco isso já esteja mudando muito porque agora tem muita gente de fora, e os de Meco são muito de Meco, são muito fechados para isso, essas coisas

(25a) *Ya la gente se conoce más, **pero en Meco está cambiando mucho eso***

As pessoas se conhecem mais, mas em Meco isso já está mudando muito

Nesses casos, dada a posposição da oração concessiva, a substituição de *aunque* por *pero* é admitida, o que reforça a possibilidade encontrada na literatura de aproximar essas estruturas dos casos de adversidade. Em (25) e (25a), vemos uma ocorrência de concessão como função retórica e a posterior substituição, na mesma ocorrência, de *aunque* por *pero*. É compreensível a dada proximidade entre os dois casos já que a posição é uma pista de que tanto *aunque en Meco está cambiando mucho eso* quanto *pero en Meco está cambiando mucho eso* funcionam como estratégias retóricas, utilizadas pelo falante a fim de atingir seus propósitos comunicativos diante do interlocutor. O que as distancia, então, é a direção argumentativa, distinta para concessão e para adversidade.

Feita uma breve descrição a respeito das posições que a oração concessiva pode assumir, constata-se que os casos de anteposição não permitem uma interpretação adversativa. Em contrapartida, quando a relação Concessão ocorre no NI, e portanto refere-se às camadas do Movimento ou do Ato Discursivo, permitem uma leitura adversativa pois, assim como

elas, são fundamentalmente voltadas para a interação, seja quando configuram funções retóricas e estão postas à oração principal (54%), seja quando funcionam como um adendo feito pelo falante no sentido de impulsionar a interação e aparecem em posição independente (46%).

4.6. Tipo de dependência no Nível Morfossintático

Se NI e NR dizem respeito à formulação, da maneira como o falante pretende organizar seu discurso visando ao seu interlocutor, o NM refere-se à codificação do que é expresso nesses níveis, já que

trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Juntamente com o Nível Fonológico, ele cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais. Diante dessa função, muito do que acontece no Nível Morfológico é funcionalmente motivado (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.283).

Cuida, portanto, dos aspectos estruturais da expressão linguística e dá conta das questões referentes tanto à morfologia quanto à sintaxe. A Expressão Linguística, camada mais alta do nível, pode ser constituída de pelo menos uma unidade que possa ser usada de forma independente, a qual pode ser uma Oração, um Sintagma ou uma Palavra.

Os dados mostram que as relações Concessivas se configuram, no NM, na camada da Expressão Linguística.

Quando as unidades relacionadas não são parte uma da outra, podem combinar-se de diferentes maneiras: *Equiordenação*, *Cosubordinação* e *Coordenação* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 309).⁸² Como já mencionado, na *Equiordenação*, há mútua dependência entre as unidades; dado o uso correlativo, nenhuma das duas unidades poderia ser usada independentemente. Na *Cosubordinação*, por sua vez, uma unidade poderia ser usada independentemente e a outra não. No último caso, o da *Coordenação*, duas ou mais unidades não são constituintes uma da outra e poderiam ocorrer por si só.

Os casos de concessão no NI são codificados, no NM, na camada da Expressão Linguística. As relações concessivas que ocorrem entre Atos Discursivos, aquelas que constituem funções retóricas, são representadas na Expressão Linguística como *Cosubordinação*. Nesses casos, ocorre o que Hengeveld e Mackenzie (2008, p.308-309)

⁸² Equiordination, cosubordination and coordination (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 309).

entendem como dependência unidirecional, já que uma unidade pode ser usada de maneira independente, como em (26), a seguir:

(26) *me gusta porque es/ lo suficientemente grande/ aunque esto es un* (15, H-AH, 3)

eu gosto porque é suficientemente grande, embora isto seja uma cidade pequena

Ocorrências como (26), acima, são reconhecidas, nos moldes da GDF, como casos de *Cossubordinação*, já que, como se observa, a oração *me gusta porque es lo suficientemente grande* poderia ocorrer de maneira independente e *aunque esto es un pueblo* não.

Stassi-Sté (2012) propõe, para os casos em que a relação concessiva não se dá entre Atos Discursivos, mas sim na camada do Movimento, (a mais alta do NI), a existência, nesse nível, da camada do *Discurso*, mais alta do que a camada do Movimento, que “representa a relação entre dois ou mais Movimentos de um mesmo turno ou de diferentes turnos formando uma unidade discursiva mais abrangente” (STASSI-SÉ, 2012, p.196). Como consequência, essa relação entre Movimentos se codifica, no NM, em uma camada mais alta que a da Expressão Linguística, o que leva a autora a propor a incorporação, ao modelo da GDF, da camada do *Texto*. Para Stassi-Sé (2012):

Essa necessidade surge do fato de as Funções Interacionais serem codificadas no NM por meio das mesmas “conjunções lexicais” utilizadas na subordinação adverbial, uma vez que nesse nível temos a relação entre Expressões Linguísticas que constituem um Texto (STASSI-SÉ, 2012, p.197).

Dessa maneira, apoiamo-nos na proposta de Stassi-Sé (2012) a fim de classificar os casos de concessão expressos na camada do Movimento, reconhecidos pela autora como ocorrências correspondentes à camada do *Texto*, no NM, como representado em (27), a seguir, em que a relação de dependência entre orações não é sintática:

(27) (1) *entonces mi idea era ésa pues// sacarme el carnet y a ver (lapso = 2)*
posibilidad de comprarme un coche pero:// lo veo muy mal ahora//
 (2) *aunque de segunda siempre tendrías// coches para ti y eso*
 (1) *sí:// pero es que no hay (risa = 1)//*
 (2) *¿no hay:?*
 (1) *no hay* (17, M-AH, 5)

- (1) então minha ideia era essa, tirar carta e ver a possibilidade de comprar um carro, acho que agora não dá
 (2) embora de segunda (mão) sempre teria um carro para você
 (1) sim, mas é que não tem
 (2) não tem?
 (1) não tem

Assim, em casos como (27), há dependência pragmática, e não sintática, entre as unidades do discurso. Para além da Expressão Linguística, esse Movimento de reação constitui no NM uma unidade de sentido que não depende morfossintaticamente de nenhuma oração imediatamente anteposta ou posposta e ocorre, portanto, na camada do *Texto*.

Esses casos representados não estão, portanto, entre aqueles clássicos de concessão (que geralmente equivalem a estruturas do NR), pois servem a propósitos comunicativos e configuram funções retóricas ou *funções interacionais*, casos que apresentam as mesmas características das construções adversativas, pois são informações contrastivas que o falante apresenta a fim de restringir, limitar ou até corrigir o conteúdo imediatamente anterior ou toda a porção discursiva anterior a fim de atingir seu propósito comunicativo.

A adversidade, postulada pela Gramática Tradicional como uma relação de coordenação entre sentenças, tem, na GDF, um estatuto não muito claro, já que, para esses casos, a noção de que as unidades não são constituintes uma da outra e que poderiam ocorrer por si só parece não ser suficiente para caracterizar essa relação. Ao que parece, o que o aparato teórico da GDF reconhece como coordenação diz respeito a relações como as de adição, como expresso em exemplo dado anteriormente (*Os Celtics ganharam e os Rangers perderam*). Apesar do estatuto ainda questionável, o “misto” concessivo/adversativo (admitido por Neves, 2000 e outros autores) pode ser explicado dada a possibilidade de as estruturas adversativas serem ocorrências que contrastam informações que corrigem, limitam ou restringem o que foi dito anteriormente, o que caracteriza, na GDF, função retórica (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008) ou até *função interacional* (STASSI-SÉ, 2012), ambas no NI.

O que essas duas funções apresentam em comum é o fato de serem ocorrências do NI e servirem essencialmente a propósitos interacionais. Construções concessivas pertencentes às camadas do Movimento e do Ato Discursivo são, pois, comumente postas em equivalência às estruturas adversativas, o que se comprova por meio da já conhecida substituição de *aunque* por *pero* (cf. capítulos 1 e 2) feita pela literatura.

Em (28) e (29), estão adaptadas as ocorrências (4) e (5) anteriores (cf. 4.1): são casos em que, formalmente, a substituição é possível, já que a oração concessiva ocorre anteposta à principal e o verbo da concessiva ocorre no indicativo (cf. 4.4 anterior):

(28) *tienes unas cosas que se van perdiendo/ **pero yo creo que lo bueno es no perderlas enteras***

tem umas coisas que vão se perdendo, mas eu acredito que o bom seja não perdê-las totalmente

(29) *e:s un espacio: (e:) privado/ solamente de los: **pero no pasa la gente por allí/***

é um espaço privado, somente dos ... mas não passa gente ali

Nas ocorrências acima, observa-se que, diferentemente do que apontam os autores mencionados, a substituição é possível somente no nível formal, o que culmina na suposta equivalência postulada pela Gramática Tradicional. Contudo, ao fazer a substituição, o falante muda radicalmente a direção argumentativa que pretende conferir a seu discurso. Ao optar por *tienes unas cosas que se van perdiendo/ **pero yo creo que lo bueno es no perderlas enteras*** e não por *tienes unas cosas que se van perdiendo/ **aunque yo creo que lo bueno es no perderlas enteras*** (ou vice-versa), direciona o peso argumentativo para o enunciado introduzido pelo conector adversativo, o que não ocorre nas construções concessivas, nas quais “prevalece a orientação argumentativa do enunciado não introduzido pelo operador concessivo” (KOCH, 1993, p.66). Além disso, nos termos da GDF, o estatuto dos Atos Discursivos também muda, já que marcar o segundo Ato por meio do nexos *pero* (o que o torna o Nuclear) faz com que a informação veiculada pela estrutura introduzida por *pero* seja informacionalmente mais relevante (*figura*).

Após a análise individual dos fatores que nos permitem analisar as construções concessivas à luz da GDF, apresentamos a descrição que relaciona os fatores mais relevantes a fim de buscar possíveis explicações para a questão referente à sobreposição de valores de concessão e de adversidade nas orações encabeçadas por *aunque* no espanhol falado. Constatamos que as ocorrências tratadas como casos de sobreposição são, na verdade, aquelas que se relacionam aos aspectos pragmáticos da língua, atuam, portanto, no Nível Interpessoal, que compreende os aspectos voltados à interação.

Assim, apresentamos, no quadro que segue, um resumo de tudo o que foi posto neste capítulo, a partir da análise da totalidade das ocorrências:

Fator de análise/quantificação	Ocorrência	Características
Nível do componente gramatical NI e NR: 100% (156) NI: 77% (120) → NR: 23% (36)	(30) (1) ¿sabes? <i>fundamentalmente:</i> <i>contabilidades</i> (2) (hm) (hm) (1) <i>aunque se hace un poco de todo/ ¿sabes?// hay que aprovechar todo lo que sale</i> (13, H-AH, 1) ⁸³	- Exercem função pragmática - Estão voltadas para o interlocutor/a interação
Camada e tipo de dependência no NM (NI → 120 = 100%) Movimento/ texto: 46% (55) Ato/ cosubordinação: 54% (65)	(31) (1) <i>tendría que:-// se tendría que trabajar mucho para que esta gente// se/ integrase/ realmente/ (e:) en Alcalá// porque claro la gente dice/ los que no son de aquí// yo me considero aunque no- no sea de Alcalá pero vamos me considero de Alcalá por- por los años que llevo //</i> (50, H-AH, 14) ⁸⁴ (32) (2) <i>porque yo cuando se van los críos al colegio y me quedo un rato sola// digo «¡jo qué a gusto!»/ aunque luego los echas de menos pero:/ de momento</i> (16, M-AH, 4) ⁸⁵	- Função interacional (Adendo) - Função retórica (Concessão)
Pressuposição e tempo e modo verbal da oração introduzida por <i>aunque</i> Mov. c/ subj. na or. concessiva: 58% Mov. c/ indic. na or. concessiva: 42% Ato c/ subj. na o. concessiva: 49% Ato c/ indic. na o. concessiva: 51%	(33) (1) <i>cuando hice las oposiciones de correos que tenía yo quince años porque tenía el bachillerato a medias/ y después lo acabé después/// y: hice la carrera de magisterio después/</i> (2) (hm) (1) <i>aunque a mí no me ha gustado:/ magisterio nada//</i> (54, M-AH, 18) ⁸⁶	Tendem a ser: - Não-pressupostas (cf. 3.2) E a ter: - Indicativo na o. conc.: substituição por <i>pero</i>
Factualidade Factuais: 100%	(34) (1) <i>bueno pues ya hemos conseguido muchas cosas pues que no teníamos hace muchísimos años ¿no? aunque</i>	- Descrevem eventos reais/factuais

⁸³ (1) sabe? Fundamentalmente contabilidades

(2) embora se faça um pouco de tudo, sabe? Tem que aproveitar o que aparece

⁸⁴ (1) teria que trabalhar muito para que as pessoas se integrassem realmente em Alcalá, porque, claro, as pessoas dizem, os que não são daqui ... eu me considero, embora não seja de Alcalá, mas, olha, me considero de Alcalá pelo tempo que estou aqui

⁸⁵ (2) porque eu, quando levo os filhos para a escola e fico um pouco sozinha, penso: nossa, que bom!, embora logo a gente sinta falta, mas no momento ...

⁸⁶ (1) quando fiz o concurso dos correios, eu tinha quinze anos, porque estava terminando o ensino médio, e fiz curso de licenciatura depois

(1) embora eu não tenha gostado nada de fazer licenciatura

	<i>todavía quedan nos quedan muchísimas para- para estar a otros niveles de otros sitios/ (8, H-AH, 20)⁸⁷</i>	
<p>Correlação modo-temporal entre oração principal e oração concessiva</p> <p>Ato</p> <p>Indic. na principal e subj. na concessiva: 44%</p> <p>Indic. na principal e indic. na concessiva: 44%</p>	<p>(35) (1) <i>a las diez de la mañana pues he llegado a lo mejor en ferias o: (tch) hay- ha habi- ha habido veces que sí he llegado a las diez de la mañana/ aunque no haya habido ferias (12, M-AH, 24)⁸⁸</i></p> <p>(36) (1) <i>además vivo en un callejón que nunca sabes con quién te vas a encontrar/ aunque nunca me ha pasado nada:/ pero: ... (11, M-AH, 23)⁸⁹</i></p>	<p>- Relação com a adversidade apenas nos casos de indicativo na concessiva, qualquer que seja a correlação modo-temporal</p>
<p>Posição</p> <p>Movimento/independente: 46%</p> <p>Ato/posposta: 54%</p>	<p>(37) (2) <i>¿qué cosas te atraen más de Madrid?</i></p> <p>(1) <i>bueno pues la diversidad de: cosas que hay: para poder hacer// de: en cuanto al ocio: y:- y demás ¿no?</i></p> <p>(2) <i>(hm) (hm)</i></p> <p>(1) <i>que aunque Alcalá tiene pero: también// en menor proporción ¿no? (28, M-AH, 28)⁹⁰</i></p> <p>(38) (1) <i>el distrito cuatro que coge además también me parece: Tabla Pintora y Nuevo Alcalá/ aunque son dos barrios muy: separados// que también han hecho bueno (26, H-AH, 26)⁹¹</i></p>	<p>- Posposição (Ato): possibilidade de substituição por <i>pero</i></p>

Quadro (7): Caracterização geral das orações concessivas do NI, o que justifica sua associação às estruturas adversativas

⁸⁷ (1) bom, nós já conseguimos muitas coisas que não tínhamos há muitos anos, não? Embora nos restem muitas outras para conseguir.

⁸⁸ (1) às dez da manhã eu cheguei na feira. Houve vezes em que, sim, eu cheguei às dez da manhã, embora não tenha havido feira.

⁸⁹ (1) além disso, moro em uma rua onde nunca se sabe quem vai encontrar, embora nunca tenha acontecido nada comigo, mas ...

⁹⁰ (2) o que mais te atrai em Madri?

(1) bom, a diversidade de coisas que têm para fazer, atividades de lazer, não?

(1) que embora Alcalá tenha, mas em menor proporção, não?

⁹¹ (1) o distrito quatro pega também Tabla Pintora e Nuevo Alcalá, embora sejam dois bairros muitos separados que também fizeram, bom ...

A ocorrência ilustrada em (30) pertence ao NI, pois *aunque se hace un poco de todo* funciona para fins interacionais. O falante discorre sobre os cargos nas empresas e a necessidade de se trabalhar com qualquer coisa que apareça. Nesse sentido, ao mencionar que se trabalha naquela empresa especialmente com contabilidade, insere a concessiva como forma de mostrar ao seu interlocutor que não desconsidera o que vinha falando antes, que “se faz um pouco de tudo”.

Em (31), há claramente a ocorrência de uma estrutura parentética. Ao esclarecer a relação que tem com a cidade de Alcalá, insere o Movimento *aunque no sea de Alcalá* como uma cisão no tópico discursivo *yo me considero de Alcalá* para, logo em seguida, retomar o tópico com *me considero de Alcalá por los años que llevo*.

Já em (32), ainda que, assim como (31), trate-se de uma construção pertencente aos estratos mais altos de organização do modelo da GDF, a relação concessiva ocorre entre Atos Discursivos. O falante, ao dizer que gosta dos momentos em que os filhos estão na escola, porque fica tranquilo em casa, insere a concessiva *aunque luego los echas de menos* como forma de evidenciar a seu interlocutor que, apesar disso, sente falta dos filhos quando eles estão na escola (o que comumente se espera dos pais). Utiliza a relação de concessão, portanto, como função retórica, informação que lança após pensar que pode ser mal interpretado (julgamento próprio) por seu ouvinte.

Em (33), a pressuposição e a correlação modo-temporal estão evidentemente atreladas. A informação pode ter sido adicionada pelo falante (*aunque a mí no me ha gustado magisterio nada*) por considerá-la nova, desconhecida por seu interlocutor, ou simplesmente porque julga importante mencioná-la. Em todo caso, a forma verbal com indicativo é a preferida para estes casos de informação não pressuposta (ou que o falante considera importante enfatizar) e também a única que pode suscitar uma possível leitura adversativa.

No que se refere à factualidade, como em (34), a concessiva *aunque todavía quedan nos quedan muchísimas para estar a otros niveles de otros sitios* tem perspectiva factual, de evento real, e não potencial (apenas possível) assim como na totalidade dos dados analisados. Tal constatação parece ir ao encontro dos postulados de Pérez Quintero (2002) e Garcia (2010) para a factualidade das concessivas.

No que diz respeito às correlações modo-temporais, (35) e (36) ilustram que o indicativo na principal com subjuntivo na concessiva e o indicativo na principal com indicativo na concessiva, respectivamente, foram as mais recorrentes nos dados do cópulus. Quanto à sobreposição às adversativas, os únicos casos possíveis são aqueles como em (36), em que o verbo da concessiva aparece no indicativo.

Por fim, (37) e (38) representam o critério da posição que ocupam as estruturas prefaciadas por *aunque*. Como vimos, a sobreposição só ocorre em casos em que a oração concessiva aparece em posição independente ou posposta à oração principal, posição essa motivada pela função interacional ou retórica que exercem essas construções.

Buscamos, com o quadro, traçar um panorama da atuação da concessão no NI e dos aspectos que justificam a ideia da sobreposição de valores de concessão e de adversidade na mesma medida em que dão força à hipótese de que é a intenção, o propósito comunicativo que tem o falante com relação ao seu ouvinte que governa a escolha por uma construção adversativa ou concessiva. Sendo assim, a ideia da sobreposição se mostra insuficiente a partir da constatação de que o peso e a direção argumentativa são distintos quando da concessão e da adversidade.

CONCLUSÕES

No presente trabalho, intitulado “Entre a concessão e a adversidade: construções com *aunque* no espanhol peninsular falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional”, investigamos o fenômeno da sobreposição semântica entre concessão e adversidade nas construções introduzidas por *aunque*. Procuramos sistematizar alguns aspectos das orações concessivas introduzidas por *aunque* que, por vezes, é postulada pela literatura tradicional como tendo um parentesco lógico com as estruturas adversativas. Para tanto, valemo-nos de amostras de fala referentes ao Projeto PRESEEA.

De acordo com a análise de dados realizada e a partir de sua adequação ao suporte teórico, concluímos que o que justifica o equívoco da sobreposição semântica entre concessão e adversidade é o fato de que tais casos pertencem aos estratos mais altos de organização linguística, o que, na GDF, corresponde às relações dadas no NI. Isso significa que são usos essencialmente voltados para os objetivos interacionais inerentes a todo e qualquer intercâmbio comunicativo.

Ao investigar as propriedades da relação de concessão nos níveis e camadas postulados pela GDF que, de acordo com a Gramática Tradicional, permitem leitura ora concessiva ora adversativa, os dados mostram que essas relações podem exercer funções retóricas, quando dada entre Atos Discursivos, ou exercer *funções interacionais*, quando dada entre Movimentos. Ambos os casos atuam na interação, pois funcionam como estratégias do falante a fim de atingir determinados propósitos comunicativos, seja “concedendo” ou guiando seu interlocutor, seja acrescentando informações contrastivas que julga relevantes para atingir seus objetivos interacionais, respectivamente. Os dados revelam que essas construções são não-pressupostas e factuais. A não-pressuposição se explica pelo fato de que, assim, não importa para o falante se o ouvinte sabe ou não do que se trata, ele apresenta o Conteúdo Comunicado contido no Ato ou no Movimento como novo, pois julga relevante no momento da interação. A factualidade, por sua vez, dá conta do valor de realidade dos eventos.

No que diz respeito à posição, verificamos que a posposição, e não a anteposição, da oração encabeçada por *aunque* em relação à oração principal forma parte dos critérios apontados pela literatura para explicar a sobreposição de valores.

Tal sobreposição pode ser justificada, também, pelo estatuto questionado que tem a adversidade dentro do arcabouço teórico da GDF: a relação reconhecida pela Gramática Tradicional como sendo de coordenação desempenha, na GDF, função retórica ou *função interacional*, ambos no NI. Em outras palavras, a adversidade, da maneira como é concebida pela Gramática Tradicional, como uma relação de coordenação entre sentenças, tem, na GDF, sua classificação de estrutura tradicionalmente coordenada questionada, já que, como vimos acima, a relação de que os elementos não são constituintes uns dos outros e todos podem ocorrer isoladamente não parece bastar. De tal maneira, a sobreposição postulada pelos autores pode ter sua origem na possibilidade de que a adversidade desempenhe função retórica (entre Atos Discursivos) ou *função interacional* (entre Movimentos), no NI.

Hengeveld e Mackenzie (2008) preveem, no entanto, que, na tradicional função retórica concessão, o Ato Nuclear é comunicativamente mais saliente, e não o Subsidiário, que carrega a Concessão (o juntor concessivo). Já nos casos de adversidade como função retórica, é o Ato que carrega o nexos adversativo que apresenta maior peso informacional, portanto o Nuclear. Isso significa que ambos os casos constituem funções retóricas, mas com estatutos diferentes.

Isso vai ao encontro das distintas direções argumentativas que têm os dois tipos oracionais, como entende Koch (1987) para as funções discursivas de concessão e adversidade. Garcia (1994 apud Garcia, 2002, p.32), nesse mesmo sentido, propõe o critério da preferência, denominado pela autora como *lei da preferência*, para distinguir os dois tipos de construções: a concessiva significa uma *restrição desprezada*, porque se impõe a antipreferência expressa pelo termo concedido, a adversativa é uma *restrição conservada*. Para a autora, “tanto as concessivas quanto as adversativas se movem no universo pragmático estabelecido pela *lei da preferência*”. O esquema da concessão, então, seria aquele em que a informação tida como *figura* não carrega o juntor concessivo, já a informação de *fundo* é aquela que leva o juntor; no caso da adversidade, em contrapartida, o elemento introduzido pelo nexos adversativo é *figura* e não *fundo*:

Esquema adversativo

A **pero B**
 fundo figura

Esquema concessivo

aunque A **B** ou **A** **aunque B**
 fundo figura figura fundo

Dessa forma, o misto adversativo/concessivo assinalado por diversos autores parece existir porque tanto concessão quanto adversidade se relacionam ao que a GDF denomina função retórica, no NI, uma vez que constituem uma informação contrastiva que corrige, restringe, concede algo com relação ao que já foi dito, isto é, com relação ao que foi dito no Ato Discursivo imediatamente anterior ou em porções discursivas maiores, também anteriores.

Se o aparato teórico da GDF nos ajuda a explicar a origem do equívoco, nos apoiamos nos estudos do texto a fim de justificar os motivos pelos quais, apesar das proximidades lógico-semânticas já mencionadas, *aunque* só veicula informação concessiva: de acordo com a *lei da preferência* (GARCIA, 1994 apud GARCIA, 2002, p.33), “as expressões concessivas estão construídas sobre a antipreferência e as adversativas sobre a preferência”. Portanto, ao optar por uma construção com *aunque* ou *pero* o falante tem em mente a orientação argumentativa que pretende conferir a seu discurso, orientação essa distinta para concessão e adversidade.

Como admite Castilho (2012), o que distingue os diferentes usos dessa conjunção diz respeito à estratégia argumentativa utilizada pelo falante, já que no caso da adversidade

ele emprega a “estratégia do suspense”, isto é, faz com que venha a mente do interlocutor a conclusão R para depois introduzir o argumento que levará a conclusão ~R; ao empregar o *embora*, o locutor utiliza a “estratégia de antecipação”, ou seja, anuncia, de antemão, que o argumento introduzido pelo *embora* vai ser anulado, “não vale” (CASTILHO, 2012, p.353).

Portanto, retomamos aqui nossas questões de pesquisa a fim de concluir que: as estruturas concessivas de fato compartilham propriedades com as adversativas, visto que as ocorrências no NI nos levam a crer que, discursivamente, por serem estratégias voltadas para a interação em um mesmo prisma de contraposição de ideias, são usos que podem ser

aproximados em determinados contextos. No entanto, a aproximação, a nosso ver, não justifica uma sobreposição ou um misto concessivo/adversativo, como postulam alguns autores, uma vez que fatores morfossintáticos, semânticos e pragmáticos refutam essa ideia: concessão e adversidade têm direções e pesos argumentativos distintos, e o falante se vale dessa distinção para atingir seus propósitos comunicativos, sejam eles quais forem.

Tendo isso em vista, os dados convergem em direção à nossa hipótese de que todo uso de *aunque* é concessivo, e o que permite uma leitura adversativa é, na verdade, uma questão de ordem pragmática. Concluimos ser a intenção, o propósito comunicativo que tem o falante com relação ao seu ouvinte o que motiva a direção argumentativa, distinta para concessão e adversidade.

Por fim, esperamos que este estudo possa servir como contribuição no que se refere à descrição do espanhol falado. Além disso, contribuir para a aplicabilidade de um modelo teórico como o da Gramática Discursivo-Funcional, principalmente quando se trabalha com dados de língua falada e se percebe a necessidade do trabalho com pressupostos teóricos que levem em conta a língua em uso, bem como a natureza retórica do uso da linguagem. Nesse sentido, almejamos ter demonstrado as diversas possibilidades de uso de concessão e adversidade, para além daquelas mais tradicionais, já prescritas pela literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASCÓN MARTÍN, E. *Sintaxis: teoría y práctica del análisis oracional*. Madrid: Edinumen, 2000.

CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São. Paulo: Editora Contexto, 2012, 768 p.

CREVELS, M. Concession in Spanish. In: HANNAY, Mike; BOLKESTEIN, A. Machtelt. *Functional Grammar and verbal interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, v. 44, 1998. p. 129-148.

_____. *Concession: a typological study*. 2000. 191 f. Tese (Doutorado)-University of Amsterdam, Amsterdam, 2000a.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIK, S. *The theory of functional grammar*. Pt I: The structure of the clause. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

_____. *The theory of Funcional Grammar I*. Dordrecht: Foris, 1997a.

DE KOCK, J. *Aunque con indicativo o subjuntivo en España y América, en español escrito y hablado*. *Lenguaje y textos*, n. 6-7, 1995, p.145-160.

FELIPE, M. A. M. P. *As orações introduzidas por aunque: concessão ou adversidade? Da tradição gramatical à perspectiva linguística*. Mosaico, 2013.

FLAMENCO GARCÍA, L. Las construcciones concesivas y adversativas. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasaa-Calpe, v. 3: Entre la oración y el discurso, 2000. p. 3805-3878.

GARCÉS, M. P. *Oración compuesta en español: estructuras y nexos*. Madrid: Verbum, 1994.

GARCIA, C. B. *Uma abordagem funcionalista das construções com mas e com embora*. 2002. 86f. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

GARCIA, T. S. *As relações concessivas no português falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. São José do Rio Preto, 2010. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. 2010.

_____. *Orações concessivas introduzidas por embora: uma análise Discursivo-Funcional*. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 43, n.1, 2014, p. 145-160.

_____.; PEZATTI, E. G. Orações concessivas independentes à luz da gramática discursivo-funcional. *Alfa*, São José do Rio Preto, v.57, n.1, 2013, p. 475-494.

_____.; FELIPE, M. A. M. P. Orações concessivas prefaciadas por *aunque* no espanhol peninsular falado: uma descrição à luz da Gramática Discursivo-Funcional. *Revista Letras*, Curitiba, v.93, 2016, p.109-130. <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/43239/28595> (acesso em set. 2017).

GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona: Spes, 1955.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990. v. II.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HENGEVELD, K. Adverbial clauses in the languages of Europe. In: VAN DER AUWERA, J. *Adverbial construction in the languages of Europe*. New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.

_____.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: University Press, 2008.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v.56, n.2, 1980, p.251-299.

IBBA, D. Oraciones concesivas y gramaticalización: el caso de *aunque* y *maguer* (que). *Interlingüística*, n. 17, 2007, p.493-502.

JUBRAN, C. C. A. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v.48, n.1, p.33-41, 2006a.

_____. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, v.1. p.301-357, 2006b.

KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. Oxford Textbooks in Linguistics. Oxford: Oxford University Press, 2015.

KÖNIG, E. Concessive clauses. In: ASHER, R. E. (Ed.). *The encyclopedia of language and linguistics*. Oxford: Pergamon, 1994. v. 2. p. 679-681.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. *A coesão textual*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1993.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KROON, C. Discourse markers, discourse structure and Functional Grammar. In: CONOLLY, H. J. (Ed.). *Discourse and pragmatics in Functional Grammar*. New York: Mouton de Gruyter, 1997. p. 17-32.

LANG, E. Adversative connectors on distinct levels of discourse: A re-examination of Eve Sweetser's three-level approach. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter; 2000. p.235-256.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

LEVINSON, S. C. Pragmática. In: *A pressuposição*. Tr. Luís Carlos Borges e Aníbal e Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LUJAN, A. V. En torno a las oraciones concessivas: concesión, coordinación y subordinación. *Verba*, nº 8, 1981, p. 187-203.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2e. Lisboa: Almedina, 1989.

MATTE BON, F. *Gramática comunicativa del español*. 2.ed. Madrid: Edelsa, 2003.

MORENO, V. Indicativo o subjuntivo en oraciones concessivas. *Actas*, nº 6, 1995, p. 275-280.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. As construções concessivas. In: *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, v.7: Novos estudos, 1999, p. 545-591.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p.862-884.

_____; BRAGA, M. L. As construções hipotáticas. In: NEVES, M. H. M. (Org.) *A construção das orações complexas*. Gramática do português culto falado no Brasil, v. 2. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

OLBERTZ, H.; GARCIA, T. S.; PARRA, B. G. G. *El uso de aunque en el español peninsular: un análisis discursivo-funcional*. *Lingüística*, 2016, p.91-111.

PARRA, B. G. G. *Uma investigação discursivo-funcional das orações concessivas introduzidas por aunque em dados do espanhol peninsular*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, São José de Rio Preto, 2016.

PÉREZ QUINTERO, M. J. *Adverbial subordination in English: a functionalist approach*. Amsterdam: Rodopi, 2002.

PEZATTI, E. G. A Gramática Discursivo-Funcional e o contexto. In.: SOUZA, Edson Rosa (Org.). *Funcionalismo Linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 107-132.

_____. *Sintaxe descritiva da língua portuguesa: Gramática Discursivo-Funcional*. São José do Rio Preto, 2017. (Apostila).

_____; LONGHIN-THOMAZI, S. R. As construções coordenadas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. 2: Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, p.865-932.

_____; CAMACHO, R. G. Funções retóricas e ordem: relação entre pragmática e morfossintaxe. In: RIOS, M.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. v. 40. Niterói: Eduff, 2017, p.157-184.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1931.

_____. *Nueva Gramática de la Lengua Española*. Asociación de Academias de la lengua española. Madrid: Espasa Libros, 2009.

RIVAS MUIÑO, E. Observaciones sobre las concesivas. Su comparación con las condicionales y las adversativas. *Verba: Anuario galego de filoloxia*; n.16, 1989, p.237-355.

SÁNCHEZ PEREZ, A. et al. *Gramática Práctica de Español para Extranjeros*, Madrid: SGEL, 1980.

_____. *Gramática Práctica de español para extranjeros*. Madrid: Sociedad General Española de Liberia, 2001.

STASSI-SÉ, J. C. *Subordinação discursiva no português à luz da gramática discursivo - funcional*. 2012. 194f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.